

SÍMBOLOS SECRETOS DOS ROSACRUZES DOS SÉCULOS XVI E XVII



1978

ANO ROSACRUZ

3331



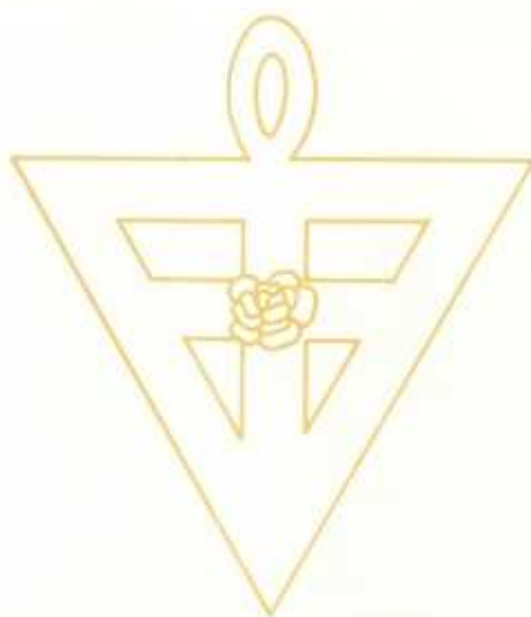
BIBLIOTECA ROSACRUZ

SÍMBOLOS SECRETOS
DOS
ROSACRUZES
DOS SÉCULOS XVI e XVII

ESTE LIVRO PERTENCE A

PUBLICADO PELA EDITORA RENES LTDA.
COM AUTORIZAÇÃO DE RALPH M. LEWIS, F.R.C.,
IMPERATOR DA ORDEM ROSACRUZ, A.M.O.R.C.
1978-ANO ROSACRUZ 3331

SÍMBOLOS SECRETOS DOS ROSACRUZES DOS SÉCULOS XVI E XVII



Reprodução exata do original, com a passagem
do texto alemão para o vernáculo
rigorosamente verificada

COORDENAÇÃO
Maria A. Moura, F.R.C.

BIBLIOTECA ROSACRUZ
Volume Especial



EDITORA RENES

Rio de Janeiro
1978

Publicado originariamente em alemão, sob o título:
GEHEIME FIGUREN DER ROSENKREUZER & C.
Copyright © 1967 by ANCIENT MYSTICAL ORDER
ROSAE-CRUCIS — A.M.O.R.C., São José, Califórnia,
95191, EUA.

EDIÇÃO BRASILEIRA

Diretor-Geral: Renaldo A. Essinger
Diretor Editorial: Armando S. Campbell
Gerência Gráfica: Miguel F. Cuiñas
Tradução: Equipe Renes
Revisão: Rubem M. Jorge

Todos os direitos da edição em língua portuguesa reservados por
EDITORA RENES LTDA. - Rio de Janeiro
Av. Nilo Peçanha, 50, grupo 1001
Tel.: 283-4112 - CGC 33.880.824/0001-52

All rights reserved
Printed in Brazil

Para informação completa quanto aos benefícios e vantagens
da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C., escreva para:

Escreva M.C.E.R. Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C.
Bosque Rosacruz, 80.000, Curitiba, Paraná

PREFÁCIO

O crescente interesse pelos assuntos rosacruzes manifestado por grande parte do público no Mundo Ocidental trouxe à luz, nos últimos vinte e cinco anos, centenas de publicações de natureza rosacruciana. Nos últimos três anos, a busca por um maior número de obras sobre o assunto fez que surgissem livros e manuscritos importantes, muitos dos quais extremamente raros, que revelam fatos e evidências inquestionáveis, que narram uma nova e admirável história dos rosacruzes antigos e modernos.

Entretanto, o velho livro escrito por um desconhecido *Fráter*, que revela — e entretanto oculta — o significado Hermético, Alquímico e Espiritual dos singulares símbolos e Princípios Filosóficos Rosacruzes, será uma das mais apreciadas propriedades do estudioso sincero. Várias reimpressões deste livro, feitas pelos apaixonados de seus desenhos e textos, pelos que se dobraram ao encanto de suas Sagradas Revelações, puseram nas bibliotecas dos colecionadores esta jóia que se coloca acima de toda a estima que se lhe possa ter.

Naturalmente, os Rosacruzes do Ocidente se rejubilarão com esta nova reimpressão, feita com tão cuidadoso carinho pelo texto original e pelas sutis ilustrações que contêm tantos segredos ocultos em minúsculos grupos de palavras e linhas. Que tivesse sido feita apenas um tiragem limitada desta reimpressão, é fato que se coaduna com o antigo e tradicional espírito da Irmandade. Isto faz que surja outro longo período de preservação deste livro nos arquivos de novos centros de atividades, sem prejuízo de sua essencial privacidade.

Tive a ventura de lhe examinar o texto e observar que foram preservados os princípios e termos codificados. Ao estudioso sincero convém que analise com cuidado cada idéia e cada ideograma apresentados em palavra, sentença, desenho ou disposição. Nos anos de 1785 a 1788, quando os Símbolos e Princípios aqui contidos estavam sendo usados a ponto de justificar a Primeira Edição deste livro, os pensamentos do Homem dirigiam-se para canais totalmente novos. Portanto, a singularidade do texto era surpreendente; mas hoje o mundo também está necessitando dessas *verdades* surpreendentes.

Examinei dois dos exemplares originais, em alemão, tão desgastados pelo manuseio que não deixavam dúvida quanto ao útil serviço que prestaram por mais de um século. Suas páginas amarelecidas testemunhavam com eloquência a passagem do tempo, mas delas surgia, firme, nítida, a voz da verdade eterna.

Faço aqui a mais viva recomendação para que cada Fráter e Sóror dos graus avançados e esotéricos da Fraternidade faça por onde pelo menos um exemplar desta antiga e rara obra seja colocado nos arquivos de cada Loja ou Capítulo Rosacruz, para futura referência e consulta por parte daqueles que, de ano para ano, cada vez em maior número, cruzam os seus Umbrais.

E, em nome dos milhares de Neófitos e Adeptos por mim representados, quero agradecer aos Editores pela visão e altruísmo que demonstraram quando se dispuseram a cumprir a difícil e custosa tarefa de republicar esta obra, dando assim oportuníssima contribuição à bibliografia e literatura do verdadeiro Rosacrucianismo.

Nos Laços da Ordem

H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph. D.
Imperator, São José da Califórnia, 15 de novembro de 1935

PREÂMBULO

No ano de 1614, surgiu na cidade alemã de Cassel um livro intitulado "A Descoberta da Fraternidade da Venerável Ordem da Rosa-Cruz", contendo a história, a constituição e as leis da Ordem. Seguiu-se, em 1615, "A Confissão da Fraternidade da Rosa-Cruz", dando 37 razões para a sua existência, definindo seus objetivos e os meios de alcançá-los. Estas duas publicações são em geral denominadas pelos seus títulos em latim, "Fama Fraternitatis" e "Confessio Fraternitatis". Foi esta a primeira vez que essa ordem muitíssimo secreta e oculta expediu qualquer comunicação oficial, sob seu nome e selo. Inúmeras obras, tanto contra como a favor delas, começaram a surgir na Europa, e por algum tempo uma erudita controvérsia ocorreu, tendo atingido certa virulência. Pelo ano de 1630, o ambiente serenou e os anos subseqüentes viram aparecer numerosas obras filosóficas e alquímicas, que alegavam, de modo mais ou menos velado, uma afiliação com a Rosa-Cruz, embora nenhuma delas trouxesse claramente o "Imprimatur" da própria Venerabilíssima Fraternidade. Entre tais obras, muitas tinham como autores nomes ilustres, e há fundadas suspeitas de que escreviam de altos lugares na Irmandade dos Adeptos.

Existem em bibliotecas européias numerosos manuscritos ainda não publicados — alguns, mesmo, em mãos de particulares — que lidam com os problemas da Alquimia, e que professam expor ao leitor os segredos mais ocultos da "Pedra dos Sábios", da "Medicina Universal" e do método de preparar a "Verdadeira Tintura". Acham-se tais manuscritos exarados na enigmática linguagem da Alegoria e do Simbolismo, assim requerendo uma Chave que destranque seus significados. Muitos desses manuscritos parecem ter sido elaborados para circular privativamente entre os estudiosos, e não para publicação ou para leitura do público em geral. Alguns de tais manuscritos são belamente ilustrados com quadros simbólicos e complexos desenhos, que visam a instruir o leitor iniciado nos mistérios da Filosofia Oculta.

No baixa-mar das marés das controvérsias ocorreu um profundo silêncio no que concerne à Fraternidade, até o ano de 1785, quando surgiu na cidade germânica de Altona, próxima de Hamburgo, a primeira parte de um trabalho trazendo indiscutíveis sinais de autenticidade, constituindo, dessa forma, contribuição de suprema importância para a literatura rosacruz. Uma segunda parte apareceu em 1788, completando-se, assim, a obra. Esta consistia em 36 pranchas coloridas, de tamanho *in folio*, cada prancha trazendo apertados textos em latim e alemão, e 16 páginas de duplas colunas, de texto em alemão.

Esta obra só é ultrapassada, em importância, pela "Fama" e pela "Confessio" originais, sendo muito difícil estimar o seu valor para o estudioso. Trata ela dos Ensinamentos Secretos, da Filosofia e da Praxe da Fraternidade, tudo expresso por meio de Alegorias, Sinais, Símbolos e Números de Mistério. Esta é a linguagem da Tradição Secreta, que só pode ser entendida por aqueles que lhe aprenderam o significado através da experiência e da prática; para os demais, ela

talvez nada tenha a dizer. Os documentos mais antigos eram dirigidos aos eruditos, em qualquer parte que estivessem, mas "Símbolos Secretos", por sua própria natureza, é um livro selado, exceto para aqueles que fizeram progresso na senda da "Grande Busca", chamada diversamente "A Pedra do Sábio", "A Pedra Filosofal", o "Summum Bonum" e muitas outras denominações, inclusive, simplesmente, "A Pedra"; ficando assim implícito tudo aquilo que a palavra significa na linguagem da Tradição Secreta. Na sua múltipla representação do assunto, sob todos os aspectos, a obra procura levar o estudioso, por vias enigmáticas, a uma iniciação progressiva nos mistérios inefáveis de Deus, do Homem e do Universo, combinando a Astrologia, a Santa Cabala, a Alquimia, os Três Princípios de Jacob Boehme, o Mistério da Criação do Gênesis, o Carro de Ezequiel, a Filosofia do Logos e as Visões Apocalípticas de São João. Esta não é outra senão a mais elevada posição da Alquimia Espiritual, levando à Regeneração Espiritual e à Renovação da Vida. O efeito combinado de todos esses aspectos da Tradição Secreta, reunidos num só volume, é vertiginoso para a nossa imaginação. Aqui se contém verdadeiramente um estudo para ocupar toda uma existência, um verdadeiro Livro dos Livros para o Currículo da "Casa do Santo Espírito".

A obra "Símbolos Secretos dos Rosacruzes" declara-se, nas páginas de apresentação, originária de um "antigo manuscrito", e que "é agora publicada pela primeira vez". Isto leva a supor que havia apenas um manuscrito, do qual foi extraída a publicação. Mas, sob exame mais cuidadoso, verifica-se que dois dos Tratados de Alquimia incluídos na obra foram anteriormente impressos, um em 1621, o outro, presumivelmente, em 1625. Sabe-se que 30 das 36 pranchas que formam a mais notável e importante parte do livro existiam previamente, num singular manuscrito produzido em torno do ano de 1700.

A obra, na sua forma original, como publicada em Altona em 1785-8, consiste de três tratados separados, um longo poema, 36 pranchas coloridas de página inteira, com 3 pranchas menores, no texto. Um fascículo sem título, sobre a Pedra Filosofal, ocupa o primeiro lugar, e consiste de 4 páginas de texto, seguindo-se 10 pranchas. Depois, aparece uma prancha, de página inteira, da "Tábua de Esmeralda de Hermes," ou "Hermética Tábua Esmeraldina", junto com inscrição enigmática, e segue-se um longo poema explanatório, que ocupa duas páginas e está distribuído em duplas colunas. Seguem-se as quatro páginas da "Idade de Ouro Restaurada", de Madathanus, e 13 pranchas. O terceiro tratado, "Um Tratado Áureo sobre a Pedra Filosofal", o mais longo da coleção, ocupa toda a parte dois, compreendendo 8 páginas de texto e 11 pranchas. O segundo e o terceiro tratados aparecem numa tradução latina, nas três edições, do "Museum Hermeticum", 1625, 1678 e 1749. O original em alemão da "Idade de Ouro" foi impresso em 1621; já o "Tratado Áureo", embora nada se saiba ao certo sobre sua primeira aparição em idioma germânico, acredita-se que tenha sido impresso em 1625, o mesmo ano em que surgiu o texto em latim. Há possibilidade de terem exemplares desses livros extremamente raros e pouco conhecidos sobrevivido e caído em poder do organizador dos "Símbolos Secretos", mas, o mais provável é que tenham passado de mão em mão, em forma de manuscrito, e circulado entre membros da Irmandade, juntamente com as ilustrações simbólicas. A circulação privada de exemplares de livros copiados à mão, sobre os Ensinamentos Secretos da Fraternidade, é prática bem conhecida. Muitos livros sobreviveram dessa forma, não sendo, jamais, impressos.

As 30 pranchas referidas ocorrem num manuscrito belamente pintado, que chegou à América presumivelmente como preciosa propriedade de um dos místicos alemães do início do Século XVIII que para lá se dirigiu em busca de liberdade no Novo Mundo e que se tenha radicado na Pensilvânia. Há uma menção a ele feita pelo Dr. Julius F. Sachse em seu livro "The German Pietists of Pennsylvania", livro no qual várias das pranchas são reproduzidas monocromaticamente. Comparando-se tais pranchas com as da publicação de Altona, é evidente que possuem semelhança bastante para sugerir uma fonte comum. Ainda que o manuscrito não tenha data, pode-se deduzir que seu aparecimento se tenha verificado em torno do ano de 1700, pelo estilo do texto, o colorido das pranchas e a qualidade e textura do papel empregado, tudo sugerindo uma sobrevivência prolongada da arte germânica da iluminura. Não está afastada a possibilidade de ser este um entre vários exemplares pintados e escritos, destinado à circulação privada, apresentando pequenas diferenças nalguns detalhes, provenientes da habilidade e do cuidado do artista. As diferenças, quanto ao livro impresso, encontram-se na disposição e em pormenores, apenas, não afetando o significado e o propósito dos símbolos representados; além disso, deve-se fazer concessão à maior liberdade de interpretação e execução do artesão manual, que difere do repetitivo trabalho mecânico do impressor e do gravador a que estamos, hoje, condicionados.

Esta é a primeira tradução completa do texto de Altona dos "Símbolos Secretos dos Rosacruzes," com reproduções fiéis de todas as pranchas. "A Idade de Ouro Restaurada" e "Um Tratado Áureo" apareceram na tradução inglesa do "Museum Hermeticum", editado por A. E. Waite, em Londres, 1893; certos fragmentos já haviam sido apresentados pelo Dr. Franz Hartmann, em sua imprecisa edição dos "Símbolos Secretos", publicada, em Boston, em 1888. A Parábola do "Tratado Áureo" aparece, traduzida do alemão original, na versão inglesa do Dr. Herbert Silberer em "Problemas de Misticismo e seu Simbolismo", Nova York, 1917, onde surge como o texto principal de sua explanação psicanalítica dos Símbolos de Misticismo e Ocultismo.

À exceção dessas partes do texto, jamais foi tentada, anteriormente, uma tradução completa. As pranchas, todas tendo numerosas divisas, citações e inscrições descritivas em latim e alemão, explanando as Figuras e Símbolos, nunca foram, antes, reproduzidas de maneira completa, exceto no fac-símile fotolitográfico alemão feito em 1919.

A edição de Boston, acima referida, inclui apenas 25 das 36 pranchas, omitindo partes inteiras do texto alemão ligado às pranchas, passando por cima de importante material-chave, parafrazeando e sumariando arbitrariamente. Tal tradução, de modo geral, não faz sentido. Ela menciona assuntos da moderna Teosofia, Filosofia Indiana e misturas de outros assuntos, para criar umas poucas páginas de texto — incluindo um Dicionário de Termos de Ocultismo — em lugar da tradução anunciada no frontispício.

Na edição de Boston não foi feito esforço para traduzir-se o primeiro tratado do livro, sendo o mesmo substituído por uma introdução cheia de divagações. Do "Tratado Áureo", menos de um terço acha-se traduzido; de Madathanus, apenas uns poucos, fracos e insatisfatórios extratos. O texto alemão dos três tratados acha-se ainda mais truncado do que as mutiladas inscrições que aparecem nas pranchas. Com exceção das 25 pranchas, o livro não teria o menor valor para qualquer pessoa, pois é incompleto, sem apuro, enganoso e totalmente falho de senso crítico.

Acredita-se que a tradução dos "Símbolos Secretos" aqui oferecida pela primeira vez e as esplêndidas reproduções de todo o conjunto de pranchas serão muito bem recebidas pelos estudiosos da Tradição Secreta, e levarão ao leitor a contribuição mais importante à literatura rosacruz, depois da "Fama" e da "Confessio". É uma obra de extraordinária importância na literatura do ocultismo e merece íntimo e cuidadoso estudo por parte de quem se interessa pelo ocultismo, de todas as ordens.

BIBLIOGRAFIA

Edições dos
"Símbolos Secretos dos Rosacruz"

A edição de Altona. *Geheime Figuren der Rosenkreuzer, aus dem 16ten und 17ten Jahrhundert. Erstes Heft. Aus einem alten Mscpt. zum erstenmal ans Licht gestellt. Altona, 1785. Gedruckt und verlegt von J. D. U. Eckhardt. Zweites Heft. Altona, 1788.* Este é o título geral, constante da primeira página. O frontispício principal é o seguinte:

Die Lehren der Rosenkreuzer aus dem 16ten und 17ten Jahrhundert. Oder Einfältig A B C Buchlein für junge Schuler so sich täglich fleissig üben in der Schule des H. Geistes; Bildnissweise vor die Augen gemahlet zum neuen Jahr-Exercitio in dem Natürlichen und Theologischen Lichte, u.s.w. Fólio, 18 x 11 1/2 pol. (457 x 292 mm). 36 pranchas e 18 páginas de texto.

O título vai aqui por extenso para que possa ser comparado com o do Manuscrito, que é dado mais adiante.

* * *

Fac-símile da edição de Altona. Foi lançada em 1919 e da página de rosto da obra consta a seguinte nota:

Dieses Werk, "Die Geheimen Figuren der Rosenkreuzer", wurde von der Lithographischen Kunstanstalt C. Paris (Jnh. Bandt) Berlin N.58, Pappel-Allee 27 für den Verlag Von Hermann Barsdorf in Berlin W. 30, Barbarossastrasse 21 auf photolithographischen Wege originalretreu im Jahre 1919 hergestellt.

Possuir esta edição é praticamente possuir a original.

* * *

Edição em inglês, de Franz Hartmann. *Cosmology, or Universal Science, containing the Misteries of the Universe, regarding God, Nature, Man, the Macrocosm and Microcosm explained, etc., by means of the Secret Symbols of the Rosicrucians of the Sixteenth and Seventeenth Centuries. Copied*

and Translated from an Old German Manuscript, and provided with a Dictionary of Occult Terms. Por Franz Hartmann, M.D., Boston, Occult Publishing Company, 1888. Fólio 16 1/2 x 11 pol. (42 x 28 cm), 25 pranchas, 45 páginas de texto.

Apenas 19 páginas constituem a tradução, representando cerca de cinco páginas do original de Altona. O restante do livro consiste de longa Introdução e de um Dicionário de Termos de Ocultismo.

FONTES DO LIVRO DE ALTONA

*Manuscript. Phisica, Metaphisica, et Hyperphisica, D. O. M. A. *** Einfältig A-B-C Büchel, für junge Schuler so sich fleissing üben in der Schule des Heiligen Geistes, ganz einfaltig Bildnissweise für Augen gemahlet, zum Neuen Jahres Exercitio, in dem natürlichen und theologischen Lichte. Fólio 12 x 14 pol. (30,5 x 35,5), 30 pranchas esplendidamente coloridas, pintadas e caligrafadas circa 1700 "por um Membro da Fraternidade".*

É freqüentemente citada pelo Dr. Julius E. Sachse em seu livro "The German Pietists of Pennsylvania", onde várias pranchas são reproduzidas. Trata-se de um tesouro passado de geração a geração na família Sachse. O título segue muito de perto o do livro de Altona.

* * *

Madathanus, Hinricus (Conde Adrianus a Mynsicht) Aureum Seculum Redivivum das ist die uhralte entwichene Guldene Zeit so nummehr wieder ausgangen, lieblich geblüher und vollrichenden gülden Samen gesetzt U. S. W. "In octavo", 23 folhas. Sem local de impressão, 1621.

O autor é chamado "Theosophus Medicus et tandem Dei gratia aurae crucis Frater"

Extraído da "Bibliotheca Rosicruciana", de Gardner.

* * *

Musaeum Hermeticum, omnes Sopho-Spagyricae Artis discipulos fidelissime erudiens, etc. Pequeno quarto, com títulos gravados e gravuras em chapas de cobre. Frankfurt, 1625.

A primeira edição desta famosa obra, contendo nove panfletos, em latim, sobre Alquimia, é dirigida aos Irmãos da Cruz Áurea, ou Cruz de Ouro, uma designação antiga e alternativa da Rosa-Cruz. O primeiro lugar é ocupado pelo "Tratado Áureo", do Adepto Alemão Anônimo; o segundo, pela "Idade de Ouro Restaurada", de Henrique Madathanas.

* * *

Musaeum Hermeticum Reformatum et Amplificatum. "In quarto", com título gravado (datado de 1677), frontispício do "Tratado Áureo", quatro pranchas dobradas e 41 ilustrações no texto. Frankfurt, 1678. Esta é a segunda edição, ampliada, contendo 22 fascículos (embora o frontispício mencione 21), incluindo os 9 da edição original. Sem dúvida, é a melhor e a mais recomendável, à qual geralmente os escritores mais modernos se referem.

Musaeum Hermeticum Reformatum et Amplificatum. "In quarto". Frankfurt, 1749. A terceira edição, reimpressão da de 1678, sem qualquer alteração importante.

* * *

The Hermetic Museum restored and enlarged. Primeiramente feito em inglês, da edição publicada em Frankfurt no ano de 1678. Dois volumes, "in quarto", formato pequeno, Londres, 1893.

Esta é a única tradução para o inglês, e foi organizada e editada por A. E. Waite, que, no Prefácio, declara nada ter a ver com o trabalho da tradução, que ele leva a crédito de outra pessoa, mas "foi sujeita a uma severa revisão por parte do presente editor".

Os seguintes livros contêm importantes referências aos "Símbolos Secretos":

Gardner, F. Leigh. *A Catalogue Raisonné of Works on the Occult Sciences*. Vol. I. Rosicrucian Books, Segunda Edição. Londres, 1923.

Sachse, Julius F. *The German Pietists of Provincial Pennsylvania, 1694-1708*. Filadélfia, 1895.

Silberer, Dr. Herbert. *Problems of Mysticism and its Symbolism*. Nova York, 1917.

Waite, A. E. *The Secret Tradition in Alchemy; its Development and Records*. Nova York, 1926.

Hartmann, Franz, M.D. *In the Pronaos of the Temple of Wisdom*. Boston e Londres, 1890.

Os Ensinamentos dos Rosacruzes

dos Séculos XVI e XVII

— OU —

Simple Cartilha de ABC

para Jovens Estudiosos

Que Pratiquem Diariamente na Escola do Espírito Santo

*TORNADA CLARA AOS OLHOS POR MEIO DE
FIGURAS PICTÓRICAS*

Para os Exercícios do Novo Ano

— NA —

Luz Natural e Teologal

por um Irmão da Fraternidade

&

CRÍSTICA
da Rosa-Cruz } P.F.

PELA PRIMEIRA VEZ TORNADA
PÚBLICA

COM VÁRIAS FIGURAS DE IGUAL CONTEÚDO ADICIONADAS POR P.S.



ALTONA

SÍMBOLOS SECRETOS
DOS ROSACRUZES
dos Séculos XVI e XVII

LIVRO PRIMEIRO

*Que, de um antigo manuscrito, foi aqui pela vez primeira
trazido à luz*

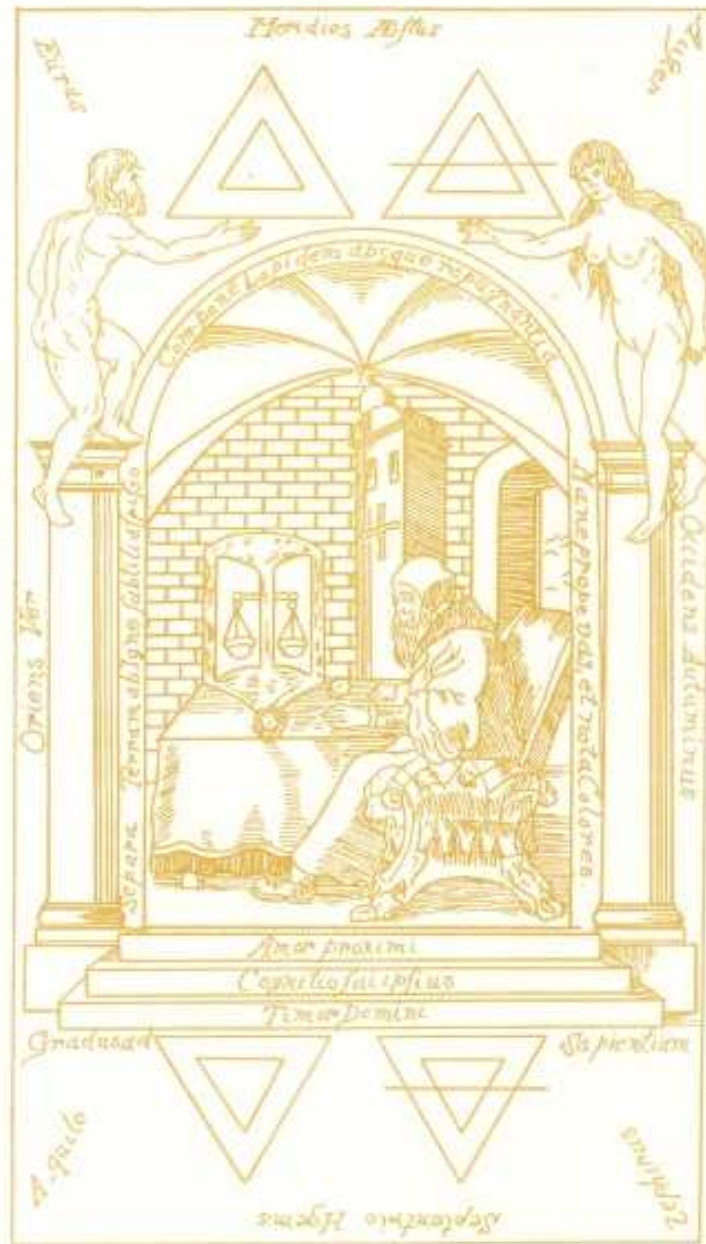


ALTONA, 1785

Editado e impresso por J. D. A. Eckhardt,
Empreitado pela Livraria do Sr. Herold, em Hamburgo

Proverbiorum 27. v.7.

A alma farta despreza até o favo de mel; mas, à alma faminta, tem doce sabor o alimento mais amargo.



Ibidem 14. v.6.

O escarnekedor busca a sabedoria e nunca a encontra; mas é fácil o conhecimento para quem é compreensivo

O Onipotente, Todo-Poderoso DEUS e SENHOR, Aquele Único que é Onisciente e Verdadeiramente Sábio, deu ao Homem compreensão superior à de qualquer de Suas criaturas, para que este possa conhecer as Suas obras e não deixá-las inexploradas. Ora, desde que esse Homem, a quem o DEUS Onisciente concedeu a inspiração e, assim, a descoberta desta alta e profunda Obra secreta e o grande segredo da antiga *Pedra d'Água dos Sábios*, ele deve provar-se na sua correção. Se há algo na Terra que seja coisa natural, esta é a Preparação e o *Magisterium* da Pedra do Filósofo, natural, e não da fabricação do Homem, mas totalmente obrada pela Natureza, pois nada acrescenta a ela o *Artista*. Só a Natureza dirige o crescimento, como no caso de cada cultivador do solo com suas frutas e plantas; só que ele deve ser de mente sutil e ter a graça de DEUS, para que a possa dirigir à medida que a obra se torna evidente na fervura e através dos tempos *sucessivos*: a saber, no princípio é o *Subjectum*, que se recebe da Natureza diretamente nas mãos. Aí jaz oculta a Tintura Universal de todos os metais, animais

e plantas. É um *Corpus* cru e rudimentar, sem contornos de animal ou planta, mas é no início uma substância áspera, terrosa, pesada, viscosa, dura e nebulosa, na qual a Natureza parou de obrar; mas quando o Homem esclarecido abre tais matérias, investiga em *Digestão* as densas e nebulosas sombras com as quais elas se cercam, ele as purifica, permitindo que o oculto emerja, e através de adicional *Sublimação*, sua Alma mais interior, que ali fica escondida, também se separa e é trazida a uma forma corporal. Então será descoberto o que a Natureza tinha oculto em tal substância, que fora informe, e que poder e *Magnalia* o Supremo Criador deu a seu *Createo* e nele implantou. Pois Deus teve este *Createo* para todas as outras criaturas, já que no início da Criação este poder foi implantado, e Ele ainda o dá diariamente, pois do contrário não seria só impossível a uma pessoa levar tal trabalho natural até o fim desejado, como também seria impossível criar aqui qualquer coisa de útil. Mas o bom e dadivoso Deus não nega a ao Homem os tesouros e bens que Ele implantou na Natureza, do contrário não teria

concedido tais coisas às Suas criaturas; não, Ele criou tudo o que é bom para o Homem, e o fez Senhor de toda a Sua criação. Portanto, é próprio do Homem compreender e engajar-se em tal Obra natural e filosófica, pois de outro modo uma criação tão dádivosa e maravilhosa teria sido em vão, e contemplaríamos a Natureza como se fôssemos animais sem discernimento, que por aqui perambulam, e seguiríamos vamente os conselhos de Deus, e não nos ajustariamos às finalidades da Natureza. *Deus autem et Natura, nihil faciunt frustra* (Deus e a Natureza nada fazem em vão.) Mas o Deus Todo-Poderoso tudo comanda. Ele ordena e provê para que a forragem seja posta diante do asno e do cavalo, mas que o ser humano racional seja servido de alimentos mais custosos, mais deliciosos. Portanto, aqueles que tentam investigar e que desejam esse *Arca-num* e grande tesouro tão profundamente oculto, na maneira correta, não precisam depender da colheita do ignorante, que não possui conhecimento sob a Luz de nosso Sol.

Os Filósofos e Sábios, bem como os *Neoterici* e *Veteres*, já se envolveram em grandes discussões sobre essa arte secreta, e tentaram indicar, sob muitos nomes diferentes, alegorias e palavras sofisticadas, maravilhosamente estranhas, o *Subjectum* e sua *Essentia*, e que espécie de *Materia*, que espécie de *Corpus*, que espécie de *Subjectum*, e quão maravilhosa e secreta é uma *Criatura*, que tenha incorporado poderes tão fortes, estranhos e celestiais, e com os quais, depois de *Digestio* e purificação, pode-se ajudar a seres humanos, animais, plantas e metais, e pode-se levar sua saúde e perfeição até o mais alto grau, podendo-se também praticar outras maravilhosas ações. Entretanto, todos os que foram e ainda são verdadeiros *Philosophi* unanimemente afirmam que há apenas um único *Scopum* e uma única *Materiam*, o *Filii Sapientiat*, sendo muitos e variados os discursos e escritos sobre ele. Com relação à coisa essencial, entretanto, só há silêncio, e tal silêncio trancou firmemente suas bocas e sobre elas colocou um sólido *Sigill*, pois, caso se tornasse um conhecimento vulgarizado, como o dos padeiros e cervejeiros, o mundo em breve pereceria.

Muitos são os que buscaram esta única *Rex*, que *solvit se ipsum, coagulat se ipsum, se ipsum impregnat, mortificat et vivicat* (dissolve-se, coagula-se, impregna-se, mata-se e revivesce a si própria), mas a maioria de tais pesquisadores falharam, pois se perderam em meio à busca. Portanto, é algo que mais se aproxima do ouro; é algo que tanto pode ser ganho pelo pobre como pelo rico, seja lá o que for. Mas aquele que, de sua própria boca, venha a falar *expressamente* sobre este *Subjectum*, o faz sob a ameaça da *Philosophi execrationem divinam*, e sobre si chama a maldição de Deus.

Quando os Filósofos pronunciavam uma *Execratio*, o Deus Todo-Poderoso respeitava o seu apelo e o outorgava, dando-lhes o que até então Ele havia guardado em Suas próprias mãos por muitos e muitos séculos. Ora, o referido *Subjectum* é de tal natureza, que ele, nossa *Magnesia*, não apenas contém uma *quantidade* em pequenas proporções do *Spiritus Vitalis* universal, como também um pouco da energia celestial condensada e comprimida em si. Muitos dos que o encontraram ficaram de tal modo intoxicados pelo seu fumo que se mantiveram em seus lugares e não mais puderam erguer-se. Somente um sábio, e um que conheça tais coisas poderá tomar de uma medida desse mesmo fluido e levá-la para si, desde o lugar onde a encontrou, seja este qual for, mesmo que das profundezas das montanhas. Pela singular e abundante graça de Deus, tanto ricos como pobres possuem a mais absoluta liberdade de tomar disso, para que vá de volta a casa com isso, e coloque isso atrás da chaminé ou em qualquer outro lugar que lhe aprouver e onde lhe for conveniente, e poderá começar a trabalhar isso e fazer experimentos, pois poderá deixar isso de lado tão rapidamente que nem seus próprios servos o notarão. Pois esta obra natural não é tão desajeitada como a dos alquimistas comuns, com seus desastrosos trastes, seus fogareiros de carvão, suas cubas fundidoras e seus cadinhos de refinação, e com todo o restante de suas tralhas. Não, esta é uma obra que se pode guardar, numa arca fechada, em qualquer aposento que se queira, tão sossegadamente que nem mesmo um gato a encontrará, e, caso necessário, ele poderá prosseguir com seu ofício, tomando cuidado apenas para que a fornalha tenha um testador triplo, e que ele a mantenha no calor certo, deixando que a Natureza siga o seu curso. Quando, finalmente, a *Solutio* for retirada do *Terrestriat* e fortalecida por longa *Digestio*, ficará então livre de *Crudae Materiae* e estará preparada e renascida da forma mais sutil. Subseqüentemente, claro está, este agudo e potente *Spiritus* recebe em certas ocasiões uma *quantidade* bem medida, como sucede nos casos de bebida e nutrição, *per modum inhibitionis et nutritionis*. E sua potência assim fica condensada e dia a dia torna-se como se fora novos suportes para seus irmãos, e muito ativa. Em verdade pensas que podes trazer esta obra e levá-la a tal potência em intensidade oculta imensurável, um *Spiritus Vitalis*? As *Crudae Materiae* ou o *Subjectum* originam-se das *Astris* e *Constellatio* dos céus, descendo para seu reino terreno, sendo então sacado o *spiritus universi secretur* dos Filósofos, que é o *Mercurius* dos Sábios, e é o princípio, o meio e o fim, nos quais o *Aurum Physicum* está determinado e oculto, e que o alquimista comum pensa poder extrair do ouro ordinário, mas em vão. Enquanto isso, os *Philosophi* lidam muito, em seus escritos, sobre *Sol* e *Luna* que de todos os metais são os mais duráveis no Δ . Mas isto não deve ser tomado literalmente, pois o seu *Sol* e *Luna*, quando levados à sua íntima *puritaet*, através de *preparação* verdadeira, natural, correta e filosófica, podem muito bem ser comparados com os corpos celestiais, tais como o sol e a

lua, que com o seu brilho iluminam, dia e noite, o alto e o baixo *Firmamentum*. Portanto, estes dois nobres metais, como o *Sol* e a *Luna* dos Filósofos, assemelham-se, por natureza, ao corpo humano, e para os que sabem como prepará-los corretamente e usá-los sabiamente, dão muita saúde, e exceto isso, e acima disso, nada mais deve ser preparado, além do ponto tríplice do *Universalis*, pois o *Spiritus* a ser encontrado nestas duas coisas produz consistência, força e virtude, entre outras coisas.

Ora, o Homem perdoado por Deus pode preparar e aprontar um objeto ou substância do supramencionado vermelho ou branco, do *Sol* e *Luna*, o que é chamado de *Lapidem Philosophorum*, ou a antiqüíssima *Pedra d'Água dos Sábios*, feita da substância na qual Deus colocou tal potência na criação ou gênese do mundo, ou dos materiais freqüentemente mencionados ou *Subjectum*, os quais Deus, por amor e por graça, implantou no altamente dotado homem divino. Porém, creio, por isso, que a substância divina deixada para ele na primeira *Criação* do mundo, do *Spiritu Vitali*, da *Inspiração*, tem sobrevivido em todas as espécies de criaturas. Todos receberam o mesmo *Spiritus* no mencionado *Massam*, e firmemente oculto nas mais internas profundezas da terra, e foi indicado e permitido aos Sábios desenterrá-lo, extraí-lo, usá-lo e realizar as mesmas *Miracula* com ele, através do santo conhecimento que nele ainda está implantado e com o qual é diariamente suprido.

Ambas as substâncias acima mencionadas, como o Sol e a Lua, ou vermelho e branco, ou, antes, a *Preparação* φ é, e os *Mercurii* são, os ingredientes na *Composição* de nosso *Lapidis Philosophorum*. Ora, as *Materia* são no início purificadas e purgadas através de bastantes e repetidas *Sublimationes*, e então cuidadosamente pesadas e logo depois compostas; também tu não deves ignorar o que representa a potência e a ocasião de ambos os ingredientes mencionados, porém deves saber como dispor ambas as *Pondera*, *secundum proportionem Physicam* (de acordo com a analogia da Física), pois uma boa porção da ψ é misturada com uma pequena porção de *animae Solis vel Sulphuris*, e então unem-se ambos com delicada mão, para que finalmente a *Preparação* e o trabalho mais difícil sejam completados. Mas terás que saber que deverás primeiramente tingir teu φ -um com a vermelha *Tinctur*, todavia ela não se tornará vermelha *in continenti*, mas permanecerá branca, pois o *Mercurius* tem o privilégio de querer ser tingido primeiro, antes de todos os outros. Os *Philosophi* também dizem o que fazer em adição com a *Anima solis* desta *Tinctur* do *Mercurii*, e de onde deve ser tirada. O *Fermento* do ouro é ouro, justamente como o *Fermento* da massa é massa. Ademais, é o *Fermento* do ouro proveniente de sua própria natureza, e então sua potência é perfeita quando retransformada em terra. E então isso é primeiro o início dos Filósofos, a certa e verdadeira *Prima Materia Philosophorum metallorum* (a primeira *Materia* dos metais dos Filósofos). Daí para diante os verdadeiros Mestres, experientados na Arte, começam a estimular seus *Ingeniam* e aproximar-se da Grande Obra. E então o *Artifex* continua com tal obra e, através da bênção de Deus, leva-a ao final, para o qual tende e onde é encarnada por Deus, nominalmente, para a abençoadíssima Pedra Filosofal. De modo que de nada senão *per Spiritum universali Secretum* a verdadeira *matéria prima Philosophorum* é preparada e aprontada. Quem, então, compreender bem este *Spiritus Secretum* entende também, sem dúvida, os segredos e milagres da Natureza e tem a percepção da luz da Natureza. Pois ela é *motus harmonicus Sympaticus* e *magneticus*, da qual se origina a *Harmonia* e *Concordantia*, a magnética e simpática força ou efeito do mais superior e do mais inferior. Porém, nota que a natureza de ambos os ingredientes não é semelhante uma à outra no início, por causa de suas opostas qualidades. Pois uma é quente e seca, a outra é fria e úmida, e, logicamente, elas devem ser unidas. Mas quando isso está prestes a ocorrer, então suas qualidades opostas devem vagarosamente ser mudadas e igualadas, de modo que nenhuma das suas naturezas opostas, por meio de seu intenso fogo, retire da outra sua potência. Mas tu jamais poderás juntá-las, pois ambas as naturezas devem elevar-se simultaneamente no poder do fogo. Então a *Discrasia* será retirada do *Corpori*, e uma *Aequalitas* e boa *Temperatur* são estabelecidas, o que ocorre através da moderada e constante ebulição.

Pois quando ambas as naturezas *Sulphur* e *Mercurius* são encerradas em espaço muito apertado e são mantidas sob calor moderado, começam a extenuar suas características opostas e a unir, até finalmente terem todas as qualidades. Elas se tornam *Conspiratio* e se elevam ao mesmo tempo, e certamente no topo do vidro se encontra *numero* um. Elas estão prontas a consorciar-se, e então o noivo coloca o anel de ouro em sua noiva, dizem os *Philosophi*. E assim que *Mercurius* com seu *Sulphur*, como a água e a terra entre si, estiverem devidamente ebulidos (quanto mais tempo, melhor), expelem de si todas as suas superfluidades e as partes puras encontram-se e dispõem de seus *corlicibi*; de outro modo as partes impuras impedem a unificação e o *Ingressus*.

Pois o *Mercurius*, como o primeiro *Corpus*, é inteiramente imperfeito e pode *per anima* nem ser misturado nem perpetuado, pois nenhum dos *Corpus* ingressa no outro nem será unido a ele, seja *in vere* ou *in radice*. Mas devem essas coisas ser tratadas de modo que uma verdadeira *Tinctur* se formará, e deverá ser preparada dela um novo *Corpus* espiritual que provenha de ambos, pois após a purificação um adota as virtudes do outro, e de vários pro-

vém o único, *numero et virtute* (em número e força). Porém, se o fogo for por demais intenso e não for controlado de acordo com as exigências da Natureza, ambos estes acima mencionados serão sufocados ou separados. Se a eles não for dispensado o modo certo de preparo, transformar-se-ão em nada, em trabalho estragado e um *Monstrum*. Mas quando se proceder prudentemente e com o calor devidamente controlado, então ambas as substâncias se elevarão na *Sublimatio* do topo ou cúpula do vidro. Então, quando tu colheres estas lindas flores, poderás já desfrutar delas em *particularia*.

Mas não poderás observar o *motum occultum naturae*; assim como não poderás ouvir ou ver a erva crescer, pois ninguém pode observar, nem notar, o aumento e desenvolvimento destes dois ingredientes, *Mercurii* e *Sulphuris*, por causa de seu sutil, oculto e vagaroso *Progressus* de hora em hora. Somente por meio de marcas colocadas de semana em semana isso poderá ser observado e uma conclusão tirada, pois o fogo interno é muito delicado e sutil. Porém, por mais vagaroso que o processo possa ser, não terminará até chegar ao final, quando seu *intento* poderá ser visto, como em todas as plantas, a não ser que tal sutil e competente ebulição seja detida pelo calor demasiado do sol e seja queimada, ou detida por frio de aparição instantânea; *ergo qui scit occultum motum naturae, scit perfectum decoctionem* (por isso, aquele que conhece o movimento oculto da Natureza, conhece também a perfeita ebulição ou preparação). Este *motum* deve agora tomar seu rumo natural e autode terminado, apesar de ninguém poder ouvi-lo nem vê-lo, como também ninguém pode compreender O *Centra et ignem invisibilem seminum invisibilium* (o Centro e o fogo invisível da semente invisível). Por isso, deverás deixar tal assunto somente à Natureza, e observá-la, e nenhuma vez tentar opor-se à Natureza, mas depositar nela toda a confiança, até que ela produza seu fruto.

Quando alguém trata a Natureza com calor gentil e agradável, ela faz e produz tudo de si mesma, o que, para o suprimento de um *Creati* ou para a introdução de uma nova forma, é objeto de necessidade: pois o Verbo Divino *Fiat* ainda reside em todas as criaturas e em todas as plantas, e tem sua poderosa força nestes tempos, assim como teve no início.

Existem, entretanto, quatro principais *Virtutes e potentias*, das quais a nobre Natureza faz uso em cada ebulição; através disso ela completa sua obra e a leva a um final.

A primeira Virtus

É, e é chamada, *appellativa et attractiva*, pois lhe é possível atrair para si, de longe ou de perto, alimento pelo qual se mostre desejosa de resultados e lugares agradáveis à sua natureza, e ela pode crescer e aumentar. E aqui ela tem um poder magnético, tal como o de um homem por uma mulher, o *Mercurius* pelo *Sulphur*, o seco pelo úmido, a *Materia* pela forma. Por isso o axioma dos Filósofos é: *natura naturam amat, amplectitur prosequitur. Omnia namquam crescentia, dum radices agunt et vivunt, succum ex Terra attrahunt, atque avidè arripiunt illud, quo vivere et augmentari sentiunt* — isto é, a natureza ama a natureza, a envolve e a segue. Pois todas as plantas, quando lançam raízes e começam a viver, tiram a seiva da terra, e a sugam avidamente, pois sentem que deste modo elas podem viver e multiplicar-se. Pois onde há fome e sede, alimento e bebida serão recebidos com avidez e esta *Virtus e potentia* será despertada e provém do calor e da seca mediana.

A segunda Virtus e Potentia

É, e é chamada *natura retentiva et coagulativa*. Pois a Natureza em si não somente é útil a ela e serve a ela por sua continuação e é vantajosa quando ela carece daquilo que é avidamente produzido de si mesma, mas tem também com ela o laço com o qual ela tira e traz e a segura a si mesma. Sim, a Natureza até se muda em si mesma, pois como tem ela escolhido, destas duas, as mais puras partes, ela separa o resto e as leva à boca e a faz crescer, e não está carecendo de qualquer outra *calcinação* ou *fixação*: *natura naturam continet* (A natureza retém a natureza), e tal habilidade provém de sua segura, pois o frio constringe as partes obtidas e formadas e as reduz, por segura, na *Terrae*.

A terceira Virtus e Potentia naturae in rebus generandis et augmentandis.

Est Virtus digestiva, quae fit per putrefactionem seu in putrefactione (é a força digestiva, que ocorre por meio da putrefação ou na putrefação), em calor e umidade moderados e temperados. Pois a Natureza dirige, muda e introduz um tipo e qualidade, a imperfeição é eliminada, o amargo é adoçado, o austero é abrandado, o áspero é feito liso, o imaturo e selvagem é domado, o que era anteriormente incapaz é agora habilitado e tornado eficiente, e leva à execução

finalmente pretendida e perfeição da Obra, e representa os *Ingrédientia* da *Compositio*.

A quarta Potentia naturae

Est virtus expulsiiva mundificativa, segregativa (a força expelente, purificante, separadora) que separa e divide, que purifica e purga, que lava durante a *Sublimação* ou *Decocção*.

Ela parte do *Sordibus* e da escuridão e traz consigo um *Corpus* ou substância pura, transparente, poderosa ou iluminada; ela reúne as *Partes homogeneis*, e é gradualmente liberada do *heterogeneis*, repele a *Vitia* e tudo o que for estranho, inspeciona o rude, e dá a cada parte um lugar especial. Isto é causado por — e é proveniente de — agradável calor, constante em umidade apropriada, e isso é a *Sublimação* e fruta madura que agora cairá da casca. Por isso foi no início designado pela Natureza e artesãos, a saber: o *Patiens* é liberado do *Agente* e será aperfeiçoado. *Nam liberatio illa a partibus heterogeneis est vita et perfectio omnis Rei* — isto é, para a liberação destas desiguais e opostas partes, é a vida e a perfeição de todas as coisas. Para o *Agens e Patiens* que até agora estiveram em contenda um com o outro, de modo que cada um afetava e oferecia resistência de acordo com a resistência de seu oponente — isto é, o quanto for possível ela quebrará a resistência de seu oponente e não se devem unir durante o tempo de sua *Decocção*, porém a melhor parte deverá ganhar a vitória e expelir o impuro, e subjuguá-lo.

Agora, quando todas as *Naturalls potentia* tiverem desempenhado seu *Officium*, então virá o novo nascimento e como a fruta madura se apresenta em todas as outras plantas, assim também agora sucederá em nosso *Subjecto* e obra natural que, quando aperfeiçoada, surpreendentemente em nada mais parece com seu primeiro início e não tem mais qualidade, e é nem frio nem seco, nem úmido nem quente, e é nem *masculus* nem *foemina*. Pois o frio é por si mesmo transformado em calor, e o seco em úmido, e o pesado em leve, pois ela é uma nova *Quinta Essentia*, um *Corpus Spirituale*, e tornou-se um *Spiritus corporales*, tal *Corpus* é claro e puro, transparente e cristalino; por si mesma, a Natureza jamais poderia ter produzido tal corpo enquanto existir o mundo. O *Artifex* e o homem iluminado, entretanto, *auxiliante Deo et natura* (pela ajuda de Deus e da Natureza), produziu por meio de seu intelecto e arte, e ele o coloca lá por si mesmo. De modo que subsequente ele encontra uma *Miracula* e que é chamada: *unguentum anima, aurum Philosophorum, flos auri* (o unguento, a alma, o ouro do filósofo, a flor do ouro). *Theophrastus* e outros o chamam de *Gluten aquilae*.

Agora, o que foi mostrado sobre as quatro *potentiis naturae* foi efetuado por meio do fogo, que deve ser incombustível, agradável à Natureza, e de acordo com a Natureza deve continuar estável e deve também ser vantajoso à Obra: porém nesta Obra dois tipos de fogos são particularmente bem tratados, a saber: o fogo elementar externo que o *Artifex* produz e o qual aplica à Obra, e depois deste o fogo natural, inato, interno, das substâncias. Embora encontre em todas as três coisas primárias ou *genera* um fogo natural, tal como nos *Animalibus, Vegetabilibus e Mineralibus*, através dos quais ele iniciou e se moveu, mantendo a vida, foi fortificado e aumentado; e pode continuar seu inato poder de continuidade e de virtude radicada de acordo com o caráter de cada um.

Mas o fogo que se encontra em nosso *Subjecto* em si mesmo não é mínimo entre as criaturas e os minerais. Ele tem oculto dentro de si o mais maravilhoso, o mais potente fogo, confrontado com o qual o fogo externo é semelhante à água, pois nenhum fogo elementar comum pode consumir e destruir o puro ouro, que é a mais durável substância entre todos os metais, por mais intenso que o fogo possa ser, mas apenas os essenciais Δ e ∇ dos filósofos o podem conseguir.

Se tivéssemos hoje este fogo com o qual Moisés queimou o bezerro de ouro e o triturou em pó e o espalhou sobre a água de que então fez os Filhos de Israel beber (*Êxodo*, cap. 32) — que seja esta uma parte da obra alquímica de Moisés, o homem de Deus! Pois ele foi instruído na arte egípcia e nela habilitado. Ou o fogo que o profeta *Jeremias* escondeu sob o pé da montanha, da qual Moisés avistou a Terra Prometida e onde ele morreu, o fogo que foi recuperado setenta anos mais tarde pelos Sábios, os descendentes dos antigos sacerdotes, após o retorno do Cativo Babilônico. Porém, no entretanto, o fogo da montanha foi mudado e se transformou em água (*II Macabeus*, cap. 1 e 2). O que pensas tu? Não nos deveríamos aquecer nele e manter afastado de nós o frio do inverno?

Tal fogo dormita em nosso *Subjecto* calma e pacificamente, e não se move espontaneamente. Se agora este secreto e oculto fogo devesse auxiliar seu próprio *Corpori*, de modo que possa elevar-se e ter seu efeito, e manifestar seu poder e força, para que o Artista possa alcançar o final desejado e predestinado, este fogo deverá ser estimulado pelo fogo elementar externo, ser atizado e ser trazido para seu curso. Este fogo pode estar em lâmpadas ou em qualquer

outro lugar que desejares, ou engendrades, pois ele sozinho é suficientemente capaz de executar a atividade com facilidade, e tal fogo e calor externos devem ser cuidados e mantidos durante todo o tempo, até o final da *Sublimação*, para que o fogo essencial e interno seja mantido aceso, para que os dois fogos mencionados possam ajudar-se um ao outro e o fogo externo possa dignificar o fogo interno, até que em seu tempo apropriado ele se torne tão forte e intenso que rapidamente reduzirá a cinzas, pulverizará, reverterá a si mesmo e igualará a si tudo aquilo que for nele colocado, mas que é, todavia, de sua própria espécie e natureza.

Todavia, é necessário a todo *Artifex*, à custa do final desejado, saber que entre estes dois fogos mencionados ele mantenha determinada proporção entre o mais externo e o mais interno, e que ele atice o fogo apropriadamente, pois se o deixar fraco, então a Obra será paralisada, e o fogo mais externo não é capaz de aumentar o interno, e desde que ele o atice moderadamente por várias vezes, produzirá um vagaroso efeito de processo muito longo, e quando tiver esperado com tal paciência e obtiver seus dados, então finalmente alcançará seu objetivo. Porém, se alguém fizer um fogo mais forte do que o adequado a este processo, e este for apressado, então o fogo interno padecerá e será inteiramente inepto, a Obra certamente será destruída, e o apressado jamais alcançará seu fim.

Se após a duradoura *Decocção* e *Sublimação* as nobres e puras partes do *Subjecti* forem gradualmente, e com a vantagem de um tempo calculado, separadas e liberadas da rústica substância terrosa e imprestável, o impulso em tal atividade deverá ser de acordo com a Natureza e deverá ser ajustado com moderação que seja agradável, complacente e vantajosa ao fogo interno, a fim de que o fogo interno essencial não seja destruído por calor demasiadamente intenso, ou mesmo extinguido e tornado imprestável. Não, antes ele será mantido em seu grau natural, será fortificado, enquanto as partes puras e sutis se ajuntam e se reúnem, sendo o imperfeito separado, de modo que as partes puras combinem e o melhor alcance o objetivo em vista. Portanto, tu deves aprender da Natureza sobre o grau deste fogo que a Natureza usa em suas operações até que ela faça amadurecer seus frutos, e disso conhecer a *Razão* e fazer os cálculos. Pois o fogo essencial interno é realmente aquele que leva o *Mercurium Philosophorum* à *aequalitate*; mas o fogo externo estende-lhe uma mão, para que o fogo interno não seja impedido em sua operação, e, portanto, o externo deverá estar em concordância com o interno e deverá ajustar-se de acordo com o mesmo, e *vice-versa*. Então, em tal uso do fogo elementar universal, ele deverá ser levado ao calor natural interno, e o calor externo será ajustado a ele, para que este não exceda no *Creto* a força do *Spiritus* úmido e quente, o qual é inteiramente *subtil*; de outra maneira, a natureza quente de tal *Spiritus* seria rapidamente dissolvida, e não poderia mais manter-se unida, e não teria mais potência. Segue daí que um fogo mais intenso do que for necessário para reviver e manter o fogo natural interno implantado em nossa *Materiae* poderia ser apenas para o impedimento e a deterioração. *In natura et illius Creatis et generationibus sit tua Imaginatio*, isto é, na natureza e no que foi criado ou trazido por ela deverá mediar. Por isso leva o *Spiritus*

úmido para a terra; faze-o secar, *agglutinans e figurs*, com um suave fogo. Assim deverás tu também levar o *Animam* para o *Corpus* morto e restaurar o que tiveres levado embora, e tu restaurarás o que não tem alma e o que é morto para a vida, para que se eleve e se equipe novamente, porém o que assim o fez não suportará o calor, pois este não se tornará constante como no caso de ter sido recebido espontaneamente com boa vontade, com alegria e com desejo, ficando profundamente impressionado.

E isto é *siccí cum humido naturalis unio et ligamentum optimum* (a unificação natural do seco com o úmido, e também a melhor ligação). Sim, se alguém realmente deseja discutir este assunto: os Sábios mencionam três tipos de fogo, cada um dos quais está encarregado do *operis magni*, assim é que cada melhor forma em particular deve em sabedoria e boa prontidão tê-lo também em governo. Assim, ele não trabalhará como um cego, mas de maneira entendida e prudente, como é adequado a um *Philosophus* inteligente.

O primeiro é o fogo externo, feito pelo *Artista* ou vigia, o qual os Sábios chamam de *ignem frontem*, do qual *Regimen* depende a segurança ou a ruína da Obra inteira, e isto de dois modos: *nemlum sumiget cave* (tome cuidado para que não fumegue demais), mas também é dito: *combure igne fortissimo* (queime-o com o mais forte fogo).

O segundo fogo é o ninho no qual a *Phoenix* dos Filósofos tem sua morada, e lá choca *ad regenerationem*. Isto não é nada mais que o *Vas Philosophorum*. Os Homens Sábios o chamam de *ignem corticum*, pois está escrito que a ave *Phoenix* ajuntou todos os gravetos de madeiros balsâmicos com os quais cremou-se a si mesma. Se não fosse assim, a *Phoenix* morreria de frio e não alcançaria a *Perfeição*. *Sulphura Sulphuribus continentur* (os enxofres são mantidos pelos enxofres). Pois o ninho deve proteger, assistir, nutrir e vigiar a descendência do pássaro até o final.

O terceiro, entretanto, é o verdadeiro fogo inato do nobre *Sulphuris*, ele mesmo a ser encontrado *in radice subjecti*, e é um *Ingrediente*, e ele *acalma* o *Mercurium* e lhe dá forma; este é o verdadeiro Senhor, sim, o verdadeiro *Sigillum Hermetis*. Em relação a este fogo *Crebrerus* escreve: *In profundo mercurii est Sulphur, quod tandem vincit frigiditatem et humiditatem in Mercurio. Hoc nihil aliud est, quam parvus ignis occultus in mercurio, quod in mineris nostris exitatur et longo temporis successu digerit frigiditatem et humiditatem in mercurio*, isto é: Na essência do *Mercurii* está um enxofre que finalmente subjuga a frieza e a umidade no *Mercurio*. Isto nada mais é do que um pequeno fogo oculto no *Mercurio*, que é feito presente em nosso *Mineris*, e na integridade do tempo ele absorve a frieza e a umidade do *Mercurio* ou as remove, e isto também é dito sobre o fogo.

FINIS

SE UM FILÓSOFO QUERES SER,

Onde, neste globo, vive um sábio tal
Que venha a saber o que é formado por quatro
E mesmo que soubesse tudo isso,
Seria, ainda assim, sempre um aprendiz.
Portanto, ó Humano, com toda a tua força,
Reconhece a Deus e a ti mesmo à luz de Deus e à da natureza,
Pois estas luzes derramam ambas Deus sobre ti,
Para que possas a Ele te assemelhar,
Ele é um Deus quádruplo, fica sabendo,
Como és de um quádruplo barro feito.
Isto te faz bem conhecer a natureza
Com sapiência, luz e compreensão, a ti ela é mostrada.

QUE EM TI SÓ RESIDA A PACIÊNCIA.

Para nada pode teu olho ser cego,
Seja do corpo ou da mente.
Sê, pois, grato a teu Deus,
Que em bom tempo, isto colocou diante de ti.
Não tenhas inveja da fama do que zomba,
Não te doa o renome do galhofeiro,
Com pervertida vaidade eles se pavoneiam
Mas desconhecem o que conseguiste.
Sê feliz com o que Deus te outorgou,
Desafia-os, pois quatro em um eles não têm.
Fiat e Amen sejam meu tesouro,
Uma quádruplice esfera sempre junta.

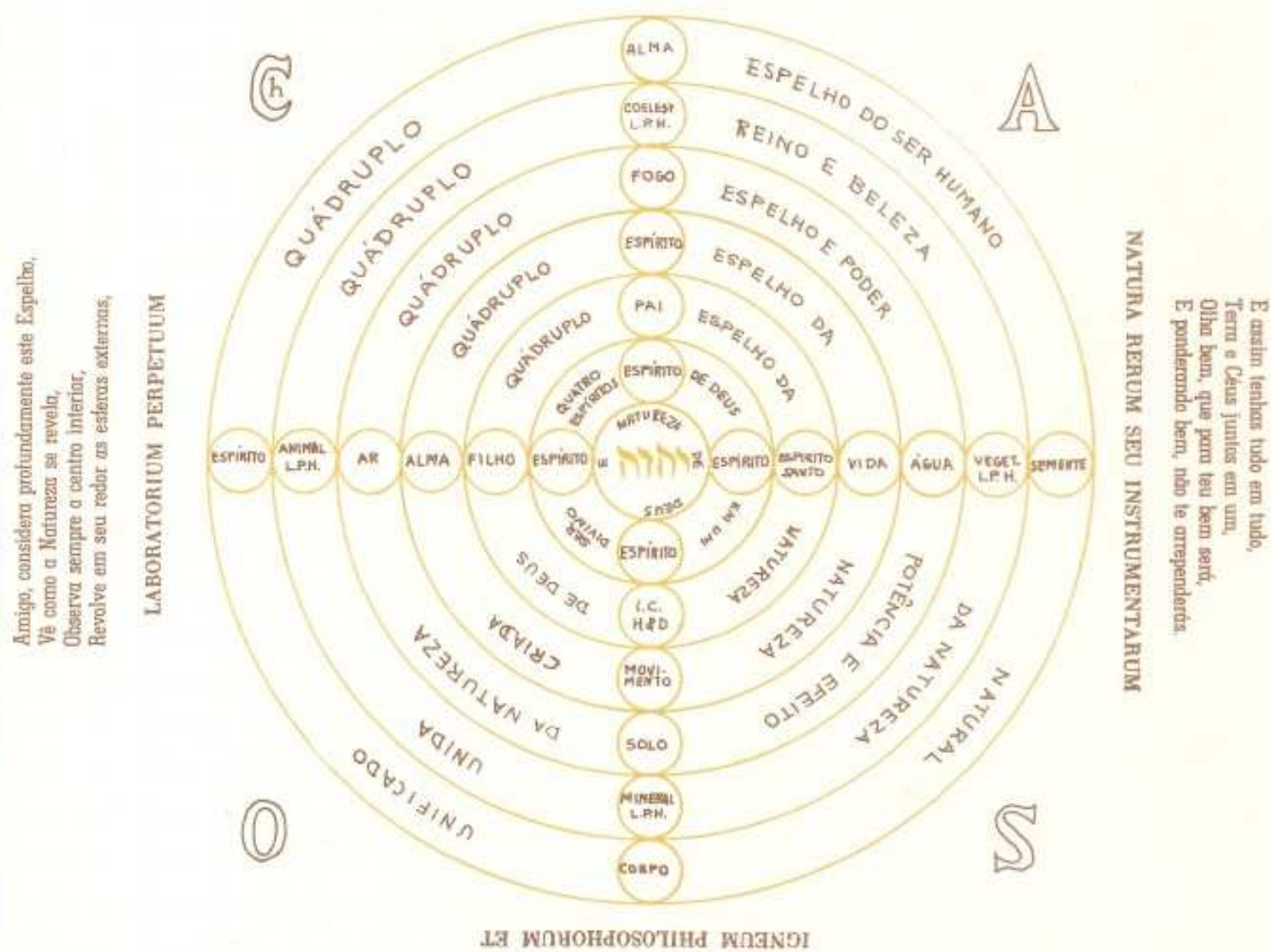
Senhor, em todas as Coisas está o Teu eterno Espírito.

Salvator ☉ Mundi

Flutuam quatro fogos neste Mundo
Em que Deus mantém um Centro

Que está em quatro trancado,
E do qual foram derramados Céu e Terra.

SPECULUM DIVINUM OCCULTUM ATQUE



Amigo, considera profundamente este Espelho,
Vê como a Natureza se revela,
Observa sempre a centro interior,
Revolve em seu redor as esferas externas,

E assim tenhas tudo em tudo,
Terra e Céus juntos em um,
Olha bem, que para teu bem seja,
E ponderando bem, não te arrependas.

Repara a Natureza em todo o seu vigor,
Olha sua grande energia vital.

De Deus surge ela e todas as coisas,
E a seus centros retornam.

Coel. & ☉ Terra.

Jamais houve Filósofo que ignorasse o Princípio máximo da Natureza.

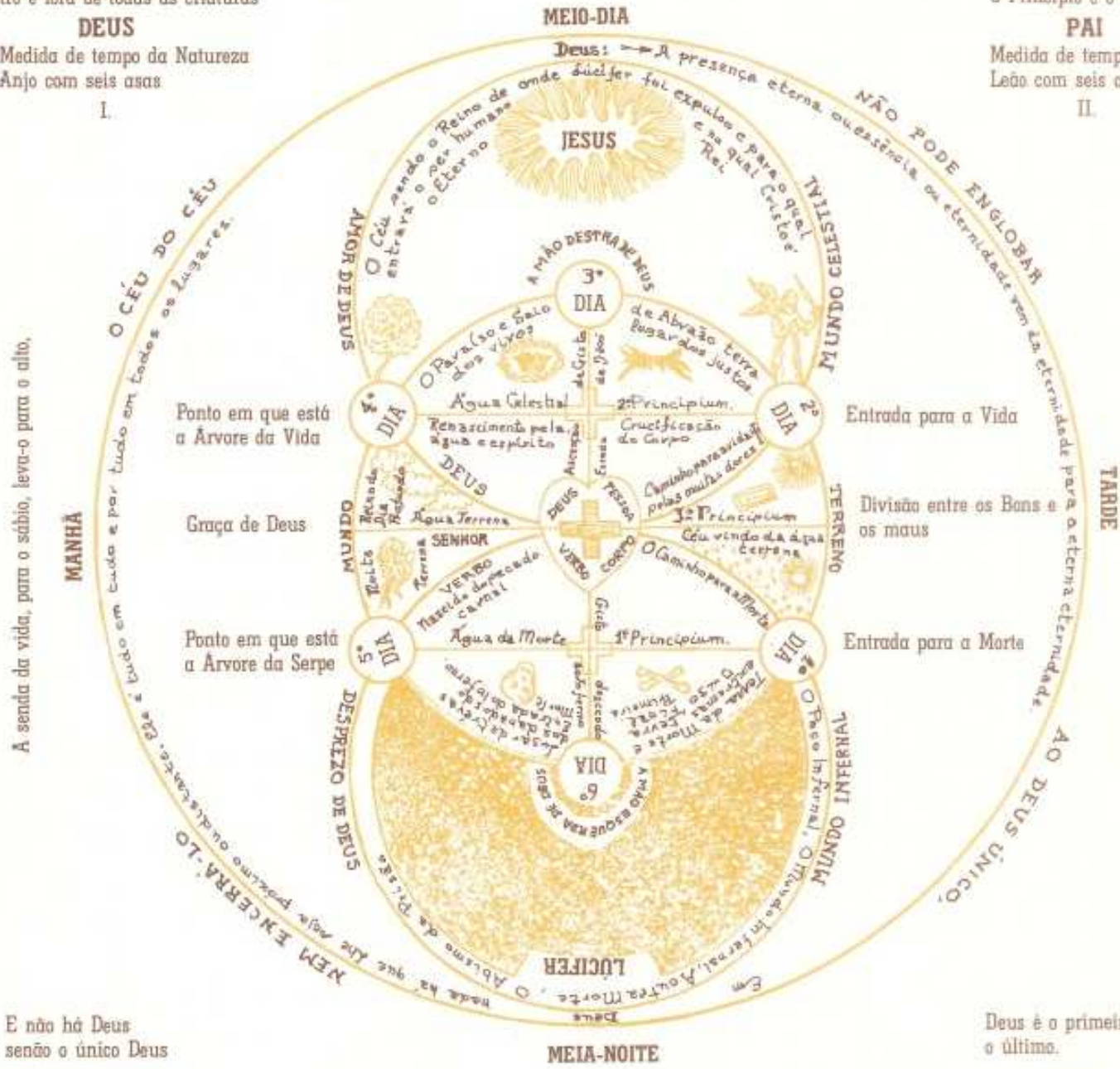
Procura bem o Magneto de ouro. Se o achares, livrar-te-ás de teus cuidados.
Estuda bem a lei que diz: CONHECE-TE A TI MESMO, para que nunca mais te enganes.
Unum sunt omnia, per quod omnia.
Faz com que conheças a Terra Sancta, para que não te possas desviar.

Imagem Figurativa de como, dentro deste Mundo, três Mundos existem, interpenetrados, a saber: este terreno Mundo do Sol, e também o celestial e

A Mente interna e externa
Sem a luz divina, não poderás encontrar

Por toda a parte, Deus é livre
Dentro e fora de todas as criaturas
DEUS
Medida de tempo da Natureza
Anjo com seis asas
I.

Deus é o Alfa e o Ômega
O Princípio e o Fim
PAI
Medida de tempo da Lei
Leão com seis asas
II.



E não há Deus
senão o único Deus
ESPÍRITO SANTO
Tempo do cumprimento
Águia com seis asas
III.

Só o Espírito sabe
A Razão encarnada é cega.

Deus é o primeiro e
o último.
FILHO
Tempo do Evangelium.
Bov com seis asas.
III.

para que evite o Inferno que está embaixo. Prov. 15:24.c1

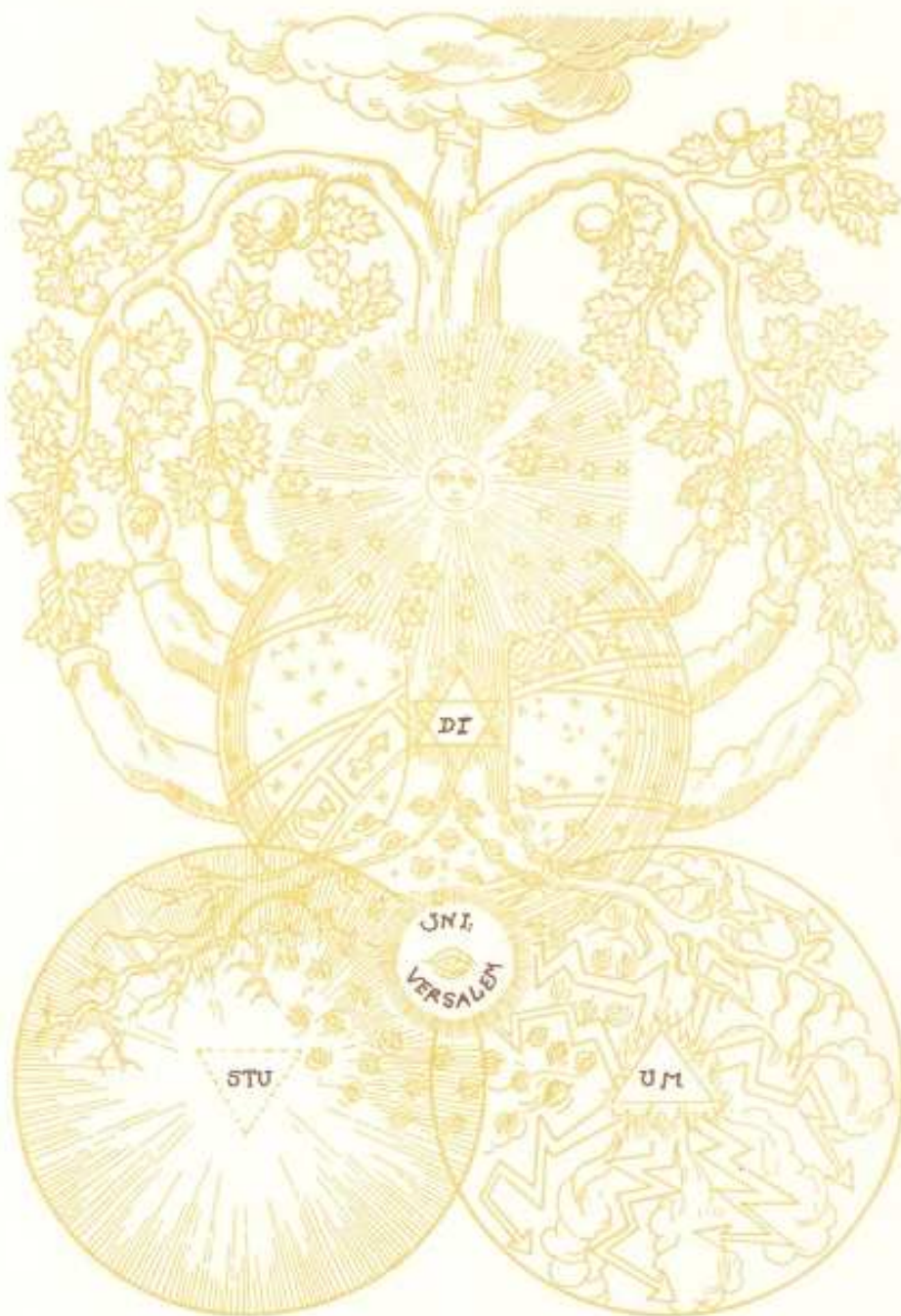
o mundo infernal que fazem sentir seus efeitos. E as trevas não podem conquistar a Luz. Também mostra que o país dos mortos, a entrada para o inferno ou trevas superficiais, em que há choro e ranger de dentes, assim como o país dos vivos, o paraíso celestial ou terceiro céu, todos são deste Mundo. E que o ser humano tem em seu coração todas essas coisas: céu e inferno, luz e treva, vida e morte.

A Árvore do Bom e do Mau Conhecimento

Existe uma Árvore

que dá duas espécies de frutos. Chama-se Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Assim como se denomina, assim são os seus frutos; a saber, frutos bons e maus da vida e da morte, do amor e do ódio, da luz e das trevas. Tal árvore foi posta diante de Adão, e mesmo que, em sua inocência, ele tivesse a liberdade de vê-la como árvore das maravilhas de Deus, a proibição que Deus havia lançado não lhe permitia dirigir para ela os seus desejos, e dela comer; eis que Ele havia ameaçado que Adão morreria de seu fruto, se dele provasse. Pois tal era uma árvore de divisão, em que se digladiavam o bem e o mal. Mas numa batalha não pode haver vida; pois combate traz consigo a destruição, e a destruição produz a morte; a vida reside na doce união do amor. Portanto, quando Adão comeu dessa árvore, travou-se em seu íntimo uma batalha, e nessa batalha perdeu ele a vida.

Mal chega a existir uma, entre 7 estrelas, que volte seus raios interiormente, para dirigir a mente inquisitiva para Belém, e entre 7 olhos que circulam em torno do remoinho do desejo inquisitivo, mal chega a existir um que se volte para o Sabá, no íntimo; mas o movimento incessante das mãos de trabalho move os olhos através de todas as esferas, e mesmo que os olhos vejam as maravilhas de Deus, só conseguem perceber a superfície, e cada olho vê aquilo que lhe é mostrado pelo seu próprio desejo. Deus fez o homem para que viva num eterno Sabá, para que não trabalhe, mas que deixe que Deus nele opere; ele não deveria tomar com suas próprias mãos, mas apenas receber aquilo que Deus concede bonançosamente por Sua Mercê. Mas o homem deixou o Sabá e quis obrar por si, e ergueu a mão contra a lei para atender ao próprio desejo, tomando daquilo que não devia tomar. Portanto, Deus deixou-o cair, e como havia desprezado a quietude, foi forçado a sofrer dolorosamente a inquietação. Em tal inquietação da vida, todos os filhos do homem ainda estendem as mãos, tentando agarrar-se aos prazeres. E sua empolgação corresponde a seu entendimento; e à sua vontade. Alguns agarram o bem, alguns agarram o mal. Alguns estendem as mãos para o fruto, outras, apenas para as folhas, alguns, ainda, para um ramo com frutas e também com folhas. E derivam prazer das coisas que agarraram, pobres tolos, que não sabem que todas as suas dores e labores constituíram apenas um **Studium particulare**. Eles se agarram a pedaços, quando poderiam ter nas mãos o todo. Eles buscam a quietude, e não a podem encontrar, pois olham do exterior para a inquietude do movimento, que reside na solidão interna do **Centri** interior, e embora um possa agarrar mais do que outro, ainda assim não terá senão pedaços. Às vezes poderá haver uma entre 7 mãos



Entretanto, homens desgraçados não aprendem dessa queda e danação. Desejam eles ainda tal árvore e seus frutos. O homem está sempre desejoso de ter a partilha de muitas coisas, e está sempre combatendo, quando poderia retornar à unidade da simplicidade, bastando, para tanto, que andasse em paz. A luz da vida está no meio, para indicar aos homens o caminho do seu primeiro descanso, e o Pai, no Céu, deixa que seu Sol se erga e brilhe sobre o bem e o mal; mas tudo cresce segundo sua própria espécie, e o homem é muito propenso a contemplar os astros da multiplicidade e, segundo seu próprio arbítrio, a fazer deles degraus, embora o desviem muitas e muitas vezes da verdadeira luz, mantendo-o retido no remoinho da incerteza. Este remoinho da incerteza o conduz cada vez mais para fora da face mais íntima do Sol, para o (mundo) exterior, onde não pode descobrir nem fim nem lugar de descanso, a menos que retorne, do (mundo) exterior, em busca do início, do qual se originaram todos os luzeiros estelares menores.

que se aproximem do segredo, e ela agarra o tronco da árvore no ponto mesmo em que todos os ramos valem à unidade. Mas, mesmo que esta mão se mantenha agarrada ao tronco, ou seja, ao segredo, mas exteriormente e, portanto, longe das raízes, não pode ver-lhe o interior. Pois a raiz desta árvore só é vista pelo olho da sabedoria, ficando no **Centrum** de todas as esferas. Tais raízes vão desde o mundo visível do bem e do mal misturados, até a esfera do mundo invisível. Este olho contempla com a maior paz as maravilhas de todos os movimentos e também vê através de todos os demais olhos que deambulam exteriormente, fora do descanso, no desassossego, todos esses olhos que querem ver por si mesmos, sem o olho certo da sabedoria, do qual todos receberam o poder de visão.

Este olho pode provar todos os espíritos, verificando sua pureza, inteligência e agudeza. Ele compreende as fontes do bem e do mal. Diante de si estão a luz e as trevas.

Ele entende o tempo e a eternidade, as coisas visíveis e as invisíveis, as presentes e as futuras, as terrenas e as celestiais, coisas do corpo e coisas do espírito, as altas e as profundas, as exteriores e as interiores. E, não obstante, nenhuma de tais coisas é perturbada por ele, pois o olho vive no **Centrum** da paz, onde tudo permanece em igualdade fora de qualquer luta, e tudo aquilo que o olho vê, o olho possui. Pois no **Centrum** de sua paz está seu régio trono, tudo estando a ele sujeito. Portanto, homem querido, se queres retornar à compreensão correta e à correta paz, cessa tuas obras e deixa que Deus apenas obre em ti, para que o olho da sabedoria se abra no teu próprio ser, e atingirás um **studium particulare ad universale** e Um encontrará Todos.



Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, disse o Senhor.
Num Esplendor vive Deus, pois ninguém pode acercar-se d'Ele ou a Ele ir.



Este é o Ômega, que causou tantos dias de mal e tantas noites inquietas.

Este é o assunto de somenos pelo qual tantos geraram em vão.

Vede aqui o fim eterno sem princípio, a eterna revelação e círculo, em amor eterno, força de vontade e centro \odot , cujo princípio se revela desde o início da eternidade.



Neste verás a natureza eterna em suas sete aparições, revelando-se no centro \odot da eterna profundidade insondável desde que se iniciou a eternidade.

O Centrum da eterna profundidade insondável de luz e trevas está na infinita inexprimível largura e profundidade ubíquas. Portanto, é dito: A luz habita as trevas e as trevas não a podem conter.

Um eterno fogo santo. } O grande indescritível
Uma infinita chama } espírito de fogo,
por Deus enviada. } Inexplorável
Um celestial segredo. } na eternidade.

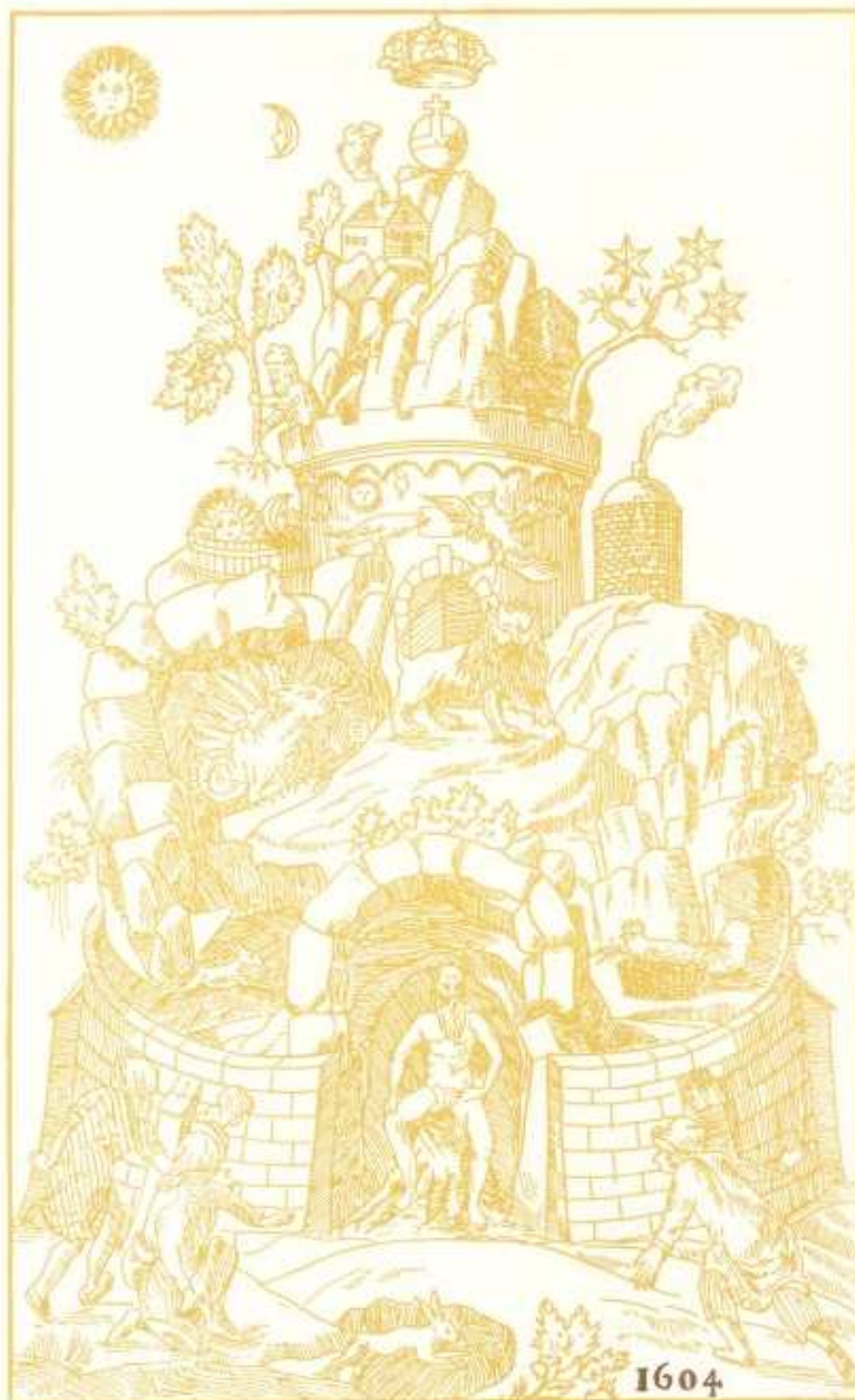


Concepção Harmônica da Luz da Natureza.

DA QUAL PODERÁS DEDUZIR A RESTAURAÇÃO E RENOVAÇÃO DE TODAS AS COISAS EMBLEMÁTICAS.

A Arte dele faz um Senhor, não um servo.
 Não te apresses; fica na trilha certa,
 Para que teus sejam muitos os gumbos e os jubilos.

A Arte é justa, verdadeira e certa
 Para o Homem que teme a Deus e é assíduo,
 E procede com justiça para com todas as naturezas.



Se Deus a ti muito concede em tua vida,
 Dê liberalmente aos pobres,
 À Arte sê fiel, e dela nada digas,

Pois é certo que tal é a vontade de Deus,
 Conserva-te veraz e fiel, pensa em mim,
 Para que estejas livre de todo o mal

MONS PHILOSOPHORUM.

Do Homem em todas as partes perdeu-se a alma por uma queda, e do corpo a saúde por uma queda sofreu; à alma humana veio a salvação por IEHOVA, Jesus Cristo. A saúde corpórea de volta é trazida por algo que não é bom de se olhar. Esconde-se neste quadro o mais alto tesouro do mundo, no qual está a mais alta medicina e a maior parte das riquezas da Natureza, a nós dado pelo Senhor IEHOVA. Chama-se **Pater Metallorum**, bem conhecido do Filósofo que à frente da gruta da montanha está sentado, e é de fácil obtenção para qualquer um. Mas os sofistas, em seus trajes de sofisticação, batem sobre o muro para sondá-lo, e não reconhecem o **Pater**.

À direita vê-se **Lepus**, representando a arte da Química, maravilhosamente alva, da qual os segredos estão sendo explorados com o calor do fogo. À esquerda vê-se livremente o que é a **Clavis artis** direita; com ela deve-se usar de toda a sutileza possível, como o faz a galinha que choca seu pintainho. No meio da montanha, diante do portão,

encontra-se, em todo o seu orgulho, um corajoso Leão, cujo nobre sangue está prestes a ser derramado pelo monstruoso dragão; arremessado a profunda cova, dele surge um negro corvo, então chamado **Ianus artis**, e deste vem a **Aquila alba**. Mesmo o cristal que foi refinado na fornalha, logo mostrará a ti, quando o examinares, **Servum fugitivum**, para muitos Artistas, um filho maravilhoso. Quem tudo isso faz é o **Principium laboris**. À direita, no barril, estão **Sol** e **Luna**, a inteligência do firmamento. As plantas principais são **Rad. Rubeam** e **albam**. Sê constante e **Arbor artis** aparecerá a ti com seus botões, anunciando, agora, **Lapidem Philosophorum**. Sobre tudo, a coroa da glória, governando todos os tesouros.

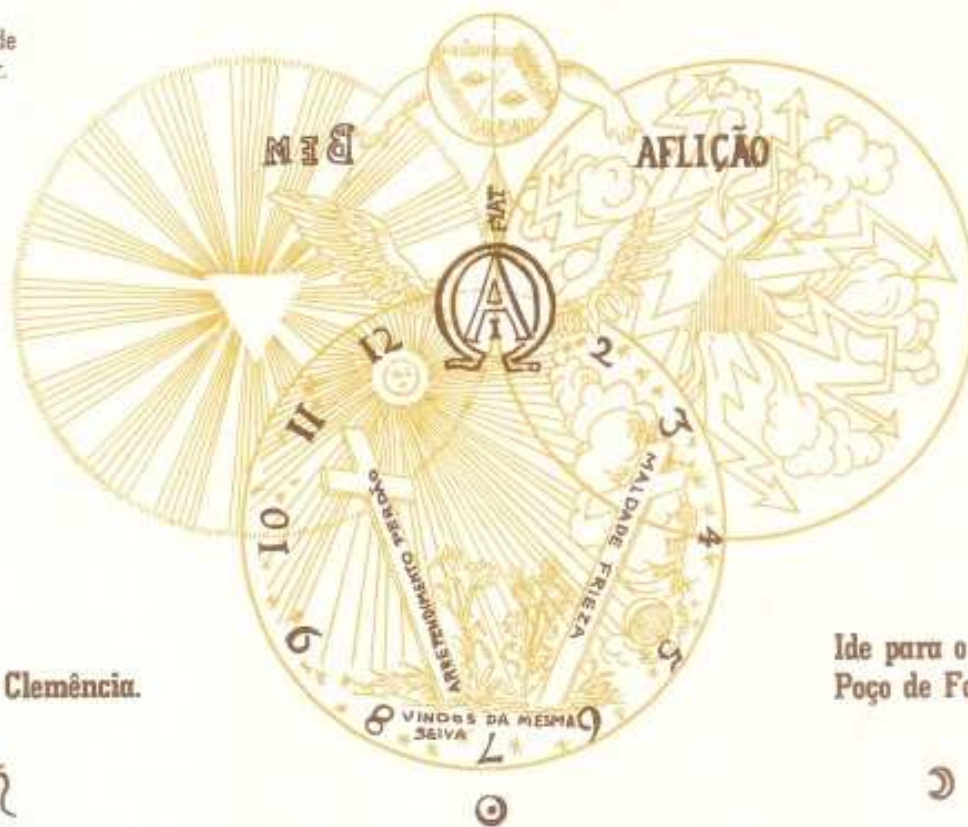
Sê diligente, pacífico, constante e piedoso, ora para que Deus possa dar-te ajuda. E se conseguires, nunca esqueças dos pobres. Então louvarás ao Senhor com a legião dos anjos, agora e sempre.

Clemência - Escolha

ECATINO VONTADE

Luz, força, júbilo no reconhecimento da Virtude de Deus e hino de louvor.

Treva, prática do mal, temor na impiedade, pecado e vício.



Vinde ao Trono da Clemência.

Ide para o Poço de Fogo.



Aspero, duro, frio, severo, violento, azedo, inclinado à rudeza e ao que é terreno, seu desejo provém dessas qualidades.

Fogo ou vida, metade nas trevas, metade na luz, e o acender e a finalidade da separação.

O Ser feito das seis qualidades espirituais em que jazem corporeamente e aguardando, como se estivessem em seu estojo.

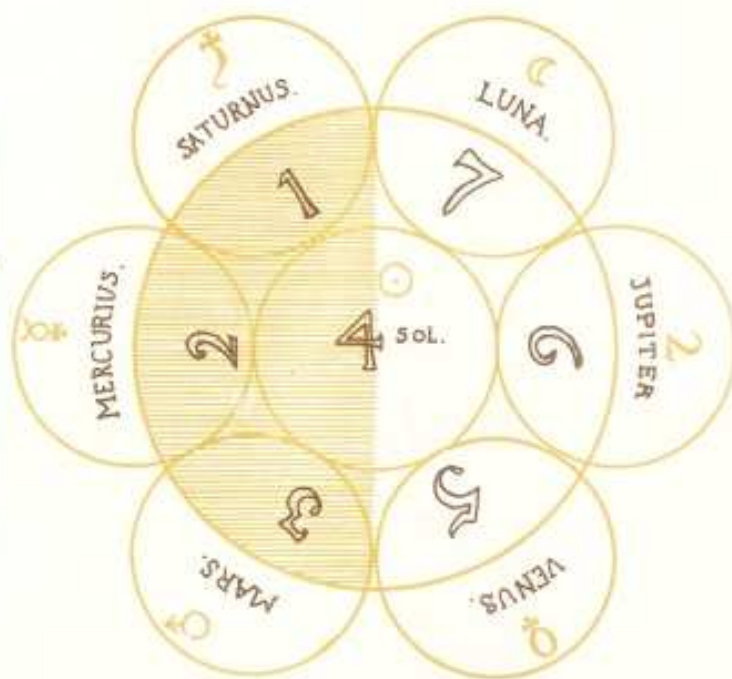


Amaro, retirado da qualidade áspera, que causa uma purgência interior, e em tal espírito permanece, a existência da mobilidade.



Temor, calor, neles consistem as sensibilidades.

O Principium primeiro e tenebroso. Deus, o Pai, sendo chamado um Fogo Consumidor.



O outro Principium de luz: sendo Filho de Deus, uno com o eterno Mundo de Luz.

É o poder oriundo da vida da luz, nele cumpre-se a palavra de Deus da cognição, som, chama e tom.

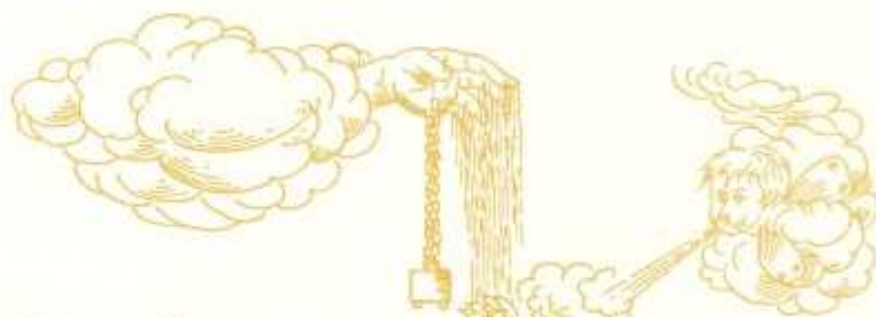
Luz, amor, fogo, que queima pelo ólio da Clemência, de que é formada a vida celestial.

O Principium do fogo pertence ao mundo dos quatro elementos, sendo resultante dos dois primeiros, e é o terceiro princípio.

Sempre que as três primeiras qualidades dos primeiros Principii trevosos se sobrepõem, então as demais ficam ligadas em torno de seu Centro e todas as sete são más. Então Saturnus significa avareza, Mercurius inveja, Marte ira, Sol vaidade, Venus luxúria, Jupiter astúcia e Luna desejo corporal, que são os sete maus espíritos que reinam no interior do primitivo ser humano.

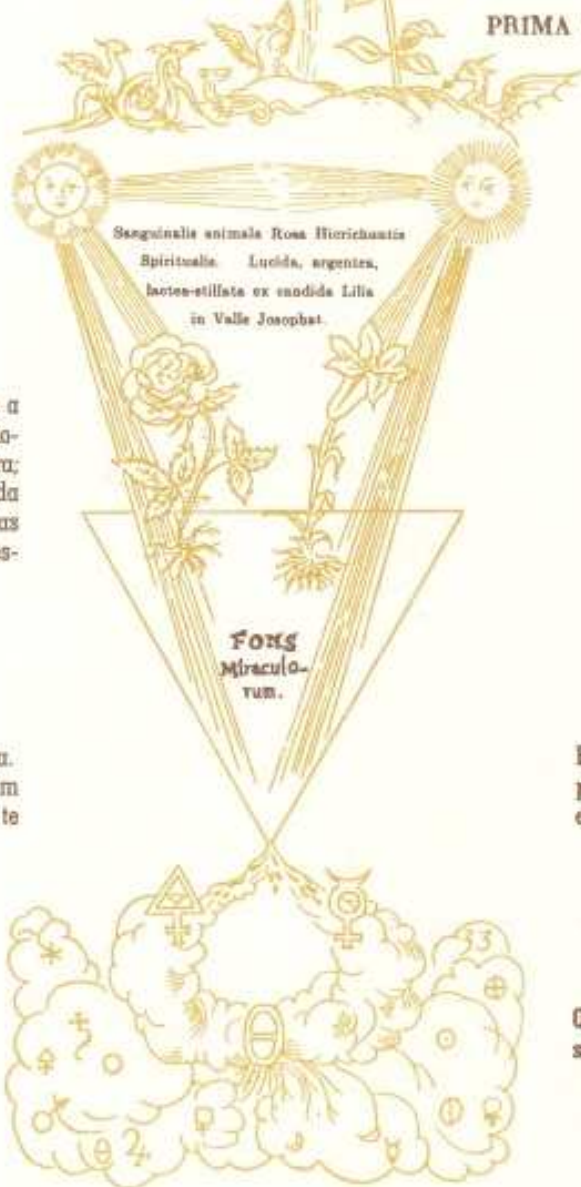
Mas quando os três no Princípio de luz sobrepõem, e nascem do Centro trevoso, de modo que estejam de acordo com suas mais íntimas profundidades de luz, que é o novo nascimento no Homem, todas as sete são boas, e então Saturnus representa compaixão, Mercurius a boa ação, Marte a mansidão, Sol a humildade, Venus a castidade, Jupiter a sabedoria e Luna a carne, ou corpo de Cristo.

A Filosofia Hermética



Atraio a todos os que buscam a Deus e a verdade; apenas eles acharão a Arte. Eu sou a Pedra-Ímã do amor divino; atraindo os homens de férrea rigidez ao caminho da verdade.

PRIMA MATERIA.



Sou a umidade que tudo preserva na Natureza e a faz viver; passo dos planos superiores aos inferiores; sou o orvalho celestial e a riqueza da terra; sou a água ígnea e o fogo aquoso; no tempo, nada pode sem mim viver; sim, estou junto a todas as coisas; dentro de todas as coisas e a todas atravessando, e contudo sou desconhecida. Entretanto, só eu sou acessível aos Filósofos. Abro-me e novamente me encerro, Trazendo contentamento aos Artistas, Sem mim, nada podes fazer Para o progresso do que te interessa. Portanto, teme a Deus, ora e labora com paciência. Se me achares, tua necessidade cessará; tens um Deus misericordioso que te trata como amigo e te dará tudo o que em teu coração desejares.

Esta umidade deve ser coletada, para que não se transforme em vapor ou fumos.

Os dois vapores ou fumos são as raízes da Arte.

A Prima Materia deriva do Fiat, o Verbo, da Criação. E este Verbo vem do Pai, que é Criador de todas as coisas, e o Espírito irradia de ambos. Esta é a vida de Deus dando ar. Então, também o ar traz à vida tudo o que está dentro dos elementos. O fogo tudo aquece, a água refresca, delicia e satura todas as coisas. E a nitrosa terra, maternamente, tudo nutre e sustenta; o ar nasceu do fogo, e por sua vez faz queimar o fogo, para que este possa viver, mas ar na forma de água é alimento para o fogo, e o fogo queima e torna-se esse elemento. Água e orvalho do selo, o graxo, gordo orvalho do solo, a terra como guardiã do sal nitroso o alimenta. Pois o útero da terra é o sal nitroso e sulfúrico da natureza, a boa coisa que Deus criou neste mundo visível.

O mesmo Sal-Mãe dos elementos é a água nitrosa, aluminosa e espiritual gumósica, \ominus terra ou cristal, que tem a Natureza em seu ventre, um Filho do Sol, e uma Filha da Lua. É um hermafrodita nascido do vento, uma lénix vivendo em fogo, um pelicano, reavivando seus queridos filhos com seu próprio sangue; o jovem Ícaro afogado na água, cuja nutriz é a terra, cuja mãe é o vento, cujo pai é o fogo, a água sua aia e bebida, uma pedra e nenhuma pedra, uma água e nenhuma água, e, no entanto, uma pedra de poder vivo e uma água de potência viva; um enxofre, um mercúrio, um sal, oculto profundamente na Natureza, e que jamais foi visto nem conhecido por um tolo.

Deus vendit sua dona pro labore.

Luz de Teologia

Ó Homem, conhece a Deus e a ti mesmo;
Para que possas saber o que está
no Céu e na Terra.

O que Deus era, sem princípio.
Sem princípio.



Sem meio. Sem fim.

O que o homem era sem princípio



O que Deus era antes do princípio na eternidade.
Espírito. Deus.



Espírito. Pessoa. Espírito. Verbo
Un. ad Trin. Trin. ad Un.

O que o Homem era antes do princípio na eternidade



Omnia sunt non Ens, &
Omnia sunt Ens.

O que Deus era no princípio



Verbo. Espírito.

O que o homem era no princípio
SURGIDO DA NATUREZA
ENXÔFRE MERCÚRIO



SAL
Pó do chão

O que Deus é no tempo



O que o homem é no tempo



O que Deus é após o tempo.



O que o homem é após o tempo



TRÊS MUNDOS HABITAM UM MUNDO

O eterno mundo celestial

O grande mundo com todas as suas criaturas



O pequeno mundo, como ser humano.



TRÊS SÓIS NATURAIS NO MUNDO

O grande Sol no Céu.
Pai e Mãe de todas as criaturas

O pequeno Sol dentro do ser humano.



O mais baixo Sol na terra.



7 PLANETAS

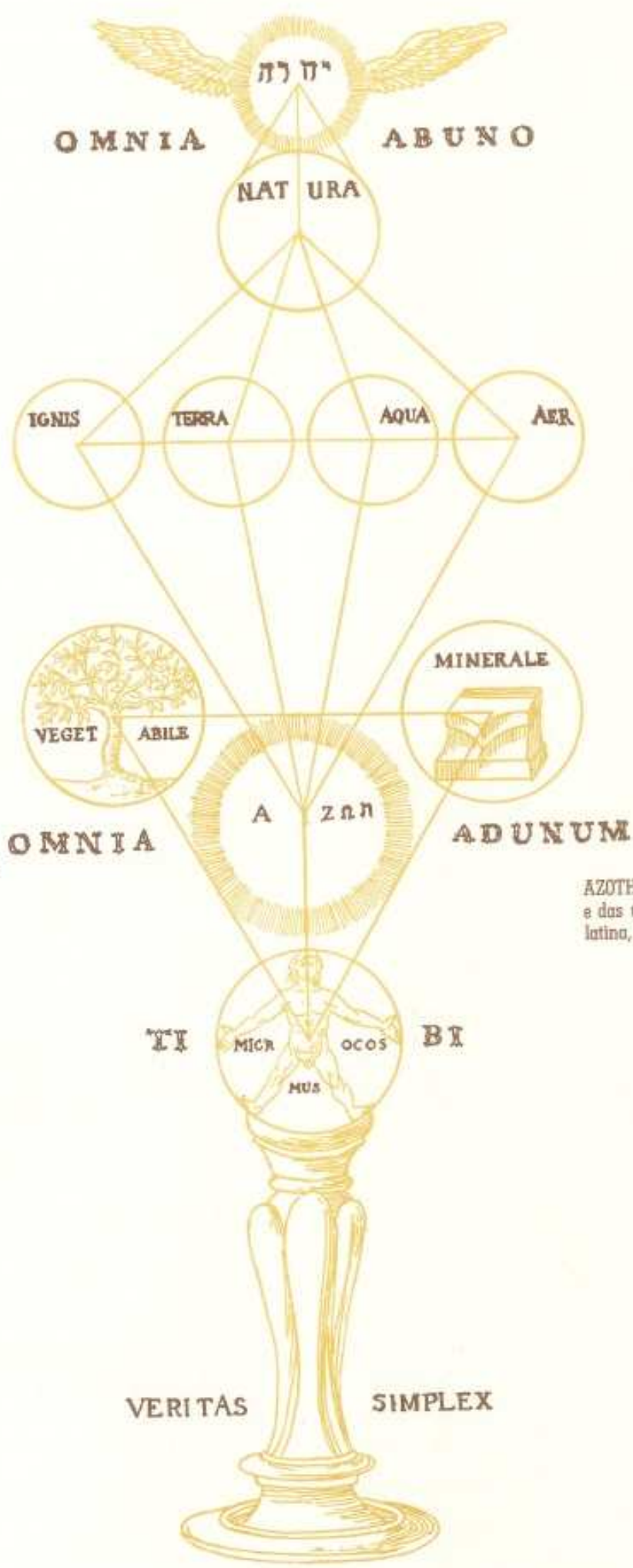


7 CLASSES



7 METAIS



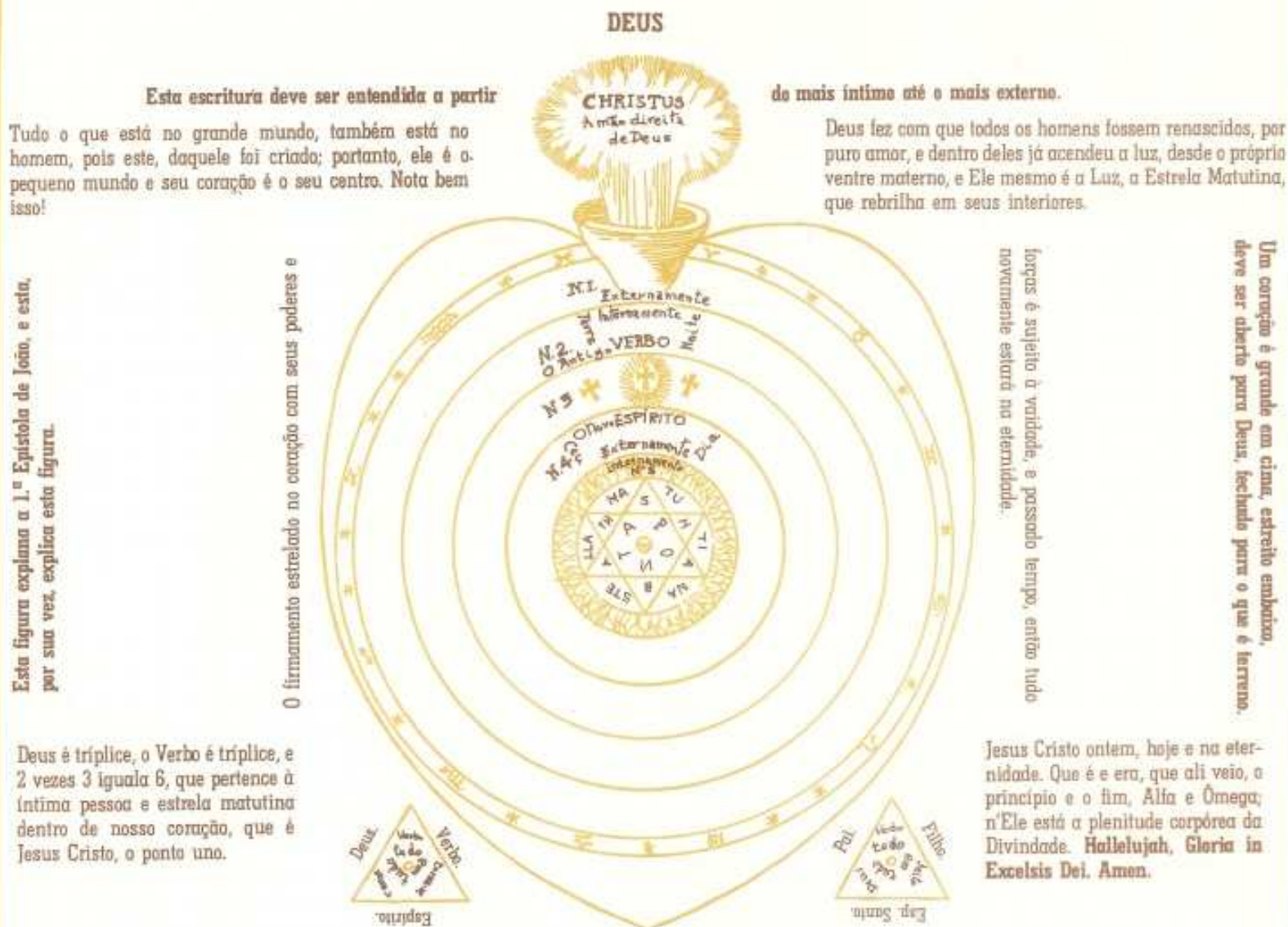


AZOTH Nomen compositum ex primis & ultimis literis Linguae Hebraicae; Graecae & Latinae.

AZOTH, nome formado da primeira e das últimas letras das línguas latina, grega e hebraica.

POCULUM PANSOPHIÆ.

Quadro do Coração Humano na Antiga e na Nova Criatura



Deus é tríplice, o Verbo é tríplice, e 2 vezes 3 iguala 6, que pertence à íntima pessoa e estrela matutina dentro de nosso coração, que é Jesus Cristo, o ponto uno.

O velho nascimento da morte em trevas deve ser morto pela cruz e pelo sofrimento; num grande círculo está a razão capturada e, através do Verbo, o homem está sendo reconduzido ao espírito, ao renascimento, à luz em Cristo, onde, e apenas onde, existe quietude, paz, vida eterna e o Reino dos Céus.

N.º 1 Eis aqui Cristo, nascido Homem de acordo com a carne de Maria, sobre isso ele falou em João 6. A carne nada pacífica. Eis aqui o nascimento humano a partir de Adão, a antiga Criatura, pecador, mortal, não entra no Reino dos Céus; o homem vive nas trevas, na cegueira, na noite e na morte, na sua razão oriunda do poder das estrelas e dos 4 elementos, do que surge a doença, do que foi inventada a manipulação das artes, escolas, ofícios eclesiásticos e seculares, e posição, até aqui estão no coração. Sobre o que, governa a autoridade ordenada por Deus. Tudo isso é vão e mortal, nessas trevas brilha a luz e as trevas não a entendem. Aqui pertencem os Cristãos, Judeus, Turcos e pagãos, sendo todos pecadores e faltos da glória que deveriam ter perante Deus; estão resolvidos a sofrer a ira de Deus.

N.º 2 Aqui, Cristo está ferido em sua alma e tentado pelo demônio, a consciência mais íntima oriunda das estrelas está sendo tentada pela luxúria dos olhos, feitos da carne e da vaidade, com segurança e desespero. Aqui as Sagradas Escrituras tornam-se letra morta, produzindo seitas, superstições e sacerdotes da carne, temerosos de que a palavra de Deus lhes possa ser arrebatada, a que agora é letra morta. Os que estão no poder, querem lutar com a espada pela religião, matando os crentes, Cristo e Seus Apóstolos, crendo que assim serve a Deus. As coisas divinas são para eles apenas tolices, já que só podem entender a Cristo na carne, e de acordo com a tribo de Davi, fazem divisões, partidos e seitas.

N.º 3 Aqui está a separação entre a luz e as trevas, surge a aurora, todas as temporalidades serão esquecidas, através de muitas dores deveremos entrar no Reino de Deus; o homem é um tolo ao agarrar-se ao mundo; Cristo está nele sendo crucificado e ele em Cristo; portanto, ele é uma cruz para o mundo e o mundo uma cruz para ele; eis aqui a calma; quem quer que se volte para a luz, vive em Cristo e Cristo nele, no tempo e na eternidade.

N.º 4 O antigo deverá ir inteiramente; pois, vede: eu faço novas todas as coisas. Eis aqui o renascimento pela água e pelo espírito, desde o alto através da palavra da verdade, uma nova criatura nascida de Deus. Cristo tornou-se carne, ressurgiu no ser humano, despertando-o de entre os mortos, nutrido-o com Sua real carne e Seu verdadeiro sangue até atingir a vida. Cristo é a Palavra do Pai, o Livro da Vida, o Evangelho, o Poder de Deus. Ele faz crer, Ele abençoa. Ele é Rei, governando com a espada do espírito, o homem torna-se de Natureza Divina e tem sua vida nos Céus com Cristo.

N.º 5 O Espírito Santo é o unguento, ensina aos homens as mais íntimas coisas da Divindade; o homem tornou-se um templo de Deus, habitado pela Santíssima Trindade. Cristo no homem, Deus e homem, cheios de amor, Cristo é tudo em tudo, o Único.

Ó Senhor, misericordioso Deus, abre o coração humano, para que entenda Teus segredos através do Espírito Santo.

Quem bem entendeu a figura,
Também compreende as Escrituras.
Três mundos foram por Deus criados,
No céu, amor; na terra, misericórdia,

Ira no inferno, e trevas;
Certamente este é um retrato do Homem.
Nesta terra ele só tem a escolher
Que caminho seguir, seu fim é de sua vontade.

TABULA SMARAGDINA HERMETIS.



VERBA SECRETORUM HERMETIS.

É verdadeiro, certo e sem falsidade que o que quer que esteja embaixo é semelhante ao que está acima; e o que se encontra acima é igual ao que está embaixo: para cumprir-se a Obra maravilhosa. Como todas as coisas são derivadas da Única Coisa, pela vontade e pela palavra d'Aquele Único que a criou em Sua Mente, assim também tudo deve a sua existência a esta Unidade, pela ordem da Natureza, e tudo pode ser aperfeiçoado por Adaptação àquela Mente.

Seu Pai é o Sol; sua Mãe é a Lua; o Vento a leva em seu ventre; e sua nutriz é a Terra. Esta Coisa é o Pai de todas as coisas perfeitas do Mundo. Seu poder é perfeitíssimo quando tiver sido novamente transformado em Terra. Separa tu a Terra do Fogo, o sutil do grosseiro, mas com cuidado e com grande judiciosidade e habilidade.

Ela ascende da Terra ao Céu e novamente desce, renascida, à Terra, desse modo tomando para si o poder do Acima e do Abaixo. Assim, o esplendor de todo o Mundo será teu, e toda a treva de ti fugirá.

Este é o mais forte de todos os poderes, a Força de todas as forças, pois sobrepuja todas as coisas sutis e pode penetrar tudo o que é sólido. Pois assim foi o Mundo criado, e raras combinações e maravilhas de muitas espécies, são obras.

Portanto, sou chamado HERMES TRISMEGISTUS, por ter dominado as Três Partes da Sabedoria de todo o Mundo. O que tenho a dizer sobre a Obra-Mestra da Arte Alquímica, a Obra Solar, aqui está dito.

INTERPRETAÇÃO e EXPLANAÇÃO

DA

TABULA SMARAGDINA HERMETIS

Esta imagem, que tem ar singelo,
Encobre um grande portento.
Nela é que está todo o segredo
Da maior riqueza do mundo.
Já que aqui eles julgam supremo
Ser fidalgo, a espalhar ouro e prata,
Também tendo seu corpo sadio,
Robusto por toda a vida,
Até a hora que foi pré-marcada
Que ninguém pode ultrapassar.
Tudo isso que agora te digo,
Claramente é mostrado na imagem,
Três escudos que ali aparecem:
Livre estrela! Com Águia e Leão,
E pintado bem no seu meio
Está o globo, orbe imperial.
Céu e Terra estão dessa forma
Dispostos, ali, lado a lado,
E entre mãos que estão estendidas
Uma à outra, em bênção perpétua
Dos metais são mostrados emblemas.
E no anel que envolve a figura
Estão postas as sete palavras.
Pois agora eu devo explicar
O que cada palavra dirá
E então passarei a indicar
Como as chamam pelos seus nomes.
Nisto está segredo dos sábios
Grande força há nele contida,
Descrição de como operá-lo
Será feita aqui, no que segue:
Três escudos juntos indicam:
Que são *Sal, Sulphur, Mercurium*
O *Sal* sendo um *Corpus* notável
Por ser certo o último da Arte.
O *Sulphur* doravante é alma
E sem alma nada pode o corpo
O *Mercurius* ou *Hydrargirium*
É quem dá espírito à força
Que une alma e corpo em um só.
Por isso, de *meio* é chamado,
Sem ele nada há de estável.
Alma e corpo não podem morrer
Se espírito com eles estiver.
E alma e espírito não podem ser
Se não têm corpo para habitar,
Força não tem o corpo ou o espírito
Se a alma com eles não vier
Este é o sentido da Arte:
O corpo dá forma e constância,
A alma o matiza e o tinge,
Quem penetra e dá fluido é o espírito.
Assim sendo, a Arte não está
Isolada num desses três.
E nem pode o Grande Segredo
Existir isolado, por si:
Deve sempre o seu corpo ter
E espírito e alma também
E agora verás qual o quarto,
Do qual se originam os três
São os mesmos nomes que irão
Te dizer o que resta saber
Brasonada, Heptacórnica estrela
O Leão, por sua cor, seu poder
Toda a sua natureza é mostrada;
Na Águia que altiva se exhibe
Gualdo e branco estão manifestos.
Grava bem aqui minhas palavras,
Pois, cuidado, que o orbe do Império
É a marca do máximo bem.
Céu e Terra são quatro elementos,
O Fogo, Água e Luz ali estão.
Duas mãos afirmam em juramento
A correta razão e o saber,
E quais são as raízes de todos
Os metais e de muito o que existe.

Restam aqui só as sete palavras,
Escuta ainda o que elas dirão:
E se as sete tu sempre entenderes
E guardares em teu pensamento,
A ciência será sempre tua.
O valor dado a cada palavra
É o valor de toda uma cidade.
Fortes burgos só com uma entrada
⊙ A primeira, de ouro, é amarela.
⊕ A segunda, de bela e alva prata.
⊖ A terça, de Mercúrio, é cinza.
⊗ A quarta, de estanho, é azul-céu.
⊘ A quinta é de ferro, é vermelha,
⊙ E verde a sexta, é de cobre
⊖ A sétima, chumbo, é bem negra.
Entende-me bem, e bem grava,
Que é ali, nos portões das cidades
Que da Arte está o fundamento.
Cada uma por si nada pode
Se às demais junta não estiver
E tão logo os portões são fechados
No burgo ninguém pode entrar.
Se portões não tivessem as cidades
Coisa alguma poderiam fazer.
Porém, se estes portões são trancados
Num feixe de luz fulgurante
Sete cores virão a surgir,
Em cegante esplendor e poder
Que na Terra são incomparáveis,
Na Terra não há como encontrar.
Portanto, escuta ainda mais:
Sete letras, e sete palavras,
Sete burgos com sete portões,
Sete tempos, e sete metais,
Sete dias, e mais sete cifras,
O que quer dizer sete ervas,
As artes são sete, e as pedras.
Nisso está toda arte perene
Que bem para quem isso encontrar!
Se a ti for difícil entender
Eis de novo alguns outros detalhes:
Em verdade aqui eu te revelo
Muito claro, sem ódio ou inveja,
Como o chamam com uma palavra:
Vitriolo, para aquele que entende.
Se tu sempre e sempre estudares
O caminho que aqui te mostrei,
Da Cabala, com empenho e afincio
Que na cifra é Sete e cinqüenta
E é Sete e cinqüenta que há
De encontrar marcada por tudo,
Em todo o lugar em que fores.
Não te curves ao fardo da Obra
Mas entende-me certo, que assim
Disso tudo tu desfrutarás.
E agora põe muita atenção:
Uma água existe: não molha,
Não molha, essa água notável,
É dela que os metais são feitos,
É fria e rija essa água
Sólida, dura, qual gelo.
Tem úmido pó que um vento,
Se forte, levanta e espalha
E nele é certo encontrar
Os atributos todos que tem.
E se isso tu não entenderes,
De outra forma não posso explicar.
Agora irei te instruir
Como isso é de ser preparado:
Sete vias há para esta Arte,
Se das sete uma só esqueceres,
Em vão tu terás trabalhado
Mas há que, primeiro, saber
Que tu deves bem purificar-te.
Muito embora duplo isto seja,
Necessitas apenas de um.

Faz ele o primeiro trabalho
 Livre, sem qualquer outra adição,
 Sem nele haver destilados,
 Mas apenas por putrefação.
 E é partindo de todas aquelas
 Qualidades terrenas que tem,
 Que tudo é depois preparado.
 No primeiro caminho verás
 Que são duas as sendas que existem
 Feliz do que vai pela certa.
 A primeira estendeu-se por fogo
 Pela força do fogo, estendeu-se
 Do fogo em si mesmo, vê bem.
 A segunda vereda se adianta
 Até que alguém tenha proveito,
 E chegue a tesouro e ganho.
 Por dissolução isto é feito,
 E de novo por saturação,
 O que deve ser feito de logo,
 E assim chegarás ao final
 Da Arte que é nobre e antiga,
 Completada a purificação.
 Preparado e cozido ao sol
 Ou no cáldo adubo do tempo,
 Do tempo certo que é o seu
 Que se estende para muito, bem longe,
 Até ser constante e perfeito,
 E então a riqueza dos Sábios
 Nele se completará.
 São sutis os outros caminhos
 E é neles que vêm a falhar
 Mesmo aqueles de muito poder,
 Pois aqui há o intento severo:
 Destilar e também sublimar
 Aos Sábios que isto intentarem.
 Separar os quatro elementos
 Dos Sábios também é exigido
 Separar a água e o ar
 E o fogo retificado.
 A terra no chão desnorteia
 A muitos que muito conhecem
 Sendo dada como imprestável,
 Entretanto é nela que está
 Toda a força de que necessitamos
 Uns não sabem como separá-la
 De seus *Cortibus*, e por isso falham.
 Ela foi jogada a um canto
 Mas se o Sábio a retoma,
 Purifica-a, a faz branca de neve:
 Este é o chão, eu digo em verdade.
 Mas se alguém quiser vir separá-lo
 Nota que isso é bem importante,
 Que se elas não forem prontadas
 Estarás em erro, isto eu juro.
 Portanto hás de ter do Vinagre
 Do que é revelado aos Sábios,
 Com o qual farás separação,
 De tudo o que ele tiver
 De caráter material,
 Ficando assim separados
 Seu corpo da sua alma;
 Há quem chame tal corpo e alma
 Também de fogo e de terra
 E assim separados os dois,
 Deverão ser purificados

— — —
 Agora, segue tu com a mistura!
 Assim chegando à força,
 A acabada cifra com aquela
 Que nunca foi terminada
 E se o fogo for bem controlado,
 Será de grande perfeição
 E muito antes que passe um ano.

Terás diante de ti estendido
 Um caminho que vai bem ao longe
 E no qual só há duas trilhas.
 Uma delas já se desvia
 Fora disso ele é claro e plano.
 Uma trilha, dos Sábios é a água,
 A qual é o *Mercurius* por si
 A outra é chamada Vinagre,
 Conhecida apenas de uns poucos.
 E este Vinagre circula
 Em espiral de raios crescentes
 Que o afasta para longe do ferro
 A que chamam de filosofal.
 Faz feliz ao Senhor *Aes*
 Por isso combinam tão bem
 Muitos centos de formas são dados
 E de nomes, cada um escolhe o seu.
 Da fonte veraz sai a trilha
 Alguns nela obraram um ano.
 Mas muitos, por sua arte e valor,
 Reduziram este tempo tão longo;
 Pronto logo estará o preparado
 Como diz a querida Alquimia.
 Só o preparo consegue por si
 Tornar grande e gloriosa esta pedra.
 Embora haja só uma matéria
 Não carece de outra coisa qualquer,
 Mas quando ela for alvejada
 Seu nome, se for revelado,
 A muitos irá desnortear.
 Mas aqui já revelei bastante
 De muitas maneiras e estilos.
 Muitos nomes existem; eu te digo:
 Não te deixes afastar da trilha.
 Em seus livros os Anciãos revelam
 Que ela é uma tisana, um veneno.
 E outros a chamam de serpe,
 Um monstro, enfim, que não é
 Querido em lugar nenhum.
 Ela é comum a todos, no mundo,
 Tanto aos ricos como aos mendigos.
 Dos metais ela é propriedade
 E por tê-la é que eles são sempre
 Vencedores de grandes triunfos.
 Ela é perfeição portentosa
 E de ouro está coroada.
 Agora, está completada
 Toda a minha revelação —
 Para aquele que entende do assunto
 Duas coisas existem ainda,
 Vai sempre por tua vereda
 E te lança com afino ao trabalho.
 O composto é aquele preparo
 De que os Sábios guardam segredo.
 A natureza do fogo também
 Tem artes ocultas, e pois,
 Sua ordem é outra, bem outra.
 Portanto, quando lidares
 Com estes assuntos sutis,
 Cuidado, que não exageres
 Ou perderás todo o trabalho;
 Guarda o máximo de sutileza
 E assim como a atenta galinha
 Choca os pintos com toda a cautela,
 Deverás fazer desde o início,
 E só o tempo, em si, há de provar.
 Como o fogo é de ser regulado
 O tesouro de si mesmo virá.
 Sê constante, operante e brando
 Piedoso também debes ser
 E implora a Deus Sua ajuda:
 Quando esta tiveres na mão
 Lembra sempre que são teus irmãos
 Os pobres que existem no mundo
 E não esqueças por um só momento
 Da miséria que os faz sofrer.

AUREUM SECLUM REDIVIVUM IDADE DE OURO RESTAURADA

isto é

A Antiquíssima Idade Áurea que já se Passou.

a qual agora tem ressurgido novamente, florida em encantos, produzindo fragrantes sementes douradas. Esta preciosa e

nobre semente é indicada e revelada a todos os verdadeiros *sapientiae e doctrinae filii* por

HENRICUS MADATHANUS, THEOSOPHUS,

Medicus et tandem. Dei gratia aureae crucis Frater.



Epístola de Tiago, 1:5:

Se algum de vós carece de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.

SYMBOLUM AUTHORIS.

Centrum mundi, granum fundi.

PREFÁCIO

Ao Leitor Cristão e Virtuoso

Leitor Bondoso e Amante de Deus, e especialmente tu *sapientiae e doctrinae filii*, há alguns anos o Deus Todo-Poderoso abriu meus olhos com a iluminação de Seu Santo Espírito (do qual recebemos toda a sabedoria e que nos foi enviado através de Cristo por Seu Pai), pois tenho orado fervorosa, incessante e constantemente, e O tenho chamado por muitas vezes. E assim contemplei o verdadeiro *Centrum in Trigono centri*, como a única e verdadeira substância da Nobre Pedra Filosofal, e embora eu a tivesse em minhas próprias mãos pelo tempo de cinco anos, não sabia como usá-la devida, apropriada e convenientemente, como extrair dele o *rubro sangue do leão* e o *branco glúten da águia*, muito menos ainda como misturar, fechar e selar o mesmo de acordo com o proporcional peso da Natureza, ou como submetê-lo ao fogo oculto e proceder com o mesmo, tudo devendo ser feito com conhecimento e cuidado. E, embora tenha eu pesquisado nos *scriptis, parabolis e variis Philosophorum figuris* com especial cuidado e entendimento, e com labor diligente tentado descobrir suas múltiplas e estranhas *aenigmata*, que existiam em parte somente em suas próprias mentes, descobri *reipsa* que isso foi plena fantasia e insensatez, como também o testemunha o *Aurora Philosophorum*. Elas todas são tolices, como todas as *praeparationes*, mesmo as de Geber e Albertus Magnus, com suas *purgationes, sublimationes, cementationes, distillationes, rectificationes, circulationes, putrefactiones, conjunctiones, solutiones, assensiones, coagulationes, calcinationes, incinerationes, mortificationes, revificationes* etc. Da mesma maneira são seus tripés, *Alanthor*, fornos refletores, fornalhas de fundição, putrescências, esterco de cavalo, cinza, areia, copos de ventosa, frascos de alambique, retortas, fixatórios etc., coisas sofisticadas, fúteis e inúteis. Pessoalmente, tenho em verdade que admitir isso: especialmente desde que a nobre Natureza, que se deixa facilmente encontrar em sua própria *substância* inata, não conhece nenhuma dessas coisas. Há aqueles que procuram pela *materiam lapidis* no vinho, no corpo imperfeito, no sangue, na marçassita, no mercúrio, no enxofre, na urina, no esterco, no auripigmento, e nas ervas tais como a quêlidônia, a pulmonária, o teixo, o hissopo etc. Theophrastus, em seu *Secreto Magico de Lapide Philosophorum*, acertadamente diz sobre elas: tudo isso é vilania e roubo com que desencaminham outras pessoas, tomam-lhe o dinheiro, gastam e desperdiçam seu tempo inutilmente, seguem apenas suas próprias tolices, mas que não sabem imaginar de antemão os requerimentos da Natureza. Antes, diz-me: O que pensas tu daqueles que queimam a água nas minas da terra, ou estão, também, entre eles pessoas que elevam o valor do vinho ou queimam a urina das criancinhas para fazer com eles seus metais? Ou pensas tu que entre eles há algum boticário que tem para vender algo com que possas fazer metais? Estúpido, não entendes que estás em erro, que nenhuma dessas coisas pertence à Natureza? Ou queres estar acima de Deus, tu que queres fazer metais usando o sangue? Poderias mesmo tentar fazer um homem de um cavalo, ou uma vaca de um rato, dando bom leite de quebra. Isso, também, seria uma *multiplicação*, mas tais coisas não podem acontecer, e assim como não acontecem, tampouco poderás produzir metais com tais ingredientes, pois essa não é uma arte dada pela

Natureza. E o que a Natureza produziu, nenhuma arte pode afetar; pois se uma mulher deu à luz um menino, nenhuma arte pode tornar o menino em águia, seja qual for o meio empregado. Após este breve discurso, deverá ser fácil para qualquer pessoa ver como, e sob que forma, a *materia benedicta* deve ser procurada e encontrada. E ninguém deve imaginar, muito menos ser persuadido por nenhum bufão, que ele tenha realmente em suas mãos a *veram materiam*, seja por meio da revelação secreta de Deus ou por meio daqueles que pretendem conhecê-Lo, e ninguém deve imaginar que então será capaz de desintegrar a dita *veram materiam* proporcionalmente, para separar o *purum ab impuro* nas mais altas coisas, que ele saiba como purificar tal e entendê-lo completamente. Não, meus caros analistas, de nenhuma forma isso é assim: nisso está a dificuldade. Para tais coisas fazem-se necessárias arte e mente capacitada. Olhem-me, por exemplo: como tendes ouvido de mim no início, por cinco anos estive familiarizado com a *veram materiam lapidis*, mas em todo esse tempo não sabia como proceder com ela, e só no sexto ano foi a chave de sua força confiada a mim, através da secreta revelação de Deus Todo-Poderoso. E os antigos Patriarcas, Profetas e *Philosophi* têm em todos os tempos guardado esta chave no oculto e em segredo, pois o *Monarcha in loco dicto* diz: Seria um grande roubo, e não mais um segredo, tivessem eles revelado em seus escritos tal assunto, de modo que qualquer remendão ou boticário pudesse entendê-lo, e muito mal poderia ser feito desta maneira, o que seria contra o desejo do Senhor etc. Agora, há muitas razões pelas quais devo escrever este tratado: algumas são mencionadas aqui, outras no Epílogo, e outra razão é que eu não desejo apresentar-me como se tivesse para meu exclusivo uso o *talentum a Deo mihi commissum*. Assim eu tenho escrito aqui neste meu *Aureo seculo redivivo* tudo quanto Deus e a Natureza me permitiram, sobre o grande segredo dos Filósofos, como meus olhos o testemunharam e minhas mãos o tomaram, e como isto foi revelado pela misericórdia de Deus, no tempo certo e em grande poder e glória: e possa o pio leitor, amante de Deus, tomar tudo isso de boa fé e aceitá-lo, examiná-lo habilmente, e não se perturbar se às vezes há palavras misturadas com meus dizeres que aparentem ser contrárias ao texto. Não podia escrever de outra maneira *per Theoriam ad praxim*, pois é proibido escrever mais exata e claramente sobre isso *in republica chymica*. Mas, sem dúvida alguma, todos aqueles que lerem este tratado em verdadeira fé com o olho interno de suas mentes, e que são capazes de enxergá-lo de modo certo, e estudá-lo diligentemente, e que orem em todas as coisas internamente e de todo o coração, desfrutarão, como eu, a maravilhosamente doce fruta filosofal nêle oculta e partilhar dele, de acordo com os desejos de Deus. E então eles serão e permanecerão verdadeiros Irmãos da Áurea Cruz, e em eterna aliança, membros escolhidos da Comunidade Filosofal.

Finalmente, serei tão cândido que revelarei meu verdadeiro nome e sobrenome pela seguinte maneira ao leitor inteligente, honrado e Cristão, para que ninguém tenha o direito de elevar a voz contra mim. Então, agora seja sabido a todos que o número de meu nome é M.DCXII, no qual meu nome inteiro foi inscrito no livro da Natureza por 11 mortos e 7 vivos. Ademais, a letra S é a quinta parte do 8, e o 15 é também a quinta parte do 12, e que isso te seja suficiente.

Datum in Monte Abiegnò, die 25.

Martii Anno 1621

EPIGRAMMA

ad Sapientiae and doctrinae filios.

*Quae sivi: inveni: purgavi saepius: atque
Conjuxi: maturavi: Tinctura secuta est
Aurea, Naturae centrum quae dicitur: inde
Tot sensus, tot scripta virum, variaeque figurae
Omnibus, ingenue fateor, MEDICINA metallis;
Infirmisque simul: punctum divinitus ortum*

HARMANNUS DATICHIVS:
Auth. famulus.

*O que eu avidamente desejei, tenho encontrado: tenho purificado
mais vezes: e*

*Eu tenho unido: tenho levado a amadurecer: a Essência resultante é
Dourada, a qual é chamada de centro da Natureza; daí
Tantas sensações, tantos escritos dos homens, e múltiplas formas.
Em tudo, eu francamente admito, a MEDICINA em metais;
E na debilidade também: o ponto que se eleva dos céus.*

AUREUM SECVLVM

REDIVIVVM.

(A Idade de Ouro Restaurada).

Enquanto estive meditando sobre as maravilhas do Altíssimo e sobre os segredos da Natureza oculta e sobre o feroso e ardente amor do meu próximo, recordei-me da branca ceifa onde Rubem, o filho de Lia, encontrou nos campos e deu as mandrágoras que Raquel recebeu de Lia por ter dormido com o patriarca Jacó. Mas meus pensamentos se aprofundaram muito mais e me levaram mais adiante, até Moisés, e lembrei-me de como ele fez uma beberagem do bezerro do sol, fundido por Aarão, e como ele o queimou com fogo; o moeu até o pó, espalhando este sobre as águas, e deu-o de beber aos Filhos de Israel. E eu me maravilhei muito sobre esta pronta e hábil destruição, que a mão de Deus obrou. Mas, após ponderar sobre isso durante algum tempo, meus olhos foram abertos, assim como acontecera com os dois discípulos em Emaús, que conheceram o Senhor na Partição do Pão, e meu coração se inflamou em meu peito. Mas eu me deitei e entrei no sono. E eis que em meu sonho o Rei Salomão me apareceu em todo o seu poder, riqueza e glória, levando consigo todas as mulheres de seu harém: havia três vintenas de rainhas e quatro de concubinas, e virgens inúmeras, porém uma delas era seu meigo amor, mais linda e cara a seu coração, e de acordo com o costume Católico, ela montou uma magnífica procissão, na qual o *Centrum* era altamente honrado e jubilado, e seu nome era como um supremo unguento cuja fragrância ultrapassava a de todas as essências. E seu feroso espírito era uma chave que abria o templo, para entrar no Sagrado Recinto e para empunhar os cornos do altar.

Quando a procissão terminou, Salomão mostrou a mim o unificado *Centrum in Itrigoni centri* e me abriu a compreensão, e me dei conta de que atrás de mim estava uma mulher despida, com uma ferida sangrenta em seu seio, da qual jorrava sangue e água, mas as juntas de suas coxas eram como jóias, produto das mãos de um destre artesão, seu umbigo era como um cálice bem formado de que transborda o licor, seu ventre era como um monte de trigo ornado com lírios, seus seios eram como duas jovens corças gêmeas, o pescoço era uma torre de marfim, seus olhos como os tanques de peixes em Heshbon, junto ao pórtico de Bath-rabbim: seu nariz era como a torre do Líbano que está voltada para Damasco. Sua cabeça era como o monte Carmelo, mas seu cabelo estava enlaçado em muitas dobras, como a púrpura de um rei. Mas seus vestidos, os quais despira, estavam a seus pés e eram desagradáveis à vista, fétidos e venenosos. E ela começou a falar: Tirei minhas vestes. Como posso eu vesti-las outra vez? Lavei meus pés, devo novamente sujá-los? Os vigias que estavam na cidade encontraram-me, golpearam-me, feriram-me e me tiraram todos os véus. Então estive dominado pelo medo e, inconsciente, caí sobre o solo; mas Salomão me pôs de pé e disse: não temas quando vires a Natureza nua, e o mais oculto que está sob os céus e sobre a terra. Ela é tão linda quanto Tizá, tão graciosa quanto Jerusalém, tão terrível quanto um exército sob armas, mas mesmo assim ela é a pura e casta virgem da qual Adão foi feito e criado. Selada e oculta está a entrada de sua casa, pois ela habita no jardim e dorme nas duplas cavernas de Abraão, nos campos de Efrom, e seu palácio está nas profundezas do Mar Vermelho, e nos profundos e transparentes abismos, o ar lhe deu seu alento e o fogo a criou, sendo por isso a rainha dos campos, leite e mel tem ela em seus seios. Sim, seus lábios são como um farto favo, mel e leite estão sob sua língua e o cheiro de seus vestidos é como a fragrância do Líbano para os Sábios, porém uma abominação para os ignorantes. E Salomão ainda disse: Levanta-te, olha todas as minhas mulheres e vê se podes encontrar uma igual a ela. E, em seguida, a mulher tirou de si as vestes e olhei para ela, porém minha mente perdeu a força de julgamento, e meus olhos foram ofuscados; assim não pude reconhecê-la.

Porém, como Salomão observou minha fraqueza, ele separou suas mulheres desta mulher desnuda e disse: Teus pensamentos são vãos e o sol queimou tua mente e tua memória é tão negra como o carvão, assim, tu não podes mais julgar acertadamente, e então, se não quiseres privar teu interesse e aproveitar a presente oportu-

nidade, que te possam novamente refrescar o suor sangrento e as lágrimas brancas como a neve desta virgem nua, limpar teu entendimento e memória e restaurá-la integralmente, para que teus olhos possam perceber os milagres do Altíssimo, a elevação do mais superior, e então poderás sondar as profundezas dos fundamentos de toda a Natureza, o poder e operação de todos os Elementos, e teu entendimento será como a fina prata, e tua memória como o ouro, as cores de todas as pedras preciosas aparecerão diante de teus olhos e conhecerás sua produção, e saberás como separar o bem do mal, o joio do trigo. Tua vida será muito pacífica, mas os címbalos de Aarão te acordarão de teus sonhos, e a harpa de Davi, meu pai, de teu sono. Após Salomão assim ter falado, estive muito mais amedrontado, e aterrorizado, em parte por causa de suas palavras, que partiam o coração, e por outra parte, também, pelo grande esplendor e encanto desta régia mulher, e Salomão tomou-me pela mão e me guiou, por uma adega de vinhos, para um átrio secreto porém muito majestoso, onde me refrescou com flores e maçãs, e as janelas eram feitas de cristais transparentes e eu via através deles. E ele disse: Que vês tu? Eu, repliquei, apenas posso ver deste salão o salão do qual acabamos de sair. À esquerda está tua régia mulher e à direita a virgem nua, e seus olhos estão mais vermelhos que o vinho, seus dentes, mais alvos que o leite, mas suas vestes, a seus pés, estão ainda mais desagradáveis à vista, mais negras e mais sujas que o córrego de Cedron. De todas elas, escolhe uma, disse Salomão, para ser a tua amada. Eu a estimo tanto quanto à minha rainha; agradao como estou com a formosura de minhas esposas, pouco me importo com a abominação das vestes desta virgem. E tão logo o rei terminou de falar, ele virou-se e conversou em tom muito amável com uma de suas rainhas. Entre elas estava uma criada centenária, com um manto cinzento, uma capa negra sobre a cabeça, incrustada com incontáveis pérolas brancas como a neve e forrada com veludo vermelho, e bordada e costurada de maneira artística, com seda azul e amarela, e seu manto era adornado com diversas cores turcas e figuras da Índia; esta velha acenou para mim secretamente e proferiu um sagrado juramento: que era a mãe da virgem nua, que ela fora nascida de seu ventre, que era uma casta, pura e reclusa virgem, que até então jamais sofrera os olhares de um homem sobre si, e apesar de ter ela se deixado usar em todos os lugares, entre as muitas pessoas nas ruas, jamais alguém a virá nua antes daquele momento, e ninguém a tocara, pois ela era a virgem da qual o Profeta disse: Vede, temos aqui um filho nascido entre nós em segredo, que é diferente de todos os outros; vede, a virgem que o gerou, virgem que é chamada *Apdorossa*, o que significa: secretamente, a que não pode suportar outros. Porém, enquanto esta sua filha estava ainda por casar, tinha que ter seu dote sob os pés, por causa do presente perigo de guerra, pois poderia ser roubada dele pela sojedadesca errante e ser desnudada de sua formosa riqueza. Entretanto, eu não deveria ficar amedrontado por causa de suas repugnantes vestes, mas devia escolher sua filha, antes de qualquer outra, para delícia de minha vida e meu amor. Então, ela me revelaria uma lixívia para limpar suas vestes, e eu obteria um sal líquido e um óleo não combustível para uso em minha casa, e um tesouro imensurável, e sua mão direita sempre me acariciaria e sua mão esquerda estaria sob minha cabeça. E quando então ia declarar-me categoricamente sobre esse assunto, Salomão voltou-se novamente, viu-me e disse: eu sou o homem mais sábio da Terra; lindas e agradáveis são minhas esposas e o encanto de minhas rainhas ultrapassa o do ouro de Ofir; os adornos de minhas concubinas ofuscam os raios do sol, e a beleza de minhas virgens sobrepuja os raios da lua, assim como de celestial beleza são minhas mulheres, profunda é minha sabedoria e meu conhecimento é inexplicável. No que eu respondi, e meio receoso, eu me inclinei: Vede, tenho encontrado graça diante de teus olhos, e sendo eu pobre, dá-me esta virgem nua. Eu a escolhi entre todas as outras, para toda a minha vida, e apesar de estarem suas vestes sujas e amassadas, eu as limparei e a amarei de todo o coração, e ela será como minha irmã e minha noiva, pois ela arrebatou meu coração com um só de seus olhos, com uma corrente de seu pescoço. Quando assim falei, Salomão deu-me, e havia uma grande comoção no salão entre as mulheres, o que me despertou, e não soube o que me acontecera, acreditando ter sido apenas um sonho, e tive muitos pensamentos sutis sobre meu sonho até à manhã. Mas, após haver-me levantado e dito minhas orações, vede! eu vi as vestes da virgem nua em frente à cama, porém nenhum traço dela. E comecei a amedrontar-me. Todo o meu cabelo eriçou-se sobre minha cabeça e meu corpo inteiro estava banhado de suor frio; porém, tomei coragem, lembrando-me de meu sonho, e pensei novamente sobre ele, receoso do Senhor. Mas meus pensamentos não o explicaram e por

essa razão não me atrevi a examinar as vestes, muito menos a reconhecer algo nelas. Então, saí de meu quarto e deixei nele as vestes por algum tempo *ex mera tamen ignorantia*, na crença de que, se as tocasse ou as revirasse, algo peculiar me pudesse acontecer, mas em meu sono o odor das vestes envenenou-me e inflamou-me violentamente, de modo que meus olhos não podiam ver o tempo da misericórdia, e não podia meu coração reconhecer a grande sabedoria de Salomão.

Depois que essas vestes estiveram por cinco anos em meu quarto sem que eu soubesse para que serviam, finalmente pensei em queimá-las, para que pudesse limpar o lugar. E passei o dia inteiro a pensar sobre isso. Porém, durante a noite apareceu-me em sonho a centenária mulher e assim me falou bruscamente: Homem ingrato! Por cinco anos te confiei as vestes de minha filha; entre elas estão suas mais preciosas jóias, e durante todo este tempo nem as limpaste nem tiraste delas os insetos e os vermes, e agora, finalmente, queres queimar estas roupas, como se não fosse bastante teres sido a razão da morte e da extinção de minha filha? No que me exaltei e respondi: Como devo entender-te, tu que me acusas de ser um assassino? Por cinco anos meus olhos não contemplaram tua filha, e nada ouvi dela, como, então, posso ser a causa de sua morte? Ela, porém, não me deixou terminar, e disse: É verdade, mas tu pecaste contra Deus, por isso não pudeste obter minha filha, nem o filosófico *Lixivium* que te prometi para lavar e limpar suas vestes: pois no início, quando Salomão, de boa vontade, te deu minha filha, desprezaste suas vestes, o que enfureceu o Planeta Saturno, que é seu avô, e tão cheio de ira estava ele, que novamente a transformou no que era antes de seu nascimento; e como enfureceste Saturno com tua repulsa, causaste a sua morte, a putrefação e sua final destruição, pois dela o *Senior* disse: Ah, desgraça! trazer uma mulher desnuda perante mim, quando meu primeiro corpo não era bom de se olhar, e nunca fui mãe até que renasci, quando então ganhei a força das raízes de todas as ervas, e em meu ser mais íntimo fui vitoriosa. Tais e outras tantas palavras confrangedoras me eram muito estranhas, mas contive a indignação até o humanamente possível, ao mesmo tempo protestando *solemniter* contra seus doestos: Eu nada sabia sobre sua filha, e muito menos sobre sua morte e putrefação, e apesar de ter guardado suas vestes por cinco anos em meu quarto, eu não as conheci, por causa de minha grande cegueira, nem descobri seus usos, e, portanto, era inocente perante Deus e os homens. Esta minha honesta e bem fundada desculpa deve ter agradado bastante à velha, pois ela olhou-me e disse: Sinto e observo em tua mente honesta que és inocente, e tua inocência será retribuída em abundância, pois te revelarei, secretamente e por meu bom coração, que minha filha, por muito amor e afeição por ti, deixou-te uma caixa de mármore cinzento como herança, entre suas vestes, a qual está encoberta por um envoltório áspero, negro e sujo (enquanto isso, ela me deu um copo cheio de lixívia, e continuou falando), esta mesma caixa tu deves limpar do mau cheiro e sujidade que recebeu das vestes. Não tens necessidade de uma chave, pois ela se abrirá por si mesma, e encontrarás duas coisas nela: uma alva caixa prateada, cheia de magníficos diamantes polidos, e outra obra de arte em ouro, adornada com valiosos rubis solares. Este é o tesouro e integral legado de minha falecida filha, que ela deixou para que o herdes antes da transformação dela. Se tu somente transferires este tesouro e purificá-lo ao máximo e em silêncio e fechá-lo, com grande paciência, num porão quente, oculto, fumegante, transparente e úmido, e protegê-lo do enregelamento, da geada, dos raios, dos quentes trovões, e outras destruições, até à colheita do trigo, então perceberás primeiro a inteira glória de tua herança e tomarás parte dela. Então, acordei por uma segunda vez e orei a Deus, cheio de temor, para que Ele me abrisse os olhos a fim de que pudesse encontrar a caixa que me fora prometida no sonho. E, após haver terminado a oração, procurei com grande diligência entre as vestes e encontrei a caixa, porém o envoltório estava firmemente preso a ela, parecendo ter penetrado nela pela natureza, e não fui capaz de retirá-lo. Não podia, pois, limpá-la com a lixívia, nem forçá-la com ferro, aço ou qualquer outro metal. Deixei a caixa mais uma vez, sem saber o que fazer com ela, e a tive por ser de bruxaria, pensando nos dizeres do profeta: "Pois mesmo que te laves com lixívia e uses bastante sabão, tua iniquidade ainda te marca perante mim, diz o Senhor Deus".

[34]

E após um ano haver passado, novamente, sem que eu soubesse, após especulações e industriosas deliberações, como retirar o envoltório, finalmente fui passear no jardim, para livrar-me de meus pensamentos melancólicos, e após longo passeio, sentei-me numa pedra áspera e caí em pesado sono. Dormi, mas meu coração permaneceu acordado: apareceu diante de mim a centenária criada e disse: recebeste a herança de minha filha? Em voz triste, respondi-lhe que não, apesar de ter encontrado a caixa. Que para mim ainda era impossível retirar dela o envoltório, e a lixívia que me havia dado não fazia efeito em seu envoltório. Após esta exposição, a velha sorriu e disse: Querias, por acaso, comer ostras com as cascas? Não têm elas de ser separadas da casca e preparadas pelo antiqüíssimo planeta e cozinheiro Vulcano? Eu te disse que deves limpar a caixa cinzenta, perfeitamente, com a lixívia que te dei, a qual se originou inteiramente da caixa, que não foi refinada da áspera envoltura externa. Isso tens que especialmente queimar no fogo dos filósofos, então tudo dará certo. E então ela me deu carvões incandescentes, envolvidos em tafetá leve e branco, e instruiu-me ainda e observou que deveria deles fazer um fogo filosófico e bastante habilidosamente queimar nele o envoltório, que logo encontraria a caixa cinzenta. E imediatamente, a cada hora ventos do norte e do sul

sopravam, ambos varrendo ao mesmo tempo através do jardim, e assim acordei, esfreguei então o sono de meus olhos, e notei que os carvões incandescentes envolvidos no branco tafetá estavam aos meus pés; com rapidez e alegria, peguei-os, orei diligentemente, invoquei a Deus, estudei e elaborei dia e noite, e pensei durante isso sobre os grandes e excelentes ditos dos Filósofos, que dizem: *Ignis et azoth tibi sufficiunt*. Sobre isso, Esdras diz em seu quarto livro: e ele deu a mim um copo repleto de fogo, e sua forma era como de um fogo, e quando bebi dele, meu coração revelou entendimento, e sabedoria cresceu em meu peito, pois meu espírito reteve sua memória: e minha boca foi aberta e não mais se fechou. O Altíssimo deu o entendimento aos cinco homens, e eles escreveram pelo curso da vida as coisas que lhes foram ditas, em caracteres que não conheciam. Assim, em quarenta dias foram escritos 204 livros, 70 somente para os mais sábios, que eram verdadeiramente dignos disso, e todos foram escritos em madeira de buxo. Procedi então *in silentio et spe*, como a velha me revelou em sonho, até que de acordo com a predição de Salomão, após longo tempo, meu conhecimento se tornou prata e minha memória se tornou ouro. Porém, de acordo com as instruções e os ensinamentos da velha criada, eu coloquei e tranquei de maneira apropriada e bastante hábil o tesouro de sua filha, a saber: os esplêndidos e luminosos diamantes lunares e os rubis solares, ambos os quais provieram e foram encontrados na caixa e na paisagem. Ouvi a voz de Salomão, que disse: Meu amado é alvo e rosado, o mais distinto entre dez mil. Sua cabeça é como o mais fino ouro, seu cabelo é basto e negro como o corvo. Seus olhos são como os de pombas junto às águas, lavados em leite e bem engastados. Suas faces são como um canteiro de bálsamos, como doces flores. Seus lábios são como lírios, derramando mirra de doce odor. Suas mãos são como anéis de ouro encrustados com berílios. Seu ventre é como o brilhante marfim trabalhado com safiras. Suas pernas são como colunas de mármore, colocadas sobre pedestais de fino ouro. Seu semblante é como o Líbano, excelente como os cedros: Sua boca é dulcíssima: sim, ele é todo encantador. Este é meu amado, e este é meu amigo; Ó filhas de Jerusalém, por isso, deveis retê-lo e não deixá-lo ir, até que o leveis para a casa de sua mãe e para a câmara de sua mãe. E quando Salomão falou estas palavras, eu, não sabendo o que responder-lhe, silencieei, porém queria, mesmo assim, abrir novamente o tesouro fechado, com o qual eu pudesse permanecer sem ser perturbado. Então ouvi outra voz: Eu vos concito, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e corças do campo, que não aticeis nem desperteis meu amor, até que ela o queira, pois ela é um jardim fechado, uma fonte vedada, uma nascente selada, o vinhedo em Baal-hamon, o vinhedo em Engeddi, o jardim de frutas e especiarias, a montanha de mirra, a colina de incenso, a cama, o leite, a coroa, a palmeira e a macieira, a flor de Sarom, a safira, a turquesa, a parede, a torre, a elevação, o jardim das alegrias, o poço do jardim, a nascente da água viva, a filha do rei, e o amor de Salomão em sua concupiscência: ela é a mais cara à sua mãe, e a escolhida pela sua mãe, mas sua cabeça é cheia de orvalho, e suas madeixas, pontilhadas de gotas da noite.

Por meio deste discurso e revelação, fiquei tão bem informado, que conheci o propósito dos Sábios e não toquei no tesouro trancado até que pela permissão da misericórdia divina, pelo trabalho da nobre natureza, e pela operação de minhas próprias mãos, a obra foi felizmente completada.

Logo após este tempo, justamente no dia em que a lua estava cheia, ocorreu um eclipse do sol, mostrando-se em toda a sua apavorante força, no início verde-escuro e com algumas cores misturadas, até, finalmente, tornar-se negro como o carvão, e escureceu o céu e a terra, e muitas pessoas se aterrorizaram, mas eu me rejubilei, pensando na grande misericórdia de Deus e no novo nascimento. Como Cristo nos tem indicado, um grão de trigo deve ser lançado ao solo, para que não apodreça e deixe de dar fruto. E então sucedeu que a escuridão foi encoberta por nuvens, e o sol começou a brilhar através delas, porém, ao mesmo tempo, três quartas partes dele ainda estavam pesadamente obscurecidas: e vede! Um braço irrompeu através das nuvens, e meu corpo tremia à sua vista, e sua mão segurava uma carta, com quatro selos pendentes, na qual estava escrito: Eu sou morena e formosa. Ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão: não considerem que eu seja morena, pois o sol me queimou etc. Mas tão logo o *fixum* agiu no *humidum*, um arco-íris se estendeu e eu pensei sobre a Aliança do Altíssimo, e sobre a fidelidade de meu *Ductoris*, e sobre o que tenho aprendido, e vede, com a ajuda do planeta e das estrelas fixas, o sol sobrepujou a escuridão, e sobre cada montanha e vale surgiu um claro e aprazível dia; então todo o medo e terror tiveram fim, e todos contemplaram este dia e se rejubilaram, honraram ao Senhor e disseram: O inverno passou, a chuva terminou e se foi; as flores aparecem na terra; o tempo do cantar dos pássaros chegou, e o arrulho das rolinhas é ouvido em nossa terra; a figueira produz seus verdes figos, e as vinhas, com seus macios cachos, dão um bom odor. Por isso, apressemos-nos para apanhar as raposas, as raposinhas que estragam as vinhas, para que possamos colher as uvas em tempo e com elas fazer e tomar o vinho, e para que sejamos alimentados no tempo certo com leite e favos de mel — para que possamos comer e saciar-nos. Após o dia haver terminado e caído a noite, o céu inteiro empalideceu, e as sete estrelas surgiram com raios amarelos e seguiram seus cursos naturais através da noite, até que de manhã foram vencidas pela aurora purpúrea do raiar do sol. E vede! Os Sábios que habitavam na terra ergueram-se de seu sono, olharam para os céus e disseram: Quem é esta que parece com a madrugada, é bela como a lua, clara como o sol, e não há nela uma

mancha, pois seu ardor é feroso e não difere da chama do Senhor. Assim, nenhuma água poderá extinguir o amor, nenhum rio o afogar; por isso, nós não a deixaremos, pois ela é nossa irmã e apesar de ser ainda pequena, e não ter seios formados, nós a levaremos de volta à casa de sua mãe, para um átrio brilhante, onde ela esteve antes, para sugar ao seio de sua mãe. Então ela ressurgirá como a torre de Davi, construída de baluartes nos quais estão pendurados mil escudos, e as muitas armas de homens poderosos; e enquanto ela prosseguiu, a filha a louvou abertamente, e as rainhas e as concubinas a louvaram. Porém, eu caí sobre meu rosto, agradei a Deus e louvei Seu sagrado nome.

EPILOGUS

E assim é trazido a um final, meus amados e verdadeiros *Sapientiae et doctrinae filii*, em todo o seu poder e sua glória, o grande segredo dos Sábios, e a revelação do Espírito, sobre a qual o Príncipe e Monarca *Theoph.*, in *Apocalypsi Hermetis*, diz: é um único *Numen*, um divino, maravilhoso e sagrado officio, pois que incorpora o mundo inteiro nele, e se tornará verdade com tudo o mais, e verdadeiramente sobrepuja os elementos e as cinco substâncias. Olhos não viram, nem ouvidos escutaram, nem entrou no coração de nenhum homem, como o céu tem naturalmente incorporado a verdade deste Espírito; nele a verdade não está só, e por isso é chamado a voz da verdade. A este poder, Adão e os outros patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó, deveram sua saúde física, suas longas vidas, e finalmente prosperaram em grande riqueza por meio desse poder. Com a ajuda deste Espírito, os *Philosophi* fundaram as sete artes livres e adquiriram suas fortunas assim. Com ele Noé construiu a Arca, Moisés o Tabernáculo, e Salomão o Templo e através dele obteve os vasos de puro ouro para o Templo, e para a glória de Deus.

Salomão também obrou com ele muitos finos labores e praticou outros grandes feitos. Com este Espírito, Esdras novamente estabeleceu o Mandamento; e com ele, Miriam, a irmã de Moisés, foi hospitaleira. E este Espírito foi muito usado e muito comum entre os profetas do *Antigo Testamento*. Da mesma forma, ele é o remédio e a cura de todas as coisas, e a final revelação, o último e mais alto segredo da Natureza. É o Espírito do Senhor que encheu a esfera do reino terrestre, e se movia sobre as águas no início. O mundo não

poderia entender nem tomá-lo sem a secreta e graciôsa inspiração do Santo Espírito, ou sem ensinamentos secretos. Pois o mundo inteiro espera por ele, por causa de seus grandes poderes, os quais não podem ser bastante apreciados pelos homens, e pelo qual os santos estiveram buscando desde o início da criação do mundo e têm ardentemente desejado ver. Pois este Espírito penetra os sete planetas, levanta as nuvens e enxota as névoas, dá luz a todas as coisas, transforma tudo em ouro e prata, dá saúde e abundância, tesouros, limpa a lepra, cura a hidropsia e a gota, clareia as faces, prolonga a vida, fortalece os tristes, cura os doentes e todos os aflitos, sim, é o segredo de todos os segredos, uma coisa oculta entre todas as coisas ocultas, e é cura e medicina para tudo.

Da mesma maneira, ele é e continua insondável *in nature* e infinito poder e invencível glória, que é uma apaixonada invocação pelo conhecimento, e uma linda coisa entre todas as que estão sob o círculo da lua, com o qual a Natureza é fortificada e o coração e todos os membros são renovados e mantidos em florida juventude, a idade é afastada, a fraqueza destruída, e o mundo inteiro refrescado.

Da mesma maneira, este Espírito é um espírito escolhido entre todos os outros espíritos ou coisas celestiais, que dá saúde, sorte, felicidade, alegria, paz, amor, expelindo todo o mal, destruindo a pobreza e a miséria, fazendo também que ninguém possa nem falar nem pensar em algo mal: ele dá ao homem o que ele deseja das profundezas de seus corações, honras mundanas e longa vida aos que amam a Deus, mas punição eterna aos fazedores do mal, que o usam inapropriadamente.

Ao Altíssimo Deus Todo-Poderoso, que criou esta arte e ao qual apraz revelar este conhecimento a mim, um miserável pecaminoso, através de uma promessa e juramento, a Ele, louvor, honra, glória e agradecimentos, com uma prece verdadeiramente humilde e fervorosa para que Ele dirija meu coração, mente e sentidos por intermédio de Seu Santo Espírito, determinando que eu a ninguém fale sobre este segredo, e que muito menos comunique a alguém que não seja temeroso de Deus, nem o revele a nenhuma criatura, para que eu não quebre meu voto e juramento, e rompa os selos celestiais, e assim me torne um perjuro Irmão *Aureae Crucis*, e ofenda a Divina Majestade, cometendo grave, impenitível pecado contra o Espírito Santo. Portanto, possam Deus Pai, Filho e Espírito Santo, a Santíssima Trindade, misericordiosamente preservar-me e proteger-me constantemente. *Amen, Amen, Amen.*

FINIS

Uma Alocução de um desconhecido Filósofo
dedicado à Fraternidade (R.C.)

sendo

Um curto Discurso ou breve Exemplo da Santa Filosofia e altíssima medicina.

A Santíssima Trindade ou o Senhor Deus Jehovah

Do Nada fez Tudo.

E o Espírito de Deus pairava por sobre a face das águas ou Caos:
Este sendo o Primum Hyló dos filósofos, ou a Água da qual tudo
foi criado:

Firmamentus, Mineralia, Vegetabilia, Animalia;

O Grande Mundo,

saído de seu Centro e Quintessência.

O Pequeno Mundo,

como a mais perfeita obra do Criador, a saber:

O Ser Humano,

uma imagem do Altíssimo Deus.

A alma imortal: um invisível fogo celestial.

Ele Apostatou; mas, vede: lá está o MESSIAS!

A luz da Misericórdia e da Natureza.

LILI: a primeira matéria do corpo perfeito,

A Mãe, dando à luz o Mundo-Médio,
Bálsamo e Goma.

E a incomparável pedra-ímã mágica no pequeno mundo.

A Água Filosófica de que procedem todas as coisas, na qual estão todas as coisas, que governa todas as coisas, na qual se erra, e na qual também se é levado em direção ao aperfeiçoamento.

Uma mente sã num corpo sã.

Preces incessantes.

Paciência e espera.

Matéria, vasilha, fornalha, fogo, fervura são uma e única coisa.

Só uma e uma só, início, meio e fim.

Nenhuma matéria estranha ela permite que se aproxime, já que é feita sem matéria estranha,
Pois, vede; No Mercurius está tudo o que buscam os filósofos.

A Pequena Fonte Clara como Cristal.

O Duplo Mercurius.

Um giro da esfera e todos os planetas,

E uma substância que num instante solta negro fumo, de uma

RESPLANDESCENTE

Morte e Vida.

O Renascimento e a Renovação

Início, meio e fim da fixação ou estabilidade,
e a principal fundação de todo o segredo mágico.

Toma da Quintessência do Macro e Microcosmi, ou Philosoph. Mercurii,

O invisível fogo vivo celestial,

O sal dos metais ana q.s.

E faz dele, de acordo com a Arte Filosófica de um Mago, pela
rotação, dissolução, coagulação e figuração,

A Mais Alta Medicina

na qual estarão

A maior sabedoria, a mais perfeita saúde e suficiente riqueza.

Tudo de uma, e tudo para uma.

A mentira e a jactância conduzem ao inferno.

Bastante foi dito.

Simplex e honesto, cortando todo o mal, que é um obstáculo ao Pathmos.

E isto sucederá, de acordo com a vontade de Jehovah.

A DEUS SOMENTE PERTENCE A GLÓRIA.



Legé.



Judica.



Tacé.

A

Per ignem demum
Nomen & Aetas
PAULUS.

Vede, de que estranha maneira o Senhor deixa Seus Santos.

Atos 14.v.17
 Cap. 17.v.27,28
 Salm. 104.148.150

Já que tudo que nos foi transmitido pelas Escrituras Sagradas se destina ao nosso estudo, pesquisa e lembrança, de modo que nós, humanos, possamos entender plenamente nosso grande incompreensível Deus e Sua nobre criação, todas as criaturas, e para que possamos conhecer-nos a nós próprios, melhor do que a todas as demais criaturas, e como os prodigiosos números Três, Quatro e Sete são freqüentemente mencionados na Bíblia Sagrada, os quais sem dúvida têm oculto um grande segredo,

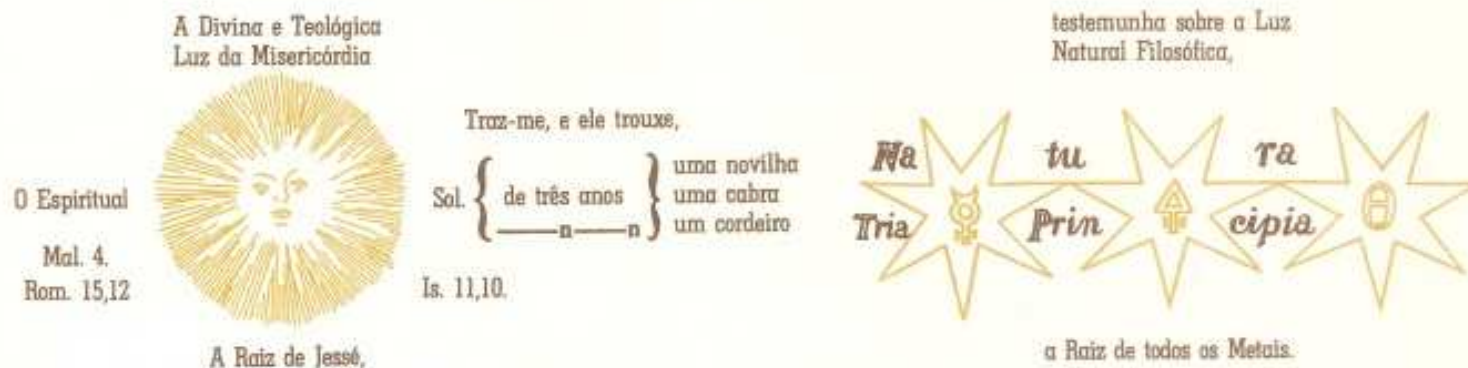
Portanto, pergunto com toda a simplicidade e com a maior pureza de coração, o que nos exprimem tais números à luz da Natureza e à luz da Misericórdia.

Sobre o Número Três.

Em primeiro lugar, o que significam os três diversos dias, Gên. 8, nos quais soltou Noé de sua arca o corvo, e após três vezes sete dias a pomba.

Em segundo lugar, o que significou o primeiro de todos os sacrifícios que o próprio Senhor Deus ordenou a Abraão que Lhe fizesse, como lemos no Gên. 15.

E assim falou a mim o Senhor Deus



E uma rola e um pombinho,
 E ele, tomando todos estes animais, dividiu-os ao meio
 Mas as aves não partiru,
 E quando as aves de rapina desciam sobre as carcaças, Abraão as enxotava.

Gluten de água
 Solutio Philosoph.
 Sophist. Separatio.
 Caput. Mortum.

O Pássaro Hermético ☿ também come da carcaça do cadáver e a arrebatava, sendo finalmente capturado pelo Philosophus, estrangulado e morto.

Em terceiro lugar, que significa o estranho fogo sagrado que caiu dos céus, acendendo e consumindo os sacrifícios do altar. Lev. 9 e 2 Cron. 7. Este fogo foi levado pelos sacerdotes quando conduzidos à Babilônia em cativo, e o profeta Neemias, também chamado Jeremias, lhes ordenou que ocultassem o fogo sagrado numa caverna, até que voltassem à sua pátria; quando então os sacerdotes o procuraram; porém, em lugar do fogo, encontraram densa água, mas logo que a derramaram sobre a lenha e o sacrifício, o Sol e a água os incendiaram e consumiram. Vede 2 Macab. 1.v.19,20. Sobre isso e onde achar e obter hoje o mesmo fogo e água, que é a Prima Materia ou Spiritus Mundi, na qual se consome o ouro, e depois da Putrelação ressurge em nova vida.

Em quarto lugar, o que significam os três grandes nascimentos prodigiosos narrados no Antigo e no Novo Testamentos, que ocorrem repetidamente no curso da Natureza; anunciados e proclamados pelo próprio Senhor Deus e subsequentemente pelos Seus anjos. Primeiramente o nascimento de Isaque. Gên. 15. 18 e 21. Depois o de Sansão, Juizes 13. Após este, o de João Batista, em Lucas 1 e, por fim, o maravilhosíssimo nascimento de nosso Salvador e Redentor Jesus Cristo, o Filho da Virgem, sobrepujando de longe os outros três, Mateus e Lucas 1.

Em quinto lugar, o que significam e indicam as três partes do ser humano, como 1. Espírito 2. Alma 3. Corpo, sobre as quais o Santo Apóstolo Paulo escreve em 1 Tess. 5, à luz da Natureza e à luz da Misericórdia.

E isto é algo sobre o Número Prodigiioso.



SOBRE O PRODIGIOSO NÚMERO QUATRO

Luz da Natureza.



4 Elementos	3 Inícios	2 Sementes	1 Fruto
4 Fogo I	Enxofre I	Macho	Natural torna-se 7
3 Ar 2.	Sol 2.	Esperma 2 Sem. 2.	Tintura
2. Água 3	Mercúrio 3	Fêmea	Supernatural 2.
1. Terra 4			
sobre Deus	Natureza	Metais	a Arte.
Deus Pai	Filho	Esp. Santo	Cristão

Vae Vae Vae
a vós, sofistas.



Luz da Misericórdia.

D. P. V. H.

Quinta Essentia.

Quem corretamente entender esta tábuca,
Podem ver como um se origina do outro.
Primeiro todos ficam ocultos na quarta cifra
Os Elementos em todos os lugares
Destes se originam os três inícios,

Produzindo os dois sexos,
Macho e fêmea, vindos do Sol e da Lua,
O imperial Filho d'isso provindo:
Inigualado deste mundo,
Ultrapassando todos os reinos.

A fumaça erguer-se-á acima de
ti da eternidade à eternidade e
será o teu tormento.

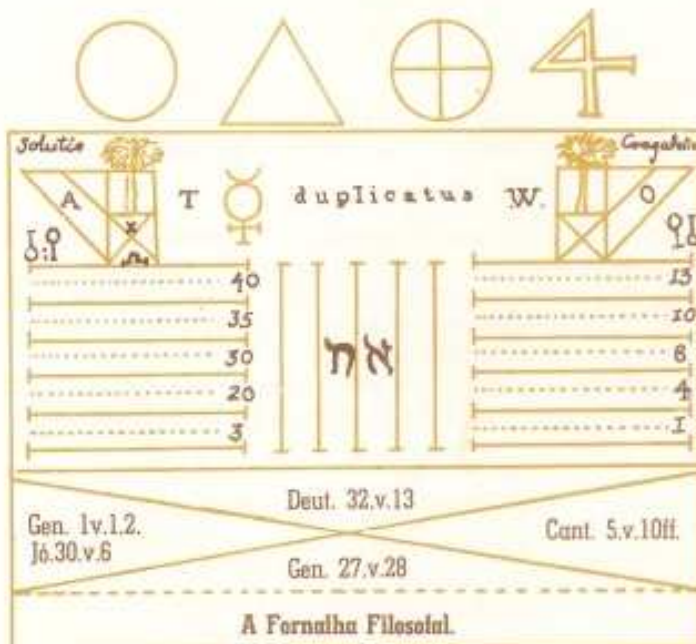
Primeiramente, porque o Senhor Deus concedeu três vezes
40 anos de tempo para arrependimento ao primeiro mundo? Gên. 6.

E mais ainda, do Antigo e do Novo Testamentos:

40 dias e noites choveu quando o Dilúvio se abateu sobre a terra.
40 dias depois de cessado o Dilúvio, Noé abriu sua Arca.
40 dias e noites ficou Moisés sobre o monte Sinai.
40 anos vaguearam os filhos de Israel pelo deserto.
40 dias e noites jejuou Elias no deserto.
40 dias teve Ninive para arrepender-se.

40 semanas levaram Cristo e todos os seres humanos para formarem-se nos ventres maternos.
40 meses pregou o Senhor sobre a terra e obrou milagres.
40 dias e noites jejuou Cristo no deserto.
40 horas jazeu o Senhor Cristo em seu túmulo.
40 dias esteve Ele na terra após a sua Ressurreição.
40 anos após a sua Ressurreição e Ascensão, foi destruída Jerusalém.

Summa 3 vezes 4 vezes 40
é a secreta interpretação.



Trabalho preliminar

1. Mortificatio & Putrefactio-
2. Solutio -----
3. Animatio -----
4. Purefactio -----
5. Combinatio: est seu duplicatus.

Trabalho subsequente

1. Mortificatio & Putrefactio
 2. ----- Solutio
 3. ----- Animatio
 4. ----- Purefactio
 5. Perfectio seu Fixatio
- R. S.**

O mistério que oculto esteve por muitas eras e gerações, mas que agora é tornado manifesto a Seus Santos; a quem Deus faz conhecer quais as riquezas da glória deste mistério entre os Gentios; que é Cristo em vós. Col.1 v.27. Esta é a Revelação e o verdadeiro e correto conhecimento de Jesus Cristo Deus e Homem, toda a sabedoria celestial e terrena no céu e na terra.

D. P. V.  P. F. ES.

D.&H.

I.C.



Materia Prima torna-se
Materia Ultima

Que mais queres, ó homem, neste mundo,
Quando tens a Cristo, o que é duas vezes herói,
Verdadeiro Deus e mortal numa só pessoa,
Ele por ti fez o bastante,
Portanto, desafia o Demônio e o Mundo,
Se este não estiver por Jesus Cristo.

Divina e Cabalística Signat Stella.



I H E S V S
A D O N A I
I E H O V A


A graça e a paz estejam com todos e o
Amar do Senhor Jesus Cristo, para sempre.
El. 6.

Eternidade  Deus

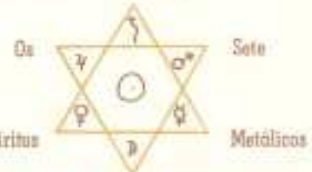
O que era desde o princípio, o que ouvimos
e vimos com nossos próprios olhos,

A Eternidade torna-se Natureza e Tempo.

E esta é a vida eterna, em que possam conhecer-Te, ao
único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a Quem en-
viaste. João 17.

Firma-te a Ela, e não desespera,
Sempre que careceres, Ele estará junto a ti,
Confia que Ele está no trono celestial,
Filho de Deus em ambas as naturezas,
Jesus Cristo ontem e hoje,
E o mesmo em toda a eternidade.

Natural e Filosófica Signat Stella.



K R I S T V S
T I N C T V R

C H A O S.

Pois decidi nada conhecer além de Jesus Cristo, e
este crucificado.
1 Cor.2.

Natureza  Natural

o que temos contemplado, e as nossas
mãos tocaram da Palavra da vida. 1 João 1.



Sulphur, Mer
Tria

curius, Sal,
Principia.



O Filho de Deus na Carne VERBUM Incar-
natum. Mat.4 NB.



Na carne está a plenitude da Divindade
em corpo.

LUX
Fiat Corpus. NB.

E a luz manifestou-se a nós, e a vimos e trazemos
testemunho e mostramos a vós aquela eterna vida.
Sabei também: é muito melhor ter ao amado Cristo do
que possuir toda a ciência. El. 3.



HUMANI

O Único e
o Verbo tornado

DADE

Trino Deus,
Carne

O Cruz, és maravilhosa visitante, guardando teu lugar junto a Deus e à Natureza.

D.E. C.D.

Divina Cabala

Quinta-Essência

V. P.



H.

Mata o velho Adão com
seus maus desejos.

Mata os 1.2.3.4. Elementos
com seus maus vapores.



Água torna-se Pedra: NB.

Nec non primarum Materialium, i.e. Principium
omnium rerum, sive Tincturæ Lapidis Philooph.
E se alguém não amar ao Senhor Jesus Cristo, seja
Anátema. 1 Cor. 16.



Anima Mundi
Spiritus Coelestis.
RAD. HUM.
Tinctur.

C A O S
1. 2. 3. 4.
2 Corp. 2 Spirit.

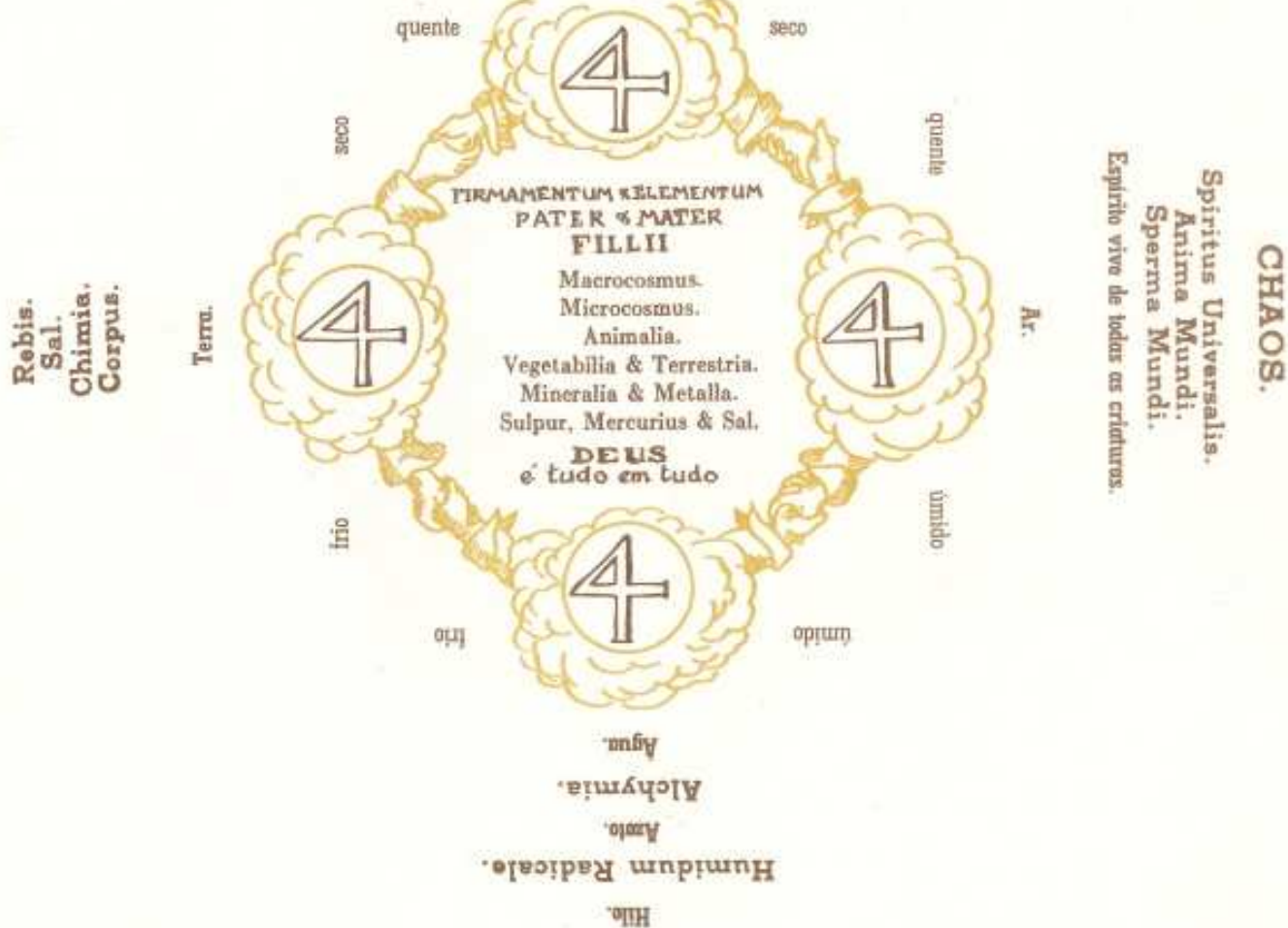
E L O H I M
J E H O V A H

DEUS
VERBO

Fiat
Natura

Primum Mobile.
Prima Materia.
Quinta Essentia.
Quatuor Elementa.
Lapis Philosophorum.

De acordo com toda a Natureza consiste Fogo. a Filosofia, em dezesseis elementos.



A terra foi tirada da água e no meio da água subsiste, pela palavra de Deus. 2 Pedro.3.5.

O Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Gen. 1.v.2.

[40]

Ignis Philosophorum

invisibilis & secretissimus occultatum.

Luta pelo fogo.
Busca o fogo:
Para que encontres o fogo,
Acende um fogo,
Põe fogo no fogo,
Ferve o fogo em fogo,
Arremessa corpo, alma e espírito ao fogo:
E assim terás fogo morto e fogo vivo,
Dos quais virão fogo negro, gualdo, branco e rubro.
Tem teus filhos no fogo,
Alimenta-os, abebera-os, nutre-os no fogo:
Para que vivam e morram no fogo,
E sejam fogo e no fogo permaneçam.

Sua prata e ouro em fogo se transformarão
Céu e Terra perecerão no fogo,
e tornar-se-ão finalmente um fogo filosófico.
Ignis. Q. E. Coelest.
Quatro vezes quatro é igual a XVI linhas,
Tantas quantos são os ELEMENTOS.

Aqua Philosophorum h. e.

Mercurius Primaterialis Catholicus.

Água é água e será água;
A pedra filosófica chora água lacrimosa,
Mas o mundo não considera tal água.
Seu fogo queima na água
E vive na água.
Do fogo, faz água,
E ferve o fogo na água:
Terás uma água ígnea,
Como uma acerada, salina água oceânica.
Para crianças é uma água viva,
Mas deves consumir alma e corpo em água.
Torna-se fétida, verde, pútrida, azul como a água celestial.
Digere, calcina, dissolve e putrefaz a água;
Busca a quádrupla água eterna do filósofo
E se bem feita, a arte torna-se água.

Água Q.E. Secreta.
Quatro vezes quatro é igual a XVI linhas,
Tantas quantos são os ELEMENTOS.

FIGURA CABALISTICA.

As razões corretas do Portentoso Número de Deus,

I. 2. 3. 4.
E L O H I M.



O ARCANA ARCANORUM.

O Deus Único e Eterno revela-Se na Santíssima Trindade.



Há Três
que registram no Céu
o P.V.E.S.

Há Três
que testemunham na Terra
são E.A.S

e esses três concordam em Um. 1. João 5. v. 7.8.

Após a Eternidade, Celestialmente, e depois do Tempo, Criaturalmente, Naturalmente.

isto é:

No Céu e na Terra.

a determinada Rosa-Cruz
aparente aos nossos olhos, e o segredo

do qual o mundo sabe, que fala
de todos os segredos no Céu e na Terra



ETERNAMENTE DIVINAMENTE

CELESTIALMENTE

NATURALMENTE TEMPORALMENTE

As 7 Naturezas Celestiais
e suas características



Tinctur

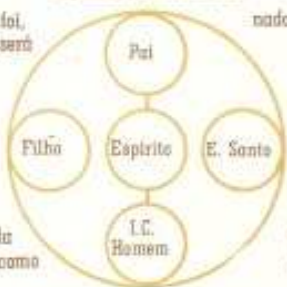
Um eterno Deus
Todo-Poderoso.



De ac. c/ a Eterna divina Luz

A.Ω. Theosophia.

De ac. c/ a Divina Cabala.



De ac. c/ a Luz celestial e
pedra fundamental, D. e H. I.C.

Theologia.



De ac. c/ a Luz natural e
Pedra da sôbita Philosophia.

Myster. Mag.

De ac. c/ a Mágica Philosophia.

As 7 Naturezas Terrenas
e suas características



Tinctur

Um pequeno Deus terreno
Poderoso.

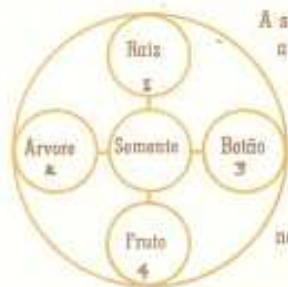
Um Deus: {
1 2 3 Explicação desta Santa Figura de acordo com Alfa e Ômega
Espírito, Pessoa, Verbo, 3 pessoas eternas espirituais celestiais — em um ser.
Pai, Filho, Espírito Santo, 3 Pessoas celestiais temporais — em um ser.
Deus, Cristo, Homem, 3 pessoas celestiais e 3 Pessoas terrenas — em I.C. o Humano.
1 2 3 que sofreu e morreu por todos os homens. 1 Tim. 2. Atos 3 e 20. 1 Cor. 2. Col. 2. João 14. 1 João 5.

O eterno Deus uno e trino é uma semelhança de toda a Natureza em todas as suas obras e criaturas,
in

Vegetabilibus

Animalibus

Mineralibus.



A semelhança de
a Santíssima

na Natureza
Reino

4



Deus de acordo com
Trindade

e no
Terrestre.

Ô Segredo acima de todos os Segredos.



4

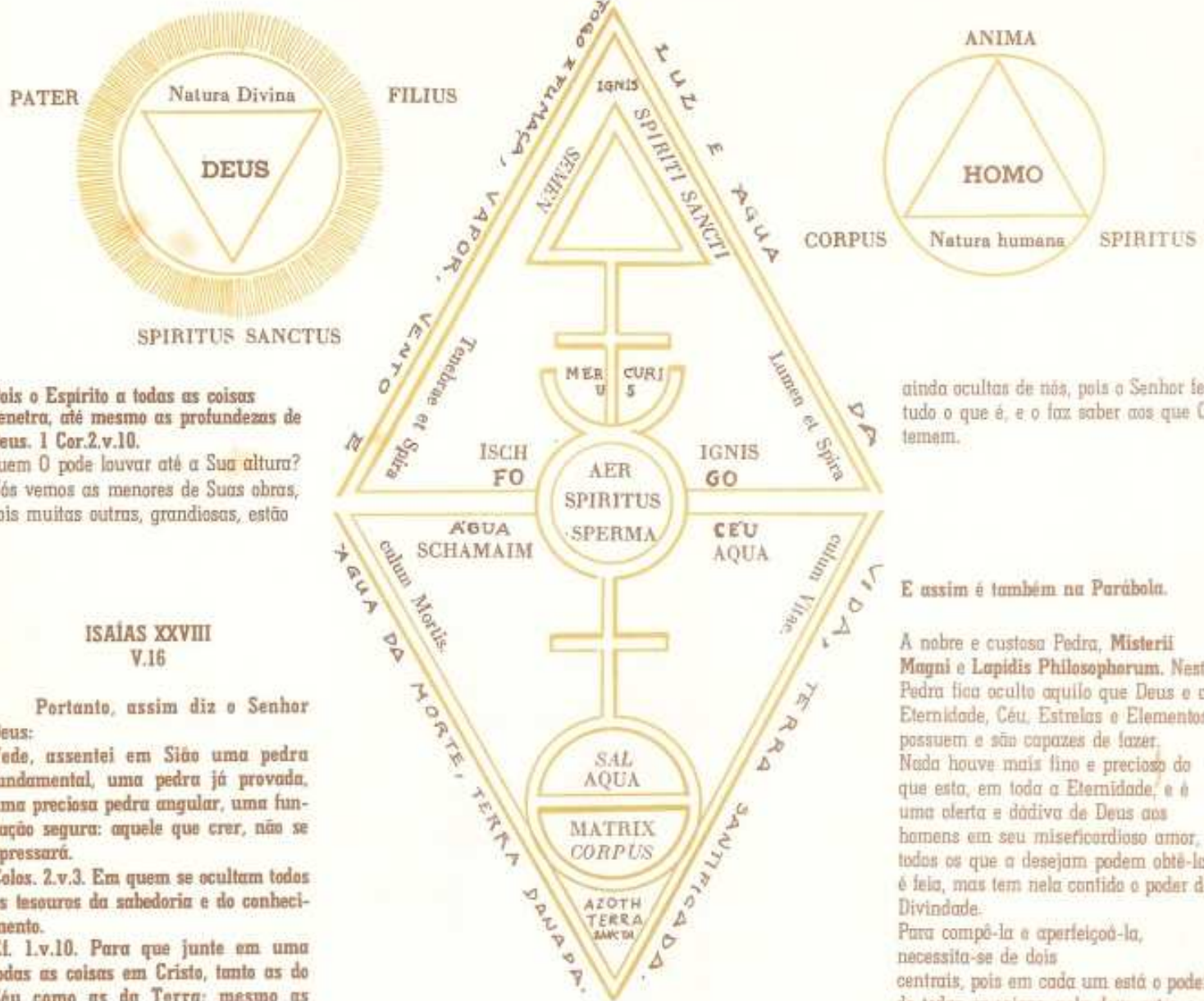


Aquele que verdadeiramente reconhece a Jesum Christum bem empregou o seu tempo.

O portentoso número secreto, isto é, 1. 2. 3. 4., a verdadeira Rosa
⊕ Cruz e a revelação e verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, Deus
e homem, que é toda a subedoria celestial e terrena no Céu e na Terra.
NB. como o Deus eterno e único a Si mesmo gerou e de Si mesmo
testemunhou. Três pessoas distintas e separadas, e entretanto são e
permanecem, de acordo com o Seu Ser, um Deus eterno, espiritual,
celestial, invisível na eternidade como as três pessoas celestiais: 1.
Espírito — 2. Verbo — 3. Pai, um Deus; e, terrenamente, visível,
corporeamente, um homem e Deus em três pessoas em tempo: 1. Espí-
rito — 2. Pessoa — 3. Verbo, um homem; pois o Verbo fez-se carne,

isto é, a Eternidade tornou-se Tempo; Deus um homem; isto é, uma
vez, duas vezes e meia vez de acordo com o Antigo e o Novo Testa-
mentos, a Lei e o Evangelho, a Trindade celestial e terrena, tudo no
Céu como na Terra. Pois a plenitude está n'Ele, I.C., NB. A própria
Divindade. Col. 2. João 9.10.12.14 & 17. Assim fala a Sabedoria Cele-
stial: Eu e o Pai somos um, cre que o Pai está em mim e Eu n'Ele, e
aquele que me viu, vê o Pai que me enviou e me ama, NB a Ele Eu
me manifestarei e manifestarei o Pai, e a Ele virei e n'Ele farei a
Minha morada. 1. Cor. 3 e 6. 2 Cor. 6. Ef. 3.4.

SPIRITI DAMNATI.



Pois o Espírito a todas as coisas penetra, até mesmo as profundezas de Deus. 1 Cor.2.v.10. Quem O pode lavar até a Sua altura? Nós vemos as menores de Suas obras, pois muitas outras, grandiosas, estão

ISAÍAS XXVIII
V.16

Portanto, assim diz o Senhor Deus: Vede, assentei em Sião uma pedra fundamental, uma pedra já provada, uma preciosa pedra angular, uma fundação segura: aquele que crer, não se apressará. Colos. 2.v.3. Em quem se ocultam todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Ef. 1.v.10. Para que junte em uma todas as coisas em Cristo, tanto as do Céu como as da Terra; mesmo as d'Ele.

Pois fazes resplandecer minha lâmpada: o Senhor meu Deus derrama luz sobre as trevas. Salmo XVIII.v.28

ainda ocultas de nós, pois o Senhor fez tudo o que é, e o faz saber aos que O temem.

E assim é também na Parábola.

A nobre e custosa Pedra, **Misterii Magni e Lapidis Philosophorum**. Nesta Pedra fica oculto aquilo que Deus e a Eternidade, Céu, Estrelas e Elementos possuem e são capazes de fazer. Nada houve mais fino e precioso do que esta, em toda a Eternidade, e é uma alerta e dádiva de Deus aos homens em seu misericordioso amor, e todos os que a desejam podem obtê-la; é feia, mas tem nela confiado o poder da Divindade. Para compô-la e aperfeiçoá-la, necessita-se de dois centrais, pois em cada um está o poder de todas as coisas; nela deve estar o que for de melhor no Céu e no próprio mundo, das esferas superiores e inferiores, o que é de perto e de longe, de onde quer que possa ser provado, mas nem todas as pessoas estão qualificadas para assim agir.

TERRA DAMNATA.



[42]

Pela constante assistência ao fogo e pelo seu controle pela maneira certa, pode-se putrificar, regenerar e aperfeiçoar a **Materia Universalis** num só vaso e fornalha; por uma única manipulação dos fogos, e a Natureza faz todo o trabalho por si mesma, por meio de um fogo que existe dentro de si mesmo, tal fogo sendo despertado e verificado através do outro fogo filosófico. Assim também o **Laborante** pode nada mais ter a fazer além de atender ao fogo e orar a Deus por Suas bênçãos.

Com toda a razão, dizemos que é a própria Natureza que governa esta Arte pela fervura no seu fogo e seu próprio vaso. A Natureza, governada pelas coisas celestiais até que a obra esteja concluída, e mesmo depois. Mas a **Vontade** é livre e pode deixar a Natureza controlar o resultado de sua obra, e estabelecer um certo limite, além do qual não irá a Natureza. Já que a **Vontade** governa a Natureza, deve também atraí-la, mas se a **Vontade** não atraí e, por si mesma, é sujeita à Natureza, esta irá além dos propósitos da Obra e a destruirá.

De Septenarii Mysteriis.

Este é o Paraíso, Beatitude, Céu, filhos de Deus recém-nascidos toda a Eternidade.

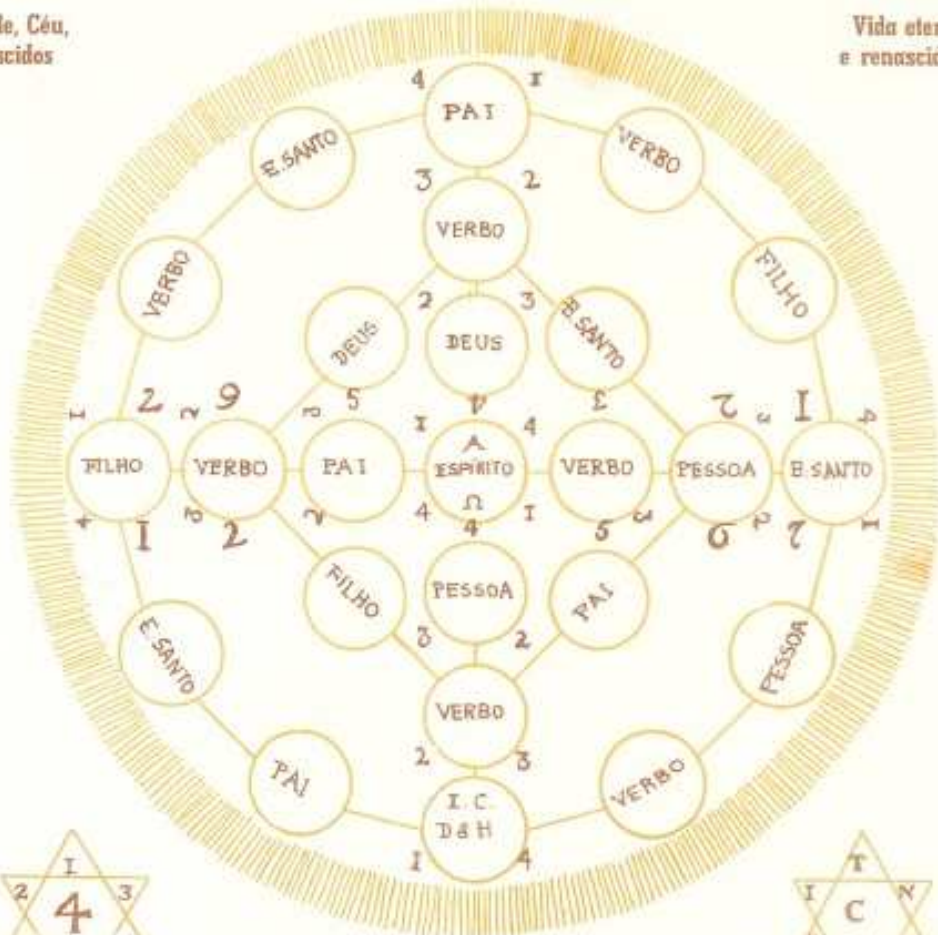
Vida eterna e descanso para todos os e renascidos aqui no Tempo e lá em

ROSEÆ

De acordo com a Teosofia

A secreta, oculta Mundo não conhece tanto tem a dizer.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7.
E W I K E I T
ETERNAL
TINCTUR
A. O.
REFLUXO
A U S F L U S S
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7.



CRUCIS

e com a Teologia.

Rosa-Cruz que e e, contudo,

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7.
Z E I T L I G
TEMPORAL
TINCTUR
A. O.
INFLUXO
G e g e n W U R F
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7.



A Eternidade



torno-se Tempo.

Inclusos nesta figura estão Eternidade e Tempo, Deus e Homem, Anjo e Demônio, Céu e Inferno, a Antiga e a Nova Jerusalém, junto com todas as criaturas, seres, tempos e horas.

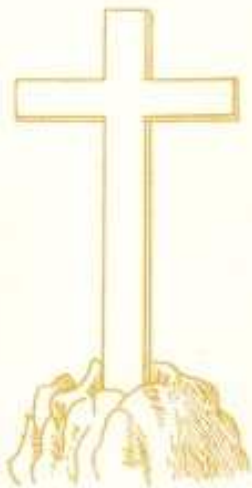


Há um Verbo que fala eternamente,
o Si vindo de si, em si, mas ainda não si mesmo,
Poderá nunca vir a ser exteriorizado!
Algo, tudo, nada, inferno, Céu, Terra,
Luz, noite, bom, mau, corpo, espírito, isto, aquilo,
Sim, não, eu, tu, dá, toma, faz, permite,
Sentido, vontade, razão, sem-razão, aqui, lá,
Tristeza, júbilo, desprezo, amor, quietude, tempo, eternidade,
Alma, anjo, demônio, vida, morte, placidez,
Som, um, nenhum, Homem, sim — mesmo Deus.
O Verbo não pode mesmo alcançar-se,
A nada pode ser comparado
E entretanto é, em todos os tempos,
Tudo em Tudo Jesus Cristo!
Ele fala, não fala, e Ele falam.
Fala exteriorizando, fala interiorizando,
permanece inarticulado,
Ele mesmo tudo cria, permanece incriado,
Mas Ela próprio é o que criou:
Do mais íntimo para fora, do mais externo para dentro,
Ele foi, é, não é, mas será,
Um Deus, um Senhor, um Espírito, uma Unidade,
E quem nisso não crer, nada poderá entender,
Pois da CRENÇA surge o entendimento,
Assim fala o Espírito, e escreve à Mão,
Primeiro crê, depois faz a tentativa,
Se achares bom, então louva-o.
SILENTIUM SAPIENTIAE; SIMPLICITAS VERITATIS
SIGILLUM.

12 Patriarcas
12 Profetas
12 Apóstolos
12 Artigos de Fé
12 Portões na Nova
Jerusalém. Apoc. 21

12 Estradas na Cidade.
Apoc. 12
12 Signos celestiais
12 Meses no ano
12 Horas no dia
12 Horas na noite

PROBAT FIDEM.



A Cruz é a melhor

Interpretação das Escrituras.

CONSTANTIA.

Animae Pharmaca
Sanctissima Bibliotheca
Lecta placent. Xies repetita placebunt

Via Sancta
SPIRITUS & VITA
Oraculum & Spiraculum
Ie Ho Vae
Rationale Divinarum
AOURIM & TUMMIM
Tabernaculum
DEI cum Hominibus
SANCTUARIUM
יהוה
MEMORIALE
Magnalium DEI
LUCERNA DOMINI
Armarium
Spiritus Sancti
PANACEA
Nectar & Ambrosia
PORTA COELI
LIBER DOMINI
FONS
Signatur
CIBUS ANIMAE
Lumen Gratiae
ORTUS
Conclusus
THESAURUS
Abconditus
VERBUM VITA
Querite & Invenietis
Credite & Intellegitis.

Figura Divina Theosoph. Philosoph.

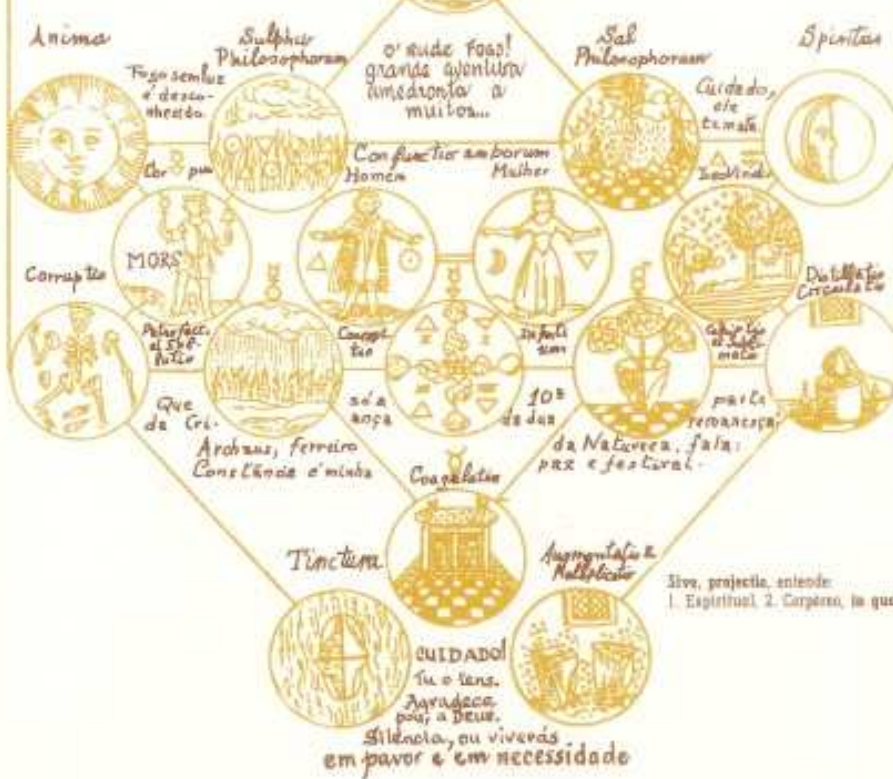
Cabalist. nec non Magica & Chymica.

O Sol eterno em sua
Deus Triunus exivit
 Entende de acordo com a
 Eterna invisível celestial
 Nada mais é, nada mais foi, nada mais
 Temporal visível terrestre
 E Deus
 Deus torna-se Natureza
 Deus & Natura
 Ó Natureza! Tu és verdadeiramente uma

Natura atque res omnes
 O Sol criado em suas
 O grande, superior, móvel
 Mundo espiritual.
 Casa celestial,
 e palácio espiritual
 da Natureza.
 Quente Sol, fria Água e
 Luar quebram muitas
 formalhas e vidros.

Estava eu morto, e vedei
 Vivo novamente.

Segue-se **Explicatio.**



natureza e poder Divinos.
ex Centro in Centrum
 Philosophia Coelesti e não Terrestri.
 Santissima Trindade.
 será jamais, na eternidade e no tempo.
 Santissima Trindade.
 disse:
 através de Suas palavras.
 nihil faciunt frustra,
 imagem criada à semelhança de teu Deus.

ex Centro in Centrum.
 ações e atributos.
 O pequeno, inferior, repousado
 Mundo corpóreo
 em seu **Centrum.**
 Morada terrena
 e corpórea da
 Natureza.
 Embora não seja eu culpado
 disso, a Razão anda na mente
 dos solistas.

O que era minha vida no
 início, também é finalmente
 a minha morte.

Explicatio segue à medida que
 as 2800 partes são descritas
 num grão de trigo.

Sive, projecta, entende:
 1. Espiritual, 2. Corporea, in qualitt. et quantitate.

SCALA PHILOSOPHURUM CABALISTICA MAGIA
 atque arbor aurea
 DE MYSTERIIS NUMERIS QUATERNARI, QUINARI, ATQUE SEPTENARI.

Isto é sobre a Árvore
 e do mal, da qual
 ainda comem

do Conhecimento do bem
 muitos até hoje
 a Morte.

MATERIA
 AVIS
 CATENA

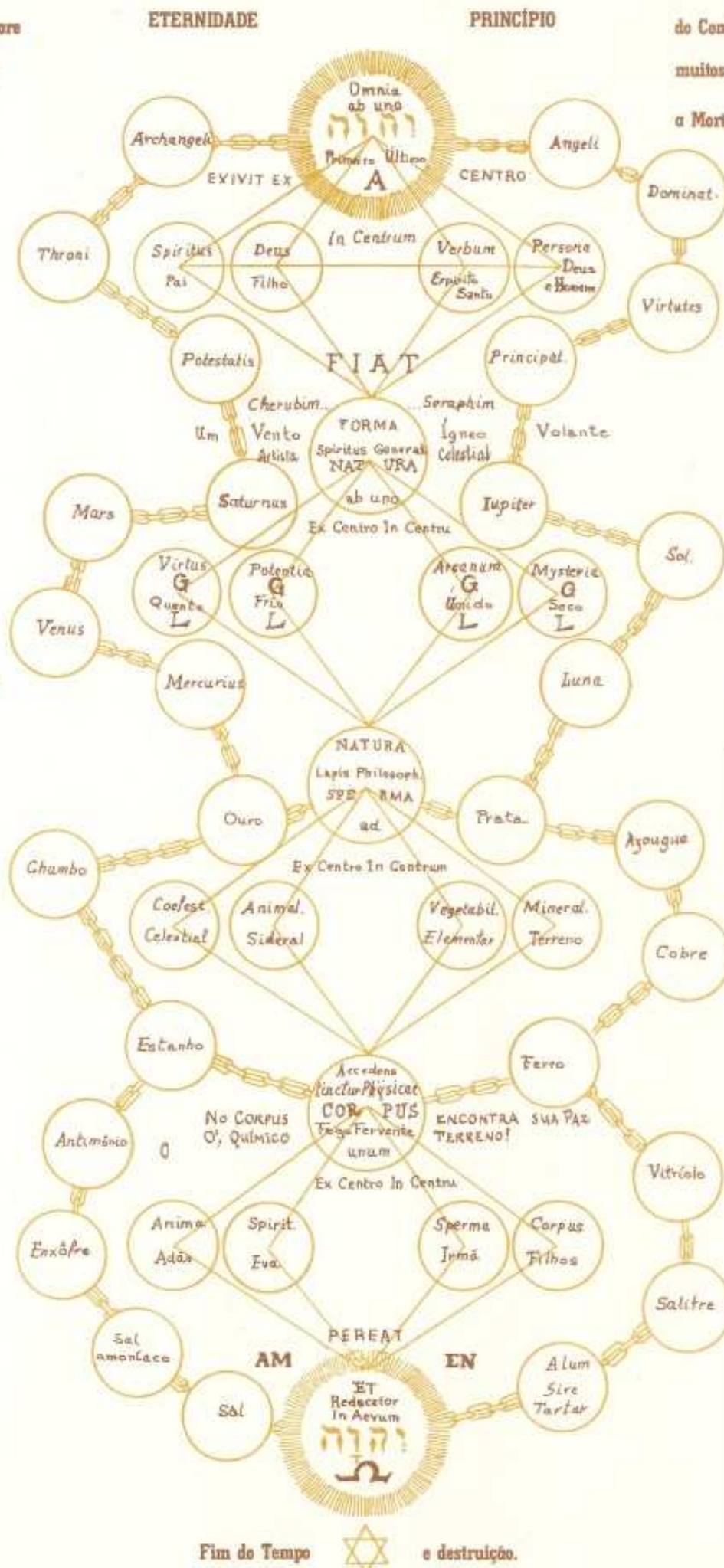
REMOTA
 HERMETIS
 AVREA

Em verdade, é um Sábio
 e descer por esta
 desta Árvore, de modo
 Natureza não o

aquela que pode subir
 carta e comer do fruto
 que tanto Deus como a
 amaldiçoem.

MATERIA

PROPINQUA



Fim do Tempo  e destruição.

SAPIENTIBUS SATIS

EST DICTUM.

O Caos Invisível Incompressível.

O Caos Visível Compreensível.

Signat Stella de Tempo.

O POÇO SEM FUNDO



O Eterno nada, e entretanto, o Tudo.

ETERNIDADE.

O FUNDO



O Temporal nada, e entretanto, o Tudo.

TEMPO.



A partir do Caos o efeito dos Elementos.

O fruto do Primeiro Princípio



De acordo com o Primeiro Princípio, esta Arvore não deve ser tocada, pois nela está o Conhecimento.

O Fruto do Outro Princípio



De acordo com o Outro Princípio, esta Arvore e seu fruto é boa e deve de comer.



De acordo com o Primeiro Princípio, esta Arvore é má; de acordo com o outro, é boa; de acordo com o terceiro, é reconhecível.



ESTA É A PEDRA ANGULAR

Se a vida suger mais poderes, sentidos, serai um por o ser humano.

DE TODOS OS ARQUITETOS.

Se a vida suger mais poderes, sentidos, serai um por o ser humano.



Sou a água da Vida e oculti comigo a Pedra da Trindade amada pelos sábios, mas desprezada pelos tolos e deles desconhecida.

Uma PEDRA e nenhuma PEDRA sabe a qual está o CONHECIMENTO de tudo em tudo. Preciso de ajuda.

Arremessai para o lado uma PEDRA de OFENSA e TROPEÇO. Pelo meu Poder, dou Vida e Morte a Humanidade.



VEGETA-LIA A VIDA



JESUS.

Nada sei, nada posso fazer, nada quero, não me agrado, não me elogio, nada saboreio, nada aprendo, nada busco, nada desejo no Céu como na Terra; apenas a Palavra Viva, o Verbo que se tornou Carne, JESUS O CRISTO, e Ele CRUCIFICADO. I COR. 2

Este é o mais santo, o mais compreensivo ARTIGO celestial, e a nós abertamente revelado pelo Próprio Deus à Luz da Natureza.

Eu sou o Alfa e o Ômega

O Primeiro e o último.

Metaphysica
& Hyperphysica.

Physica.

Apocal. I. v. 11. 12. Cap. 5. v. 5. seq.

D. O. M. A.

Deo omnipotenti sit Laus, Honos & Gloria in Seculorum Secula, Amen.

Mea

in Cruce



Roses

Victoria

MYSTERYUM MAGNUM
STUDIVUM UNIVERSALI.



TINCTURA

TINCTURA

ALBA

AM

OR.

RUBRA



Esta é a Áurea Rosa
que cada Irmão

Cruz, feita de puro Ouro,
usa sobre o Coração.

*Benedictus
Dominus Deus Noster
qui dedit nobis
Sianum.*

FÉ.

ESPERANÇA.



PACI

ÊNCIA.

TINCTUR.

Ouve, filho meu, e recebe minhas palavras;
Assim, os anos de tua vida serão muitos.
Ensinai-te o caminho da sabedoria;
Conduze-te pelas veredas da retidão.
Quando andares, teus passos não necessitarão
serem corrigidos; e quando correres, não
tropearás. Agarra a instrução; não a soltes:
guarda-a, pois ela é a tua vida.
Prov. IV.v.10.

A doutrina de Jesus Cristo ultrapassa a doutrina
de todos os Santos, e os Irmãos que têm o Espírito
de Deus, ali encontram o Maná secreto e a Pedra
dos Filósofos. ♃ . ♁ . ☉ . Sucede, po-
rém, que muitos, ao ouvirem o Evangelho e as
palavras dos Sábios, não sentem a menor inspira-
ção. Portanto, não possuem o Espírito do Cristo.
Mas todo aquele que entender as palavras do
Cristo e medir a profundidade de Seus sábios en-
sinamentos, deve conduzir toda a sua vida de
modo tal que possa tornar-se uma semelhança do
Cristo.

E a ti mostrarei coisas grandes e assombrosas.

Jerem. XXXIII

SÍMBOLOS SECRETOS
DOS ROSACRUZES
dos Séculos XVI e XVII

LIVRO SEGUNDO

*Que, de um antigo manuscrito, foi aqui pela vez primeira
trazido à luz*



ALTONA, 1788

Editado e impresso por J. D. A. Eckhardt,
Empreitado pela Livraria do Sr. Herold, em Hamburgo

Um Tratado Áureo sobre a Pedra Filosofal

POR UM *FILÓSOFO* AINDA VIVO, PORÉM
DESCONHECIDO, PARA
A INSTRUÇÃO DOS *FILII DOCTRINAE*
E A INFORMAÇÃO DOS
FRATRES AUREAE CRUCIS.



ANNO M. DC. XXXV.

[51]

PREFÁCIO

Ao Leitor à Procura da Arte

Não te surpreendas, caro Leitor e honesto Investigador dos Segredos da Natureza, por ter-me decidido escrever este curto tratado quando, nestes tempos finais, o mundo está com um pé já na sepultura, enquanto perto, à mão, existem muitas bibliotecas cheias de livros escritos sobre esta *Materia*, a maioria dos quais, entretanto, instilam uma falsa filosofia e preconizam fórmulas fictícias. Não o escrevi por mim, mas por ti, para mostrar-te o chão da verdade e para guiar-te para longe dos errados caminhos que aparentam importância para ti. No que me toca, já sei o que me é necessário saber sobre isso, motivo por que não tenho necessidade de livros. Nos últimos vinte e dois anos, li quanto pude encontrar, e não havia poucos escritos e, até, impressos. Encontrarás descritas neste livro a *Materia* e a *Solutio theoretice*, além de toda a *praxis* implícita em sua *allegoria*, de maneira tão simples e clara como convém aos trabalhos de qualquer filósofo. Tenho, sobre o assunto, consultado os

Philosophi, e chamei tua atenção para todos os lugares onde eles mencionam este ou aquele aforismo, para que possas, lendo-lhes os livros, comparar seus conceitos com minhas *allegata*, reforçando, assim, teu conhecimento. Poderia na confecção deste tratado poupar-me muito esforço, omitindo meus *allegata*, e ter-me tornado conhecido dos *Fratres aureae crucis*; porém, como disse antes, será melhor, para que possas obter o máximo entendimento dela. Não te deverá surpreender o fato de ter eu mantido meu nome oculto, não me revelando pessoalmente a ti, pois não persigo honras vãs, não tenciono a conquista das glórias efêmeras deste mundo, mas penso apenas no teu benefício. Além disso, meus *Mestres*, os verdadeiros *Philosophi*, ensinaram-me a não arriscar a vida pela intenção da fama, e oferecer-me a vorazes assaltantes, e me carregar de negros pecados, prostituindo este grande segredo. Aqueles que me ensinaram isso foram os verdadeiros *Philosophi*, meus *Professores*. O leitor verá que *Sendivogius* cada vez que se revelava aos grandes senhores, era para sofrer e para correr maior risco. E a experiência prova que vários *Philosophi* que não cuidaram suficientemente bem de seus tesouros foram abatidos e roubados de suas *Tincturae* por ávidos e vis elementos que arriscaram a alma por tal intento. A razão estabelece que qualquer um que carregue tão grande tesouro consigo teme que o venham a roubar. *Sendivogius* ocultou seu nome

em seu *Annagramatismis*. Há pouco tempo, um novo *Frater aureae crucis* também se fez conhecido em um *Anagramata* e *Aenigmata*, e seu nome me é bem conhecido. Por que, então, deveria desvendar-me perante o mundo inteiro? Que te seja suficiente, caro amigo, que me torne conhecido apenas dos Sábios. Assim procedendo, estou convencido de que agi sem erro, encomendando o resto a Deus Nosso Senhor, que me revelará a ti se assim Lhe agradar, e se for em teu e meu benefício. Não te detenhas na tentativa de descobrir meu nome, pois mesmo que o descubras e venhas a conhecer-me, terias ainda que enfrentar este tratado. Pois tenho jurado com *Bernhardus, Conde de Trevisan*, e outros *Philosophi*, em toda a justiça nada mais revelar além do que aqui se contém. E de maneira alguma te preocupes em saber se tenho este tesouro comigo. Mas, antes, pergunta se vi como o mundo foi criado, como a escuridão sobreveio ao Egito, qual a causa do arco-íris. Pergunta, ainda: Como os corpos serão transfigurados após o Dia do Julgamento? Qual é a cor mais constante? Porém, pergunto àqueles que entendem meu livro: Viram o grande e universal mar salgado, sem qualquer matéria corrosiva, o qual é por si mesmo suficiente para levar as *Tincturae* de todas as coisas às mais altas montanhas? Onde o Enxofre se transforma em Enxofre, e onde o Mercúrio se torna Mercúrio? Do mesmo modo, onde o Enxofre provém do Mercúrio, e o Mercúrio, do Enxofre? Quando teus olhos contemplaram o símbolo do amor ardente, quando homem e mulher se abraçam de tal maneira que não mais se separam por toda a eternidade, porém se tornam um só ser, em glorioso amor? Entendes agora o que digo? Se sobre estas coisas raciocinaste com tua própria mente e se as contemplaste com teus próprios olhos, então sou teu aliado, e faço-te saber que nada mais me apraz do que receber tua secreta mensagem: com este objetivo é que me proponho escrever este pequeno tratado.

Mas se alguém tiver que reclamar das dificuldades desta arte, então, será de toda a conveniência saber que esta arte, em si mesma, não é difícil, que será até fácil para aqueles que amam a Deus e que são por Ele julgados dignos dela.

Entretanto, se me acusarem de haver escrito de maneira demasiadamente simples e clara sobre a arte, de modo que todos possam entendê-la, respondo que é verdade, que tenho escrito sobre ela com bastante lucidez para os que são dignos aos olhos de Deus, porém os indignos farão bem em afastar-se dela. Já explanei a arte inteira, palavra por palavra, aos inteligentes, porém estes a ridicularizaram e não acreditaram que em nossa obra havia uma dupla ressurreição dos mortos. Por isso, nossa obra é *in Theoria et Practica* uma pura dádiva de Deus, que a dá a quem e quando quiser, pois isso não depende do desejo ou da ação de homem algum. Soube disso em todas as *circumstantiae* e manipulações por dezessete ou dezoito anos, e ainda tive que esperar até que agradasse a Deus conceder-me Sua graça. A ninguém é lícito duvidar da certeza e da verdade desta arte, especialmente por ser tão verdadeira, tão certa e tão indubitavelmente ordenada por Deus como é certo que o sol brilha durante o dia e a lua, à noite. Com isto, devo levar a término este pequeno *Praefatio*, e iniciar o *tratado* propriamente dito. Porém, amados *Fratri aureae crucis*, que por temor estiveram alguma vez ocultos e gozaram das dádivas do Altíssimo Deus, escutai minhas palavras e não vos escondais de mim, e se não me conheceis, sabej que a Cruz experimenta os devotos e revela sua fé à luz do dia, porém eles são ocultados por motivos de segurança e deleite. Deus esteja com todos nós.

AMEN.

Caro e amado Leitor e Seguidor da Verdadeira Sabedoria: Os antigos e novos *Philosophi*, após terem alcançado a concretização de seus desejos através da divina graça, cuidaram, em seus escritos, de se fazerem reconhecíveis por seus companheiros de estudo, os quais se mantiveram ocultos aqui e ali, no mundo, para lhes mostrar que o verdadeiro Deus tem iluminado seu entendimento, abençoado o trabalho de suas mãos e lhes revelado o grande segredo da sabedoria terrena. Por conseguinte, eles acertadamente se empenharam em dar-lhe todo o louvor, honra e glória. E também prometeram que deixariam em testamento aos seus companheiros — Cristãos e discípulos em busca da arte — ao mesmo tempo instrução e informação, para que pudessem também amar e serem amados por Deus, e alcançar o entendimento e o conhecimento de tais *Secreta*.

[52] E havia pessoas assim em todos os povos, tais como os egípcios, o mais eminente dos quais foi *Hermes Trismegistus*, os caldeus, os gregos, os árabes, os italianos, os franceses, os ingleses, os espanhóis, os alemães, os poloneses, os húngaros, os judeus e muitos outros. Não há nada de surpreendente nisso, e ainda que os ditos Sábios tenham escrito em vários idiomas e em épocas diferentes, há, apesar de tudo, uma unidade, um *consensus* em seus escritos, e assim todo verdadeiro Filósofo pode logo reconhecer que Deus os tem favorecido com Sua grande bênção, e que eles tiveram a própria Obra nas mãos. A assim como a verdade se manifesta em *Harmonia*, assim inversamente deve a *Dissonantia* levar todo o Sofista e falso Filósofo para fora do círculo.

Pois aquele que não conhece exatamente o segredo dos Sábios e segue seu caminho de acordo com sua própria mente, mostra seu erro a todo aquele que é conhecedor da Arte.

Mas *Harmonia* e concordância consistem principalmente dessas duas coisas, a saber, o conhecimento da *Materia*, sua *Solução*, peso, fogo, e *Aumentação*. Com respeito à *Materia*, ela é tal que tem em si mesma o que lhe é necessário, e daí provém tudo o que o amante da Arte deseja fazer dela, nominalmente *nisus in arena*, como o Filósofo *Anastratus* diz na *Turba Philosophorum*: Não há nada mais precioso do que a areia vermelha do mar, e esta é a saliva de *Monn*, à qual é adicionada a luz do Sol e *Coagulada*.

Porém, esta *Materia* unificada é necessária, o próprio *Agadmon* testemunha, dizendo: Sabes que se não tomares de meu *Corpus*, o qual não tem espírito, não obterás o que estás procurando, porque nenhuma substância estranha deverá entrar em teu trabalho, e sabes também que nada mais é preciso para ele, exceto que seja

puro. Portanto, renuncia a todas as multiplicidades. Pois a Natureza se satisfaz com apenas uma coisa, e quem não souber disso, perecerá. Da mesma maneira *Arnoldus de Villanove* se expressa, em seu livreto *Flore florum*: Nossa pedra é proveniente de uma só coisa e é feita de uma só coisa. Desta forma ele fala ao Rei de *Neopolis*: Tudo o que está contido em nossa pedra é essencial à sua existência, e ela não tem necessidade de nada mais, especialmente porque a pedra é de uma só natureza e feita de uma só coisa. E *Rosinus* diz: Está certo que ela é apenas de uma coisa, da qual tudo que desejas é feito. E *Lillus*: Precisas apenas desta única coisa, que se transforma em natureza diversa a cada passo de tua obra. Também diz *Geber* em sua *Summa*: Ela é apenas uma pedra, uma medicina, à qual nada adicionamos e da qual nada tiramos, somente separando dela o superfluo. E *Scites* diz, na *Turba*: O fundamento dessa arte é algo mais forte e mais alto que qualquer outra coisa, e é chamado de forte vinagre, o qual é a causa do ouro se transformar em puro espírito, sem o qual nem a brancura, a negrura, nem a vermelhidão poderiam existir; e quando ele é misturado ao corpo, forma-se então um só com o corpo, e o transforma num espírito, e o colore com cor espiritual e imutável, e recebe, deste que foi colorido, sua cor corpórea em troca, a qual não pode ser obliterada; e se lançares o corpo no fogo sem o vinagre, então ele será consumido.

Porém alguém poderá chegar à conclusão, quanto aos ditos de *Scites*, que não uma, porém duas coisas são necessárias, a saber: o corpo e o vinagre, como ele os chamou; e é necessário que umidade e secura sejam unidas, de modo que o seco não seja consumido pelo fogo, mas seja protegido pela umidade do fogo que queima. Eu devo realmente concordar com tal *Argumentus* e conclusão, se for devidamente entendido, todavia, devo sustentar estes ditos filosóficos em seu mérito e verdade. Pois é certo, por um lado, que a *Materia* de nossa abençoada pedra tem muitos nomes entre os Filósofos; tal *Materia* a Natureza preparou para o artista, e para a grande pedra por si, e nada ordenou de modo diverso neste mundo.

Ela está aos olhos de todos, o mundo inteiro a vê, a apreende, a ama, mas mesmo assim não a compreende. É nobre e ruim, cara e barata, custosa e de baixo preço, e é encontrada em todos os lugares. *Theophrastus Paracelsus* chama-lhe "Leão Vermelho" em seu livro *De Tinctura Physica*, muito mencionado, porém pouco conhecido. *Hermes*, em seu livro, capítulo I, denomina-a *Mercurio*, que é endurecido em suas células mais íntimas. Na *Turba* ela é chamada de quando em quando de *Aes* ou *Minério*; no *Rosario Philosophorum* recebe a denominação de *Sal*. Na *Summa*, esta *Materia* tem tantos nomes quanto a cópia de coisas que há neste mundo. Por esta razão é que ela é tão pouco entendida pelos ignorantes. Eu os considero ignorantes, pois procedem à Arte

sem o prévio conhecimento da Natureza e de suas qualidades; como *Arnoldus* diz: eles procedem como um burro a caminho da manjedoura, o qual não sabe o que irá receber em sua boca aberta.

Por isso, em sua *Summa perfectionis*, *Geber* diz verdadeira e acertadamente: Aquele que não tem o conhecimento, por si mesmo, do início da Natureza ainda está muito longe desta arte. E *Rosarius* diz: Eu aconselho que ninguém se proponha dominar esta arte, salvo aquele que tem conhecimento do início da verdadeira Natureza e de suas leis; conhecendo isso, só precisará dessa única coisa, e ela não requer maiores esforços. Pois não é mais do que uma pedra, uma medicina, um frasco, uma receita e uma preparação. Assim nossa *Materia* será separada com a ajuda da Natureza e as manipulações inteligentes do Artesão, para que seja transformada na "Água Branca", como *Theophrastus* diz, e a radiância do Sol não brilhe após a *Spagirização* ou (como *Basilius Valentinus* diz) dele virá um espírito branco como a neve e um outro espírito, vermelho como o sangue, ambos tendo o terceiro espírito oculto neles. O Rei *Aros* falou bem quando disse: Nossa medicina será uma substância feita de dois, a saber, da unificação do constante, do espiritual e do corpóreo, do frio e do úmido, da natureza quente e da seca, e isso não pode ser feito de nenhuma outra coisa. E *Richardus Anglicus* diz: Ela é uma pedra e uma medicina feita do *Philosophis Rebis*, isto é, de duas coisas, a saber, do corpo e do espírito, branco ou vermelho; e muitos tolos têm errado nisso, tentando explicar de diversos modos o verso: *Est rebis in dictis rectissima norma figuris*. Isto é, duas coisas, e essas duas coisas são uma só: a água adicionada ao corpo, e este dissolvido em espírito, isto é, em uma água mineral do corpo e do espírito, a qual é o Elixir chamado *Fermentum*. Portanto, a água e o espírito são uma coisa da qual é feita a *Tinctura* e medicina, na qual todos os corpos são purificados. Por isso, nossa medicina é composta de uma só coisa, sendo ela a água e o espírito do corpo. E então temos, de acordo com os *Philosophi*, a natureza do Enxofre e do Mercúrio sobre a terra, dos quais são feitos o ouro e a prata sob a terra. E *Bernhardus, Conde de Trevisan*, diz: Nossa obra é tomada primitivamente de uma raiz e de duas substâncias mercuriais e são tiradas, limpas e puras, da *Minera* etc. E em seu livro *A Respeito das Coisas Naturais e Sobrenaturais*, diz-nos *Basilius Valentinus* no capítulo quarto: Revelarei a ti, em verdade e através do amor de Deus, que existe a raiz do enxofre filosófico, que é um espírito celestial, junto com a raiz do espiritual mas também natural *Mercurii*, o qual é o início do sal espiritual em um, e é encontrado em uma *Materia*, e dela, a Pedra, a mim destinada, foi feita, e não de muitas coisas. E, apesar de o Mercúrio, em si, ser encontrado por todos os Filósofos, e o Enxofre por si, e o Sal ser particularmente tirado de si mesmo, assim *Mercurius* será encontrado em um elemento. Enxofre em um e o Sal em um. Apesar disso, eu te digo que eles se elevam apenas de suas superfluidades, que são encontrados em abundância e podem ser usados *particulariter* de muitos modos vantajosos, e serem preparados como medicina e para a transmutação de metais. Porém só o *Universal* é o mais alto tesouro terreno, e todas as três coisas são, no início, apenas uma, e serão ao mesmo tempo encontradas em uma só coisa e dela extraídas, a qual pode fazer um, de todos os metais; e este é o verdadeiro *Spiritus Mercurii* e *Anima Sulphuris*, incluindo o Sal Espiritual, ao mesmo tempo unidos e abrangidos sob um firmamento e habitando num corpo, e este é o Dragão e a Águia, ele é o Rei e o Leão, ele é o Espírito e o Corpo, o qual deve dar cor ao corpo do Ouro, em uma Medicina etc. Então, assim nossa *Materia* preparada é chamada de *homem e mulher*.

Da mesma maneira, em respeito ao trabalho e ao sofrimento, *Zimon* diz, na *Turba*: Saibam que o segredo desta obra existe no homem e na mulher, *i.e.*, na produção e no sofrimento. No chumbo está o homem, na *Auripigmento* está a mulher. O homem rejubila-se pela mulher que recebeu para si, e ela o auxilia, e a mulher recebe do homem uma semente corante e é corada por ele. E *Diamedes* diz: Ajuntem o másculo filho do Cavaleiro Rubro à sua perfumada mulher, e assim ajuntados farão a Arte, à qual não deverá ser adicionada nenhuma matéria estranha, nem pó, nenhuma outra coisa, e estejam satisfeitos com a concepção: assim deve o verdadeiro filho ser nascido entre vós. Oh, quão preciosa é a *Materia* do Cavaleiro Rubro, sem a qual nenhuma ordem pode existir! Outros a chamam de *Argentum vivum* ou *Mercurius* e *Sulphur* ou Fogo. Como *Rogierius Baco* diz no *Speculum Alchemiae*, capítulo 3: Todos os metais originam-se do *Sulphur* e do *Mercurius*, e nada é ligado a eles, pois se nada lhes for adicionado, nada os mudará, salvo o que for deles derivado. Portanto, devemos acertadamente tomar *Mercurius* e *Sulphur* como a *Materia* da pedra. E *Menabadus* diz: Quem quer que adicione Mercúrio ao corpo do *Magnesio* e o Masculino ao Feminino, dele tira a oculta natureza, pela qual os corpos obterão sua cor.

E *Lullius* diz em seu *Codicil*: É próprio de nosso *Mercurius* deixar-se coagular por seu Enxofre. E na *Practica* de seu Testamento, ele diz: O Mercúrio é uma umidade transbordante e corrente, que assim se preserva de ser queimado. Outros o chamam de corpo, espírito, alma. Assim diz *Arnoldus* em *Flore florum*: Os *Philosophi* dizem que nossa pedra é composta ao mesmo tempo de corpo, alma e espírito, e eles falaram a verdade. Pois eles têm comparado o *Corpus* imperfeito com o corpo, pois este é fraco: Eles chamaram a água de espírito, e isto em verdade, pois esta é um espírito. Mas, ao *Fermentum*, deram o nome de alma, pois dá ao corpo imperfeito a vida que este não tinha antes, e assim produz

uma forma melhor. E um pouco antes disso, ele diz: O espírito não será unido ao seu corpo senão através da ação das almas. Pois a alma é um meio entre o corpo e o espírito, a qual une ambos. E *Morienus* diz: A alma rapidamente entra em seu corpo; mas se tu a juntares a um outro corpo, trabalharás em vão. E *Lullius* diz: Alma, espírito e corpo estão juntos e são uma só coisa, que tem tudo em si, e à qual nada estranho é adicionado. Mas, por que é necessário que alguém mencione todos os nomes pelos quais é designada nossa *Materia*, e por que explaná-los? Que seja suficiente, para nosso objetivo, mencionar os mais comumente usados. E após termos inquirido de onde esta *Materia* é proveniente e aonde chegará, ponderemos, ainda que rapidamente, sobre a *Solução* como parte importantíssima da arte, e através da reflexão deveremos aguçar nossa razão e entendimento.

Passando agora a considerar o que é a nossa *Materia*, e onde ela deve ser obtida, deve-se saber que nosso Todo-Poderoso Criador, cuja sabedoria é tão grande quanto Ele mesmo o é, criou duas coisas no início, quando não existia nada além d'Ele próprio: as coisas celestiais e aquelas que estão sob os céus. As coisas celestiais estão contidas nos céus, com os habitantes celestiais, sobre os quais não queremos fazer discursos filosóficos neste momento. As obras criadas sob os céus são produzidas de quatro elementos, encontrados apenas em três espécies: primeiro, os que têm vida e sentimentos, chamados de *Animalia*; segundo, tudo que cresce da terra mas não tem sentidos, e são chamados de *Vegetabilia*; e, finalmente, tudo o que cresce sob a terra, e são chamados de *Mineralia*.

Estas três espécies abrangem tudo o que foi criado dos quatro elementos sob a lua, e nem mais nem menos que três espécies serão encontradas, e o Altíssimo Deus aprovou cada um em suas espécies e tipos, de modo que nenhum deles poderá ser transformado de um tipo, ou espécie, em outro, como, por exemplo, de uma pedra fazer-se um homem ou uma árvore, do chumbo, criar-se uma erva ou um macaco, e assim por diante. Isso, afirmo, é impossível, por decreto do Grande Rei. Se tal fosse permitido pela Natureza, sacrificar-se-ia o equilíbrio da distribuição das espécies. Como isso redundaria, sem dúvida, em grande confusão, o Senhor de todos os senhores decretou que tal metamorfose das espécies não fosse permitida. E o que é mais, não apenas tem Ele preservado as três espécies, cada uma delas verdadeira em si, mas também deu a cada criatura a semente que lhe permite reproduzir seus semelhantes com ela, e estas formas não serão transformadas em qualquer outra, como um homem em um cavalo, uma macieira em uma alface, ou um diamante, ou outra pedra, em ouro. Assim, digo: Na Natureza tais coisas não são permitidas. E como assim tem sido desde o início, assim será até chegar o dia em que o Todo-Poderoso, que disse, no início, "Que seja feito", dirá: Que pereça. Porém, é inteiramente permitido que entre as coisas que têm *Materia* comum, semente e *composição* dos elementos, um refinamento de suas condições possa ser obtido, de acordo com a pureza e a perfeição de sua *Materia*.

Assim é que um homem que possui a mente muito mais nobre e inteligente, por causa dos espíritos puros e sutis que se originam na justificada e bem temperada *Constituição* dos corpos, eleva-se mais alto que outros que não têm entendimento tão agudo e sutil. Assim também se dá com as *species animalium* e entre as abundantes ervas e árvores. Nas árvores, através da implantação, do enxerto e de outros processos que são do conhecimento dos que lidam no campo. Entre as ervas e as flores pode-se facilmente ver que uma é mais nobre que outra, mais linda, mais fragrante. E só olhar os *Caryophylli*, ou cravos, e as tulipas, que não saberia dizer quantas espécies delas existem. Através da constante atenção que lhes dedicamos, elas se tornarão mais altas e mais atraentes, e assim algumas flores tornar-se-ão tão lindas e fragrantes que se poderia pensar que não existia nenhuma de sua espécie, antes.

[53]

E sobre os metais, que devo dizer? Sua comum *Materia* é o Mercúrio, o qual é fervido e coagulado do Enxofre. Como *Richardus Anglicus*, em seu capítulo 6, diz: As qualidades de todas as coisas líquidas e fusíveis são produzidas pela Natureza a partir da essência do Mercúrio e do Enxofre; pois é da qualidade do Mercúrio o não poder ser queimado ou coagulado por nenhum fumo ou calor do Enxofre vermelho ou branco. E *Arnoldus*, no primeiro volume, capítulo 2, de seu *Perfectum Magisterium et Gaudium*, diz: O Mercúrio é a fonte de todas as coisas que podem ser dissolvidas, pois tão logo um metal é dissolvido, transforma-se em Mercúrio e pode ser misturado a ele, pois é da mesma essência. Há uma diferença na composição do dito *Corpora* do Mercúrio: seus graus de pureza ou impureza, a impureza provindo do enxofre impuro, sendo estranha e contrária a ele. E *Rosinus* diz em *Saratanta*: A *Materia* de todos os metais é o Mercúrio fervido e imperfeito, que ferveu o Enxofre no seio da terra, e após o Enxofre ter sido separado, muitos metais são produzidos na terra, todos tendo em comum uma única e universal *Materia* original. A única diferença entre eles é que alguns são mais e outros menos afetados.

Por isso, vemos diariamente, com nossos próprios olhos, a Natureza diligentemente aplicar-se ao trabalho de purificar todos os metais e levá-los a uma maior perfeição, que é transformá-los em ouro, isto sendo a final intenção da Natureza. Assim, então, vemos

em todos os metais o que a Natureza começa a produzir neles, visto que não há metais que não contenham ao menos um grão de prata ou ouro. E o que é mais, ocorre com os metais que a Natureza conseqüentemente poderá fazer e fará ouro do Mercúrio, quando tem Enxofre em si mesmo, e quando nada de estranho houver entre eles, e o impuro, mal-cheiroso e combustível Enxofre tal não impedir, em muitos lugares será encontrado fino e puro ouro, sem mistura com outros metais.

Pois nas minas freqüentemente ao Mercúrio acha-se adicionado um estranho Enxofre, que o contamina e impede sua perfeição. Assim também serão produzidos vários metais, através de estranhos Enxofres. Pois como *Aristóteles*, no 4 *Meteorologica*, diz: Se a substância do Mercúrio for boa e o Enxofre combustível for impuro, surgirá da mistura o Cobre. Mas quando o Mercúrio é calculoso, impuro e terroso, e o Enxofre, também, impuro, resultará disso o ferro. Parece que o estanho contém um bom Mercúrio, que é puro, porém tem um mau Enxofre. E o chumbo contém um grosseiro, ruim, pesado, aglutinoso Mercúrio e um ruim, impalatável e mal-cheiroso Enxofre, por isso não é fácil deixá-lo coagular.

Este retardante, combustível e mal-cheiroso Enxofre não é o fogo certo, que deixa ferver bem os metais, mas o Mercúrio tem seu próprio Enxofre, que assim procede, e como *Bernhardus*, *Conde de Trevisan*, diz: Muitos acreditam erroneamente que na produção de metais entra uma matéria parecida com Enxofre. Mas, é evidente que no Mercúrio, quando a Natureza funciona, está contido seu próprio Enxofre, mas este não prevalece no mesmo, exceto através de movimento cáldo, pelo qual o dito Enxofre e, ao mesmo tempo, as duas outras qualidades dos *Mercurii* são alteradas. O mesmo sucede com diversos outros metais da terra. Pois nesta terra, como *Arnoldus* diz, no primeiro capítulo de seu *Rosarii*, há dupla superfluidade: uma na mais íntima parte do Mercúrio, o qual, no início, misturou-se à sua essência, outra, entretanto, adicionada a parte de sua natureza, e a corrompe. Uma pode ser separada de sua natureza somente com grande dificuldade; a outra, entretanto, será retirada sem requerer nenhuma habilidade de parte de um artista.

Por isso o grande calor do fogo separa a umidade combustível dos metais, pois o Mercúrio a contém e a preserva da combustão, a qual é sua natureza, porém expele de si a substância estranha, que é destruída pelo fogo. Porém, o Enxofre mais íntimo, que ferve o Mercúrio e o eleva à sua perfeição, tem o mesmo grau de pureza e impureza, combustível e não combustível. O combustível impede o Mercúrio de se aperfeiçoar, para que este não se transforme em ouro, até que este Enxofre seja finalmente separado dele por inteiro, e apenas o Enxofre constante nele permaneça. Então o Mercúrio se tornará ouro ou prata, de acordo com o Enxofre, se vermelho ou branco. Mas este Enxofre mais íntimo é apenas um *Mercurius* oportuno, ou a parte mais madura e mais oportuna do Mercúrio, e por isso o Mercúrio rapidamente o absorve, mas deixa atrás os outros e estranhos enxofres. Pois, como *Richardus*, no capítulo 9, diz: Quanto melhor e mais puro o Enxofre, mais agrada ao bom e puro Mercúrio e melhor se mistura a ele. Assim um fica mais e mais associado ao outro, até que metais mais e mais perfeitos sejam produzidos dessa união.

Mas tal enxofre não é encontrado na face da terra, como diz *Avicenna*, exceto no ouro e na prata, muito mais maduro no ouro. *Richardus*, no capítulo 12, diz: O Enxofre vermelho está no ouro graças ao seu maior amadurecimento, enquanto o branco está na prata, por menor amadurecimento.

Agora, se tudo for assim, ou seja, se há uma única *Materia* universal em todos os metais, que através de sua força com o Enxofre inato, quer imediatamente ou com mais vagar, de acordo como se separa — ao longo do tempo por meio de uma fervura mais constante — do Enxofre estranho e ineficiente encontrado nos outros metais, se torna ouro, que é o objetivo dos metais e a perfeita finalidade da Natureza, então devemos, de fato, admitir que a Natureza também procura e deseja projetar, neste reino, tanto quanto como nos reinos animal e vegetal, seu desenvolvimento e aperfeiçoamento através da purificação e do sutil refinamento dos *subjecti*, cada um em seu próprio reino.

Isso, então, amado inquiridor das coisas da Natureza, eu explicaria mais detalhadamente, para que possas melhor entender a *Materia* de nossa grande pedra. Pois se tu pretenderes fazer para ti, de alguma substância animal, uma pedra como a nossa, serias impedido, pois ambos pertencem a duas diferentes espécies, a pedra é mineral e a *Materia* é animal. E como *Richardus*, Capítulo 1, diz: Ninguém pode retirar de algo o que nele não está contido. Por isso, cada espécie procura em sua própria espécie seu poder de multiplicação, e cada *genus*, ou tipo, procura em seu próprio tipo, e toda a natureza a procura em sua própria natureza natural, e dá fruto de acordo com sua característica, e não ao contrário. Portanto, toda a coletividade está de acordo com sua própria semente. E *Basilius Valentinus* diz: Acautela-te, meu amigo, e entende que não deves procurar fazer uso de qualquer espírito animal. Como a tua carne e

sangue, a carne e sangue concedidos pelo Criador aos animais pertencem aos animais, por isso Deus ao mesmo tempo ordenou que um animal se faça de sua própria espécie.

Assim, deve-se olhar com espanto aqueles que, tendo-se por grandes artistas, procuram suas *Materia Lapidis* no *Menstruis mulieribus*, no *Spermate*, nos ovos, no cabelo, urina e em muitas outras coisas, e enchem livros com tais receitas, com o objetivo de convencer, de enganar e desencaminhar os tolos com tais inutilidades.

E muito surpreendido com a loucura de tais pessoas mostra-se *Rogerus Baco*, em *Speculi*, capítulo 3, em que diz: é de admirar que um homem de intelecto baseie sua *intenção* sobre coisas animais ou vegetais, que são tão amplamente separadas, enquanto podem-se encontrar tais coisas nas *Mineralia*, que são muito mais adequadas a tal intento.

Não é absolutamente digno de fé que algum *Philosophus* tenha colocado a arte em coisas tão amplamente distintas, exceto quando se tratar claramente de alegoria. Como *Basilius Valentinus* diz: Nossa pedra não é proveniente de coisas combustíveis. Pois nossa pedra e sua *Materia* estão a salvo do perigo do fogo. Portanto, deves abster-te, de procurar nas coisas animais, pois a Natureza não permite que nela tal seja encontrado. Mas se alguém procurar por nossa pedra nas coisas vegetais, como em árvores, ervas ou flores, errará, pelas razões expostas acima, não menos do que aquele que tenciona fazer uma grande rocha de um animal, pois todas as ervas e as árvores, juntamente com tudo que é feito delas, são combustíveis, e nada resta delas exceto o sal e a terra, que elas receberam da Natureza na sua composição. E que ninguém se desnorteie, por que alguns fingem ser capazes de fazer a Pedra Filosofal do vinho ou de suas partes. Pois enquanto eles não entenderem acertadamente os escritos de *Raymundus Lullius*, apenas provam, com todos os seus grandes conhecimentos, que de nada entendem, e desencaminham a si mesmos e aos outros. Naturalmente é também verdadeiro que dessas coisas um esplêndido e excelente *Menstrua* pode ser preparado, sem o qual nem na medicina nem na alquimia algo pode ser empreendido ou alcançado. Mas que a Pedra Filosofal possa ser feita dele, ou dele sua semente ser extraída, não foi dado pela Natureza por intermédio do Criador, pois, como mencionado acima, Ele determinou que cada um se mantenha de acordo com sua espécie.

Portanto, os que têm entendimento podem facilmente deduzir e concluir que nossa pedra, que, como já dito, é incombustível, deve ser procurada e encontrada em uma *Materia* incombustível, que só é encontrada no reino mineral, pois todas as coisas animais e vegetais são combustíveis.

Como a nossa previamente mencionada Pedra Filosofal é um produto mineral, pode-se razoavelmente inquirir de quantos tipos de minerais esta pedra pode afinal ser produzida; pois há tantas espécies quantas há de pedras, entre elas diversos tipos de substâncias e terras serão considerados, tais como sais semiminerais e metais.

A isso eu respondo que há razão para crer que é impossível fazer-se a pedra de qualquer um desses materiais, porque em nenhum deles há Mercúrio líquido ou fusível, e de que eles não podem ser fundidos ou dissolvidos em seus primeiros *Materia* por causa do Enxofre contido neles, o qual é demasiadamente bruto e tem grande abundância de características judaicas. Nenhum inquiridor inteligente dos segredos naturais procurará a *Materia* da Pedra Filosofal nos sais, alumens, ou outros materiais desse tipo. Pois ele só encontrará neles um espírito altamente corrosivo e destruidor, mas não o tipo de *Mercurium* ou Enxofre que os *Philosophi* desejam e necessitam.

Mas, de tais coisas, nenhum mineral intermediário, tal como o *Magnésio*, a *Marcassita* ou o *Antimônio* etc., pode ser feito. Muito menos surgirá delas um metal. Como, então, pode alguém obter delas a *Materia* da Pedra Filosofal, que é o fim e a perfeição de todos os metais e minerais? Além disso, estes absolutamente nada têm em comum e nenhuma afinidade apresentam com quaisquer metais — antes, os queimariam e os corromperiam; como poderiam servir para aperfeiçoá-los? Escuta, agora, o que *Richardus Anglicus*, no capítulo 10, diz sobre isso: os *Mineralia* inferiores não podem transformar-se em metais, primeiro porque não são originados da primeira *Materia* de todos os metais, que é *Mercurius*.

Mas, desde que sua origem difere tanto da dos *Mercurii*, em forma, em matéria e, ao mesmo tempo, em consistência, nenhum metal pode provir deles, pois deve haver uma primeira substância, a semente de uma coisa semelhante de que isso terá sido produzido. Mas o que é dito emerge claramente do fato de as *Mineralia* inferiores não se originarem do *Mercúrio*, como também está claro, de acordo com *Aristóteles* e *Avicenna*. Portanto, se eles devem ser transformados em *Metalla*, devem primeiramente ser reduzidos a suas primeiras *Materia*.

Porém, uma vez que isso não pode ser feito por meio de qualquer arte, assim também nenhum metal ou *Materia* final se fará de sua pedra. Por isso, desde que as *Mineralia* inferiores não podem existir no início através da arte, que é *Mercurius*, também não podem existir no meio e no final dele, que são os metais e a *Tinctura*. Mas as *Mineralia* menores são estranhas aos metais em sua natureza, e apesar de até certo ponto terem eles parte no poder mineral, representam uma qualidade inferior do vegetal e são combustíveis. Por isso a natureza metálica os repele e mantém apenas o que é de sua própria natureza. Daí não passarem de tolos os que cometem tantos e tão diferentes enganos, iludindo as pessoas, e fazem coisas absurdas que nem tem a Natureza nelas, nem podem eles se fazer entendidos.

E que ninguém seja enganado pelos escritos dos Filósofos, se às vezes falam sobre sais, como quando foi dito na *Allegoriis Sapientum*: Quem quer que seja que trabalhe sem os sais, não pode ressuscitar corpos mortos. E no livro *Soliloquii* está escrito: Quem trabalha sem sais, atira com arco sem corda. Mas eles têm um significado de todo diferente do dos sais minerais. Como se vê claramente no *Rosario Philosophorum*, onde está escrito: O sal dos metais é a Pedra Filosofal. Pois nossa Pedra é água coagulada, em ouro ou prata, e resiste ao fogo, e pode somente ser dissolvida em sua própria água. *Geber*, em seu livro sobre a fornalha, capítulo 19, ensina que a água coagulada dos filósofos não é água mineral, porém seu *Mercurius*, dizendo: Aplica-te a dissolver a água seca do sol e da lua, a que o homem comum chama *Mercurium*. Os *Philosophi*, em seus debates, chamam-lhe sal às vezes, como é visto em *Clangore Buccinae*, onde se lê: Nota que a *Corpora* é de alumínio e sais, que fluem de nossos corpos. Também às vezes eles chamam a própria medicina de sal, como está escrito na *Scala*: É a obra da outra água que aumenta a terra em seus maravilhosos sais, só através de sua força de atração. E *Arnoldus* diz, em seu livro sobre a preservação da juventude: Mas o que não tem igual na preservação da juventude é o sal proveniente da *Minera*. Os Sábios o compararam, quando preparado, ao calor natural de um jovem sadio, e também por causa disso eles chamaram a pedra pelo nome de um animal: outros a denominaram *Chifir* mineral, e alguns lhe deram o nome de medicina perpétua e *Aquam Vitae*. A ciência de sua preparação está em que ela deve ser reduzida a água pura e potável, com essas coisas que têm muitas das mesmas qualidades dela.

Daí, é agora muito fácil reconhecer que, de acordo com o ensinamento dos Filósofos e, também, com a característica da própria Natureza, a *Materia* da pedra não pode ser feita dos minerais inferiores.

Agora, vamos olhar ao redor e ver se a *Materiam* de nossa grande pedra pode ser feita de semiminerais, tais como a *Marcassita*, o *Antimônio*, o *Magnésio*, e outros, especialmente desde que os *Philosophi* mencionam isso em várias ocasiões. Como, por exemplo, *Senior* diz: Se não houvesse em nosso Auripigmento a qualidade de coagulação do *Mercurium*, nossa maestria jamais chegaria ao objetivo. E *Tomás de Aquino*: Toma de nosso *Antimonium* ou a terra negra capturada etc., e *Parmenides*, na *Turba*: Toma do Mercúrio e o coagula no corpo das *Magnesiae*, ou em Enxofre, que não é combustível.

Porém aqui, entretanto, é de ser entendido que os *Philosophi* não falaram assim para indicar que nossa grande pedra possa ser feita de tais coisas, mas falaram desta maneira somente a título de alegoria. Pois o filosófico Auripigmento e o *Magnésio* são coisas totalmente diversas das pessoas comuns, ou seja, a própria *Materia*, que eles denominam *Agens*, o Leão, o Rei, o Enxofre, e vários outros nomes; e, o que é mais, será chamado de Auripigmento ou Orpimento, pois tem o poder do ouro na cor supérflua, e é chamado *Magnésio* por sua grande virtude e glória, que dele emanam.

Mas quando Tomás de Aquino lhe chama *Antimônio*, assim o faz por causa da cor negra e brilhante que adquire após sua dissolução. Pois quando nossa pedra se tornou negra, foi comparada a todas as coisas negras pelos *Philosophi*.

Aqui, alguém poderia dizer-nos que, desses semiminerais, alguns foram produzidos não somente do Mercúrio e do Enxofre, mas também se tornaram metais: como se vê, *Magnésio* ou *Bismuto* apresentam sucesso ao serem misturados com chumbo ou estanho.

Da mesma maneira, o Antimônio não só se mistura com metais, mas se transforma em chumbo natural. Assim também algumas pessoas, de baixo e alto graus, ocasionalmente têm visto o mesmo transformar-se em ouro. Não poderia alguém obter dele a *Materia* da pedra, já que ele foi produzido do Mercúrio e do Enxofre, os quais podem novamente ser reduzidos, através da arte, e é da mesma origem de todos os metais? A isso, respondo: primeiro tem-se que distinguir entre os semiminerais, ou seja, entre os que têm em si um *Mercurium* e aqueles que não o têm. Tem-se que prestar muita aten-

ção àqueles que têm o Mercúrio, pois, através de nossa medicina, seu Mercúrio pode ser transformado em ouro ou prata e, portanto, como eu afirmo, eles devem ser tratados como meio-metais, i.e., como minerais dispostos a se transformarem em metais. Os outros que não têm o Mercúrio, não devem ser considerados, em absoluto. Mas, por conta do Enxofre ruim e combustível que é encontrado neles, e que é a razão pela qual o Antimônio é oposto a todos os metais e os queima a todos, exceto ao ouro, tendo que deixá-lo em paz pela sua constância, assim aqui ninguém pode chegar tão longe, ninguém pode escolhê-los para compor a *Materiam* de nossa pedra, que deve ser Enxofre puro, delicado e incombustível. Mas, sob intenso exame e experimentos, pode-se facilmente ver que eles são impuros e intensamente infectados com seus Enxofres.

O Zinco aparenta, por seu brilho, peso, aspecto externo e tato, ser puro *Mercurium*, mas logo que entra no fogo, dissolve-se em fumaça, desaparecendo como Enxofre pálido e amarelo. As *Marcassitas* não podem ser forçadas a fundir, por sua grande impureza terrena. O Antimônio, entretanto, pode ser limpo de sua exagerada negrura, através de hábeis manipulações, e ser levado a um branco e lindo *Regulum*, e se apresenta a todos como se algo de grande pudesse originar-se dele; por isso, muitas pessoas, que se julgam inteligentes, acreditam que a Pedra Filosofal pode ser feita dele. Mas, por mais que alguém limpe o Antimônio de sua negrura, ainda permanecerá nele Enxofre bruto e inflexível, cuja presença fica patenteada por não se deixar estender sob o martelo e tornar-se maleável, qualidade, além de outras, característica dos metais.

Além disso, ele tem um *Mercurium* bruto e impuro. Pretendia, pelo menos por enquanto, não fazer referência ao Enxofre dissolvente que segundo alguns existe nele. Espero que não se importem por não poder estar de acordo com o ponto de vista dos que se intitulam grandes *Philosophi*, e querem convencer a si mesmos e aos outros, por meio de livros e por escritos amplamente divulgados, que justamente neste ponto está o *Scrupel* de seu *Universal*. Procura-se tolemente por algo que não existe naquilo em que é procurado. Como *Arnoldus* diz: Pois está estabelecido na prática da *Turba* que a Pedra dos Filósofos é feita de uma pura *Materia*. Assim também diz *Lullius* em seu último Testamento: Nossa *Tinctura* é apenas puro fogo. E no *Vade Mecum* diz ele: É somente o sutil espírito que tinge e, assim, clareia o *Corpora* de sua lepra; mas os Minerais, que são brutos e impuros, não podem de maneira alguma ser limpos, em suas partes mais interiores, senão por meio de nossa *Tinctura*, e por isso não se pode obter deles a *Materiam* de nossa pedra. Pois *Richardus*, capítulo 1, diz: Nada pode ser retirado de uma coisa se não estiver contido nela.

Que se deve dizer sobre o Vitriolo? Por suas maravilhosas qualidades, ele leva muitos ao erro, especialmente porque parte dele pode ser transformada em cobre, e ele também pode transformar ferro em cobre. É bom que se saiba que o Vitriolo nada mais é que o início e a *Materia* do cobre. Nas veias da terra, *Mercurius* vaporoso e de umidade ígnea são encontrados onde em grande quantidade se tem descoberto um amargo e adstringente Enxofre venéreo, os quais tão logo são misturados, coagulam-se e tentam transformar-se em metal. Mas como a Natureza procura separar o puro do impuro, o combustível do incombustível, a abundância e multiplicidade do Enxofre acima mencionado têm excedido a *quantitas*, até hoje. Assim também em tal separação o *Mercurius* teve que se separar e deixar-se ocultar no verde vitriólico.

Isto pode ser visto claramente: se adicionarmos Enxofre comum ao cobre, causaremos sua destruição e calcinação, pois a arte alcança, através de intensos fogos, em pouco tempo o que a Natureza deve realizar com fogo mais brando e lento. Então o cobre será inteiramente consumido, e o material será levado ao estado vitriólico por meio de manipulações gerais. Dependendo da quantidade do Enxofre existente, o Vitriolo será mais rico ou mais pobre em suas cores. Esta, pois, a razão por que alguns Vitriolos contêm mais qualidades do cobre do que outros: encontra-se mais cobre no Vitriolo cipriota, menos nos outros.

Não se pode deixar de notar que o azedo *Spiritus* do Vitriolo é proveniente do Enxofre, especialmente porque ele pode ser extraído do Enxofre comum. O cheiro de Enxofre é facilmente constatável no *Spiritu Vitrioli*, e o *Spiritus Sulphuris* pode transformar o *Sulphur Martis* em um Vitriolo, como o *Spiritus Vitrioli*. Mas, como no ferro há também Enxofre bruto, a corrosividade do Vitriolo o devora, procura por seu *Mercurium*, que não é muito diferente do seu próprio, e através da união deste com o Enxofre, transforma-se num cobre bom e maleável.

Mas, como no Vitriolo há Enxofre bruto e supérfluo, e como há apenas muito pouco Mercúrio nele, que até então não chegou à sua purificação, não devemos tirar dele mais do que do outro. Devemos atentar para os ensinamentos de *Alphidius*, que diz: Meu filho, cuida-te, afasta-te das pedras e dos corpos mortos; neles não há caminho a seguir, pois sua vida não está sendo aumentada, mas diminuída, como acontece aos Sais, ao Orpimento, ao arsênico, ao magnésio, à marcassita, e outros do mesmo tipo.

E *Arnoldus*, em *Flore florum*, diz: A causa de seus erros é que os quatro espíritos, a saber, *Orpimento*, *Salmiáco*, *Mercurius* e *Sulphur*, não são a semente de nenhum dos metais, perfeitos ou imperfeitos, à exceção do *Mercurio* e do *Enxofre*, o qual coagula o *Mercurium*.

Entretanto, alguém pode concluir, destas últimas palavras de *Arnoldus*, que o Enxofre comum e o *Mercurio* são a *Materia* de nossa pedra, pois tais são contados entre os quatro espíritos, e por que o Enxofre coagula o *Mercurio*. Sobre isso devo perguntar, com *Richardus*, capítulo 11: Todo Enxofre coagulará o *Mercurio*? A isso eu respondo: Não! Pois todo Enxofre comum, como os *Philosophi* dizem, é oposto aos metais. Saibam que o Enxofre foi produzido da gordura da terra, nas profundezas da terra, e foi tornado sólido pela fervura moderada, daí então ser chamado Enxofre.

Existem dois tipos de Enxofre: o vivo e o combustível. O Enxofre vivo é a parte efetiva dos metais e, quando limpo pela Natureza de todas as impurezas, será ele a *Materia* de nossa pedra. Sobre isso discorreremos mais tarde. Mas o Enxofre comum, ou combustível, dos metais ou *lapidis Materia*, é seu inimigo. Segundo *Avicenna* e *Richardus Anglicus*, o Enxofre comum e combustível não pertence à nossa mestria de manipulação, pois ele não se originou da mesma. Pois, por mais alvo que a arte possa fazê-lo, ele se infecciona sempre, torna-se negro, e corrompe tudo que é feito dele, pois é fogo destrutivo.

Por isso ele impede a fluidez, quando é fixado. O exemplo disso vemos no ferro, que tem em si um Enxofre constante, bruto e impuro. Mas se ele for queimado, torna-se uma substância terrosa, como um pó morto. Ora, como pode isso dar vida aos outros? Pois ele tem uma superfluidade dupla, a saber, a que pode ser queimada e a terrosa.

Agora considera o Enxofre comum, não o *Enxofre dos Filósofos*, que é fogo simples e leve, que revive outros corpos mortos e os leva à maturidade. Por isso, esse *Enxofre* comum não pode ser a *Materia* de nossa pedra. Mas, que dizer do *Mercurio* comum? Pois todos os *Philosophi* dizem que a *Materia* de nossa pedra é uma substância mercurial e tem muitas qualidades que serão atribuídas ao nosso *Mercurio*. Pois ele é a fonte de tudo o que se deixa fundir, como *Arnoldus*, *Ros. lib. 1, cap. 2*, diz: Tudo o que é fusível, quando fundido será transformado nele, e se misturam bem, pois são da mesma substância; embora os corpos difiram, ao mesmo tempo, em sua taxa de *Mercurio*, de acordo com sua pureza ou impureza, e retenham o Enxofre que lhes é estranho. E no capítulo 4, diz ele: O *Mercurius vivus* é claro em todos os seus efeitos, é a mais perfeita e constante coisa, pois resiste à queima e causa liquificação, quando tiver sido fixado, e é a *Tinctura* de uma vermelha perfeição superflua, de aparência brilhante, e não cessa na mistura enquanto ela perdurar; e é amistosa e sociável e o meio de juntar as *Tincturae* desde que se deixe misturar totalmente, e adere ao seu mais íntimo, pois é de sua natureza. Há um, e somente um, que o fogo conquista, mas este não será conquistado pelo fogo, mas se rejubila nele e nele permanece.

E *Bernhardus* diz: Muito exatamente seguimos a Natureza, que não tem em seus veios nenhuma outra *Materiam* onde ela opera a não ser a pura forma mercurial. Neste *Mercurius* está, pois, oculto o constante Enxofre não combustível, que leva nossa obra à perfeição, sem nenhuma outra substância, salvo a substância mercurial pura. Desde que há esplêndidas qualidades no *Mercurio*, não deve isto, portanto, indicar que a *Materia* de nossa pedra deve estar nele? A isso respondemos: Como existem dois tipos de Enxofre, também existem dois tipos de *Mercurio*: o comum e o filosófico. O *Mercurius* comum é ainda um *Corpus* bruto, extemporâneo e aberto, que não pode permanecer no fogo como o filosófico, visto que, através de calor moderado, transforma-se em fumaça e rapidamente desaparecerá. Por isso os *Philosophi* também dizem, coloquialmente: Nosso *Mercurio* não é *mercurio* comum. Assim *Lullius* também diz, em sua *Clavicula*, capítulo 1: Nós dizemos que o *mercurio* comum não pode ser o *Mercurio* dos Filósofos, seja qual for a arte pela qual ele é preparado, pois não se pode manter o comum no fogo. Portanto, isso é feito através de um outro *mercurio* corpóreo, que é quente, seco e mais oportuno.

Mas a maioria dos Filósofos tem escrito, de acordo com sua superfluidade, sobre a sublimação e outras preparações do *mercurio* comum. Daí muitos estranhos livros sobre este assunto terem chegado à existência, para que as pessoas aprendam mais e mais sobre a natureza e o caráter deste assunto, porém o objetivo que tiveram em vista, o grande tesouro da sabedoria terrena, ninguém até agora foi capaz de encontrar em suas páginas, pois a Natureza ali não o colocou. Porém, em verdade, isso é tão peculiar em sua obra que desorientaria aquele que se considerasse um Sábio. Por exemplo, conheci certo indivíduo que o amalgamou ao ouro e o manuseou tão sutilmente que o levou, através de todas as colorações, até à *Citrinização*.

Nesta coloração permaneceu, e ele, pensando que se fixou, pôs mais fogo sob o preparo, pensando que não erraria em colocar mais fogo de acordo com a maneira dos *Philosophi*. Então o vidro partiu-se, e o *Mercurius* foi lançado pela chaminé, levando consigo todo o ouro, dourando assim a chaminé. E ele teve que raspar o ouro da chaminé e reduzi-lo novamente.

Tem sido também visto que o *Mercurius* comum, como um *Corpus* que é, não pode nem abrir um outro *Corpus*, ou seja, o ouro, nem agir nele, mesmo que muitas cores sejam percebidas nele, enquanto o calor trabalha seus efeitos sobre a umidade. Mas se este bom homem tivesse entendido, como outros têm feito, o que *Arnoldus* diz em *Flore florum*, tal não lhe teria acontecido. Pois *Arnoldus*, quando discursa sobre tais alquimistas, diz: Quando eles consideraram isso mais sutilmente, descobriram que o *mercurio* é a origem, a fonte de todos os metais, e com calor sulfúrico, fervente, eles sublimaram o *Mercurius* para si mesmos, e então o formaram, o excluíram e o coagularam, mas quando chegaram à projeção, nada encontraram.

Por isso, não podemos considerar o *mercurio* comum como a *Materia* de nossa pedra. Até agora temos procurado a *Materia* de nossa pedra nos animais, nos vegetais e nas pedras, nos minerais inferiores, e também nos semiminerais e nos superiores, mas não a encontramos, por isso, devemos procurar mais adiante. Quem sabe estará ela nos metais, e, caso afirmativo, se é de ser encontrada em todos eles ou apenas em alguns. Na segunda hipótese, em quais? Isto desde há muito é sabido, e *Rogerius Baco* faz constar em seu *Speculo*, capítulo 3, que todos os metais são produzidos do *Mercurio* e do Enxofre. E ninguém pode tirar ou adicionar nada a eles, e não pode transformá-los, mas apenas ao que deles provém, pois cada melhoria modifica a natureza da coisa da qual provém. Como *Richardus*, capítulo 1, diz: Como também acontece de outras maneiras na Natureza, tudo é regido pelo Altíssimo Criador, para que cada coisa produza e sustente sua própria espécie. E como os estúpidos animais não podem modificar sua própria espécie e aumentá-la senão através da natureza de sua própria espécie, assim sucede também com tudo o mais na Natureza. Por isso *Basilius Valentinus* diz: Não te é permitido procurar pela verdadeira pedra, nem deves empreender fazê-lo, exceto pela semente de que se originou nossa pedra, desde o início.

Para encontrar esta semente, deves antes procurar saber para que queres encontrar a pedra, e então se tornará óbvio para ti que ela só pode originar-se de uma raiz metálica, da qual o Criador ordenou que todos os metais se produzam e surjam. Há uma grande similaridade entre a produção de metais e a produção da grande pedra, especialmente visto que há *Mercurio* e Enxofre em ambos, assim como o Sal, e a nobre alma se ocultou, e não é possível se obter a vantagem do uso sob forma metálica até que estes três sejam juntados em um só, após terem sido retirados da substância metálica, e após isso, nada deve ser adicionado que não seja proveniente de sua matéria. Portanto, está claro, como *Baco* diz, que nada que não tenha tido origem no *Mercurio* e no Enxofre pode ser suficiente para aperfeiçoar-se e transformar-se. Portanto, é necessário, para a produção da grande pedra, que seja usada uma substância metálica. Mas se alguém puder encontrá-la nos metais imperfeitos, ainda está para ser visto.

Há muitos deles a serem encontrados, que querem achar o branco no chumbo ou no estanho, e o vermelho no cobre ou no ferro, ou a *Materia Lapidis* em ambos; sem dúvida alguma foram desencaminhados pelos próprios *Philosophi*. Pois assim diz *Geber* no *Lib. Fornac.*, capítulo 9: Como de costume, a massa que deve ser fermentada extraímos dos corpos imperfeitos. E por isso damos uma regra geral: que a massa branca deve ser extraída de *Júpiter* e *Saturno*, mas a vermelha, de *Vênus*, *Saturno* e *Marte*. Assim também ensina *Basilius Valentinus*, em seu livro sobre coisas naturais e sobrenaturais, que a *Tinctura* pode ser feita da Conjunção de *Marte* com *Vênus*.

Da mesma maneira, em seu *Carro Triunfal*, ele diz: Após isso, segue-se a *Tinctura Solis et Lunae* etc., a partir do branco, e depois a *Tinctura Vitrioli* ou *Veneris*, e também a *Tinctura Martis*, ambas contendo a *Tinctura Solis*, se tiverem sido antes levadas à fixação permanente. Segue-se a *Tinctura Jovis* e *Saturni* na coagulação do *Mercurio*, e então a própria *Tinctura Mercurii*. Saibam os investigadores dos segredos naturais que o exposto não representa a opinião de *Geber* e *Basilius Valentinus* ou de outros Filósofos, do contrário se estariam contradizendo, e tal não pode ser, pois os Sábios sempre devem expressar a verdade em seus escritos, embora possam dissimular a verdade em frases ocultantes. Pois não pode existir perfeição nem nos metais imperfeitos nem entre os que estão de tal forma misturados uns aos outros que não possam mais ser melhorados. Dessas coisas não pode ser obtida a perfeição, pois, para nossa pedra, impõe-se a existência da mais pura essência do *Mercurio*, como *Clangor Buccinae*, *Avicenna*, *Lullius* e em geral todos os Filósofos dizem: Devemos escolher para nossa Obra a mais pura substância Mercurial. Porém, a mais pura substância do *Mercurio* não pode ser encontrada nos metais imperfeitos da Natu-

reza, pois são como corpos leprosos, corrompidos e tornados inativos pelo Enxofre estranho e impuro, e assim nenhum tipo de arte pode levá-los à purificação interna e perfeita, e eles nem podem suportar o fogo. E é uma qualidade necessária para nossa *Materia* que eles permaneçam constantes no fogo, o que não ocorre.

Vamos agora ouvir o que *Geber* tem a dizer em sua *Summa*, capítulo 63, sobre esta impureza dos metais imperfeitos e sobre as qualidades do perfeito Mercúrio: Nisso encontramos, através da verdadeira experimentação, uma espécie peculiar de dois segredos, a saber: o primeiro, é que existem três causas para a destruição, pelo fogo, de todos os metais imperfeitos, a primeira das quais deve-se ao fato de seu Enxofre combustível estar presente em sua parte mais interna, e é inflamado por um forte fogo, reduz toda a substância dos corpos, transforma-os em fumaça e finalmente os consome, por mais excelente que seja seu Mercúrio.

A segunda causa é que a chama externa é aumentada por eles, os atravessa, e os dissolve em fumaça, por mais densos que possam ser.

A terceira é que seus corpos podem ser abertos através da Calcinação, pois então a chama do fogo poderá atravessá-los e transformá-los em fumaça, por mais perfeitos que possam parecer. Ora, quando todas essas causas de destruição vêm juntas, então, necessariamente, os corpos serão destruídos e reduzidos a nada. Mas quando não estão juntos, a rapidez da destruição é menor. O segundo segredo está relacionado com a qualidade do Mercúrio contido nesses corpos. Pois já que no Mercúrio não há causa para destruição ou expulsão, ele não separa o composto em partes, mas permanece no fogo, em sua integral substância. Por essa razão devemos descobrir a causa de sua imperfeição. Portanto, vamos louvar e dar glória a Deus Todo-Poderoso, que criou o Mercúrio e lhe deu sua substância, e à substância deu qualidades que não podem ser encontradas nas outras coisas da Natureza, e assim nele a perfeição pode ser atingida por alguma arte, e que ali encontramos em seu mais próximo poder (*potentia propinqua*). Pois isso é que resiste ao fogo e não é dominado por ele, mas nele permanece afável e nele se rejubila.

Com estas palavras *Geber* prova que a *Materia* de nossa pedra não pode estar nos metais imperfeitos, pois eles são, em si, impuros, e se alguém quisesse purificá-los, haveria de desaparecer completamente. Mas nosso *Mercurius*, por conta de sua pureza, é constante no fogo e não pode ser por ele estragado.

Ora, já que estes metais imperfeitos não podem ser a *Materia* de nossa pedra, muito menos o podem ser quando misturados, pois não se tornarão mais puros do que antes, através da mistura. Soma-se a isso uma outra *Confusão*, que é contrária à nossa *intenção*, e somente, como mencionado acima, requer uma única *Materia*. *Haly* testemunhou claramente quanto a isso, dizendo no *Lib. Secret.*, capítulo 9: É uma pedra, e não debes misturar qualquer outra coisa a ela; com ela trabalham os Sábios, e dela jorra um poder que a tudo cura. Nada mais deve ser misturado a ela, nem por inteiro nem por partes.

E *Morienus* diz: Esta habilidade magistral provém, no início, de uma raiz, que se estende mais tarde a muitas partes e finalmente retorna à sua origem. Por que têm os *Philosophi* nos ordenado que trabalhemos com os metais imperfeitos, não podendo estes ser a *Materia* de nossa pedra? E a resposta é: Quando os *Philosophi* ordenaram a utilização dos corpos impuros, não quiseram mencionar o cobre, o ferro, o chumbo, o estanho etc., mas sim os seus *Corpus* ou suas terras; como *Arnoldus* diz no *Flore florum*: O *Mercurius* é adicionado à terra, *i.e.*, ao corpo imperfeito. E o que é mais, sua própria terra, por mais perfeita e pura que possa ser feita pela Natureza, ainda permanece impura e imperfeita *respectu lapidis Physici*.

E nisso a arte ultrapassa a Natureza, pois ela pode fazer o que a Natureza não pode alcançar. Mas, desde que esta terra, como dissemos, é imperfeita antes da perfeita purificação e regeneração, ela aparenta não poder ainda tingir-se e aperfeiçoar-se, e não contém mais do que lhe foi legado pela Natureza. Mas quando ela for regenerada, poderá adicionar muito. Porém sua impureza é obviamente perceptível em nossa obra. Primeiro ela é inteiramente negra, e pode ser comparada ao chumbo ou ao antimônio; após isso ela se torna cinzenta, e é chamada de *Jupiter*, estanho ou bismuto, e tudo isso antes que se torne branca. Após ter-se tornada branca, ela é chamada de *Marte* e *Vênus* antes que seja levada à completa vermelhidão. *Basilus Valentinus* é da mesma opinião, e procura muitas outras, como expõe no livro acima mencionado, e ele mesmo testemunha em seu tratado sobre a grande pedra, onde investiga a *Materia lapidis*, e diz: Que no *Sol* as três fixações estão unidas, e por isso resistem a todo o poder do fogo, e que *Luna*, por conta de seu Mercúrio fixo, não escapa tão rapidamente e não passa seu *Examen*. E assim ele diz, finalmente: A arqui-cortesã *Vênus* é vestida e trajada

de colorações supérfluas e o corpo de seu mestre e senhor é de pura *Tinctura* e da mesma cor que reside também nos melhores metais, e por conta dessa superfluidade é bem vermelha. E sendo seu corpo leproso, a *Tinctura* não tem permanente residência nele e deve ao mesmo tempo desaparecer com seu corpo. Pois onde o corpo for consumido pela morte, lá a alma não pode permanecer, deve escapar. Pois a residência é destruída e queimada pelo fogo, de modo que o lugar que ocupava se torna irreconhecível, e ninguém possa continuar nela residindo. Mas, alegremente e com entendimento, mora a alma num corpo formado. O sal constante tem dado ao belicoso *Marte* um corpo duro, forte e bruto, pelo qual se prova o valor de sua mente, e não se pode facilmente ferir este senhor das guerras, pois seu corpo é invulnerável. Mas se alguém disser: Já que *Vênus* tem um Enxofre constante, deve, da mesma maneira, de acordo com os ensinamentos de *Basilus*, ser unido ao *Spiritus Mercurii perfecti*, e daí surgirá uma *Tinctura*. O que já foi dito por muitas vezes, e o que tem sido exposto pelo próprio *Basilus*, deve ser considerado: Que nossa *Materia* não deve ser tirada de muitas coisas, pois que o *Universal* é somente uma coisa, e pode apenas ser encontrado e extraído de uma única coisa; e que o *Spiritus mercurii* e *Anima Sulphuris*, incluindo os sais espirituais, são unidos sob um céu e habitam um corpo. E assim ele sairá de seu erro e, sem mais consideração, voltará o pensamento para os metais perfeitos, observando os ditos de *Plato*, quart. 2: Por que calcinas e dissolves os outros corpos com grande dificuldade, já que podes encontrar neles perfeitamente o que procuras? Mas se alguma vez o quiseres usar, então será necessário que o transformes primeiramente na natureza do corpo perfeito.

Por isso, meu caro buscador dos segredos naturais, afasta-te de todas as coisas animais e vegetais, de todos os sais, alume, vitriolo, marcassita, magnésio, antimônio, de todos os metais imperfeitos e impuros, e procura, para tua pedra, no *Mercurius* e no *Sol* pelo ouro, e em *Mercurius* e *Luna* pela prata, pois esta é a essência de toda a arte, de acordo com *Arnoldus de Villa Nova, Rosar.*, parte 1, capítulo 7. Assim como o fogo, no início, é um fogo selado, diz *Riplaeus*, parte 1, assim o ouro é também o início da feitura do ouro. Se, por isso, fizeres ouro e prata por meio da arte filosófica, não tomes para tal objetivo ovos ou sangue, mas ouro e prata, que geram um novo nascimento, aumentando sua espécie, assim como o fazem todas as outras coisas quando calcinadas inteligentemente e de modo natural, mas não através do trabalho manual. Por isso *Richardus*, capítulo 10, nos avisa: Que se deve semear ouro e prata, para que, através de nosso trabalho e da intervenção da Natureza, possa dar fruto, pois eles têm isso em si mesmos e isso é o que se procura, e nada mais, em todo o mundo. E por que não se escolheriam ambos, pois, de acordo com *Richardus*, capítulo 12, eles têm um puro e perfeito *Mercurius* em si e um Enxofre vermelho e branco? Pois *Avicenna* diz que em todo o ouro há um enxofre vermelho. Mas tal enxofre não é encontrado em lugar algum da terra senão nestes dois corpos. Por isso, muito sutilmente preparamos estes dois *Corpora*, para que possamos obter o Enxofre e o Mercúrio da *Materia* que o ouro e a prata têm sob a terra. Estes são corpos luminosos, e neles há raios coloridos que tingem os outros corpos em verdadeiro vermelho e branco, de acordo com seu preparo. Como *Arnoldus, Rosar.*, lib. 1, capítulo 5, diz: Nossa habilidade de mestre auxilia os corpos perfeitos e aperfeiçoa os imperfeitos, sem a mistura de nenhuma outra coisa. Ora, assim como o ouro é o mais nobre dos metais, também a *Tinctura* da vermelhidão é a coloração e transformação de todos os *Corpus*. Mas a prata é a *Tinctura* da brancura, que colore todos os *Corpora* em verdadeiro branco.

Que o bem intencionado leitor seja informado que metais como o ouro e a prata não são a *Materia* de nossa pedra em sua forma metálica: eles são apenas o intermédio entre eles e nossa grande pedra. Por isso, ouve o que diz *Bernhardus, Conde de Trevisan*, em outra parte de seu livro: agirão bem os que ficarem calados quando não produzirem nossa *Tinctur*, mas outra, que não é a verdadeira, não é a plausível, e que para nada servirá; e que se calem os que declaram haver outro enxofre, além do nosso, oculto no seio do *Magnesio*.

E que também se calem os que querem extrair um *Argentum vivum* de qualquer coisa que não o *derment* ou Cavaleiro Rubro, e que querem extrair outra água que não a nossa, que é duradoura, que não se mistura a coisa alguma que não seja de sua própria natureza, e que não se funda nem dissolva nada que não seja de sua própria natureza metálica. Pois não há outro vinagre a não ser o nosso: nenhuma outra manipulação além da nossa; nenhuma outra *Sublimação* que não a nossa; nenhuma outra dissolução além da nossa; nenhuma outra putrefação que não a nossa; nenhuma outra *Materia* além da nossa.

Portanto, renunciem ao alume, aos sais, ao vitriolo e a todos os outros *Arramenta*, bórax, água-forte, e a todas as ervas, animais, bestas e o que for que provenha deles, cabelo, sangue, urina, semente humana, carne, ovos; e pedras minerais, e a qualquer metal. Mesmo que nossa *Materia* se tenha originado destes, deve ao mesmo tempo, de acordo com todos os Filósofos anteriormente mencionados, ser baseada em Mercúrio, que não será encontrado em nenhuma outra coisa a não ser nos metais. Como é divulgado por *Geber, et al.*

Mas ainda estes não comporão a nossa pedra, enquanto estiverem sob sua forma metálica. Pois é impossível que aquela e mesmíssima *Materia* deva ter duas formas ao mesmo tempo. Pois como poderia a pedra, que tem forma digna e mediana, estar entre o metal e o Mercúrio, se não forem destruídos antes, e sua forma metálica não tiver sido retirada deles? Por tal motivo diz *Raymundus Lullius*, no capítulo 56 de seu *Testamento*: Por isso o bom artista toma os metais como intermediários no trabalho de magistral habilidade, e especialmente toma *Sol* e *Luna*, e ele os toma porque ambos atingiram uma uniformidade moderada e grande pureza em suas substâncias sulfurosas e mercuriais, e porque são fervidos, e em tempo oportuno purificados através do trabalho da Natureza, uniformidade que o Artista lutaria em vão por alcançar, a partir do início natural, sem ter os meios efetivos.

E continua dizendo em seu *Codicil*: Sem estes dois elementos, ouro e prata, a arte não pode ser levada à perfeição, pois neles está a mais pura substância do Enxofre, que a Natureza completamente purificou. Efetuando-se esta purificação, a arte é muito menos efetiva que a Natureza; ela nunca poderia alcançá-la, por mais que tentasse.

Nossa medicina pode ser feita desses dois corpos, se forem preparados com seus Enxofres ou *Arsenicum*, jamais sem eles. E ele diz no prefácio à sua *Clavicula*: Eu vos conjuro, ó meus amigos, que não trabalhem senão com *Sol* e *Luna*, para reduzi-los novamente ao seu primitivo Mercúrio, pois, diz *Arnoldus*, *lib. 1, Rosar.*, capítulo 7, destes dois corpos os branquíssimos e vermelhíssimos enxofres serão extraídos, pois neles, na melhor qualidade, está a substância sulfurosa mais pura, limpa pela Natureza ao mais alto grau.

Assim diz *Nicarus*, na *Turba Philosophorum*: Eu aconselho aos seguidores da Arte a tomar o ouro que quiserem aumentar ou renovar e, então, dividir a água em duas partes, e tomar uma parte de tal maneira que o ouro esteja nela concentrado. Pois o metal, quando cai nesta água, será chamado de *Fermento* do ouro. Mas, por que o Filósofo, aqui, chama a água de seu ouro, quando diz: Quando o metal cai nesta água será o *Fermento* do ouro? Saibam os meus seguidores, buscadores da arte: Que o ouro do Filósofo não é o ouro comum. *Senior* diz, e está escrito no primeiro exercício da *Turba*: Como o *Mercurius* é a origem de todos os metais, assim também o sol é o início e o fim de todos os metais; e todos os metais, sejam eles puros ou impuros, contêm em seu mais íntimo: *Sol*, *Luna* e *Mercurius*. E é um sol verdadeiro o que é extraído dele.

E por isso tu entendes que o ouro dos *Filósofos*, apesar de ser extraído deles, é de todo diferente do sol ou do ouro comuns. Assim também diz a *Aurora consurgens*, capítulo 16. Do exposto, fica evidenciado que o ouro filosófico não é o ouro comum, nem em cor nem em substância. Por essa razão diz-se que traz alegria ao coração do homem, e o mesmo é verdade quanto à prata. Mas o que é extraído dela é uma *Tinctura* branca e vermelha, verdadeira, constante e viva. Mas o ouro filosófico não se deve comprar a baixo preço, como *Alphidius* afirma. E *Morienes* diz: Tudo que é comprado caro é fraudulento. Pois, com uma quantidade bem pequena dessa coisa e com um pouco de ouro podemos comprar muitas coisas. Acrescente-se a isso que nosso ouro é ouro vivo e nossa prata é prata viva, os quais nada podem produzir a não ser vida e multiplicação. O ouro e a prata comuns são mortos, e nada podem produzir além do que lhes é dado pela Natureza, até que lhes seja devolvida a vida por um artista habilidoso; então eles viverão também e poderão mostrar-se muito eficientes no aumento e na propagação de sua espécie. Em relação à morte dos metais comuns e à vida de nossos metais, o esplêndido e ainda vivo *Philosophus Michael Sendivogius*, no décimo primeiro *Tractate* de seu livro sobre a Pedra dos Filósofos, assim fala: Deves ser advertido para que não tomes de ouro e prata comuns, pois eles estão mortos; toma dos nossos, que são vivos. E então, coloca-os em nosso fogo e uma umidade seca deles virá. Primeiramente dissolve a terra na água, chamada de *Mercurius* pelos Filósofos, e a água dissolverá estes *Corpora Solis et Lunae*, de modo que apenas a décima parte permaneça com uma parte, e esta é a umidade profundamente enraizada dos metais.

Em se comentando mais sobre o ouro dos Filósofos, é sabido que desde os mais remotos tempos os *Philosophi* chamam sua água de ouro, e de vez em quando também a sua terra. Sobre o primeiro *Modo*, o *Philosophus Nicarus* já falou, e o *Rosarius Philosophorum* o sustenta nas seguintes palavras: Mas, que dizeis vós sobre isso, que os *Philosophi* dizem: Nosso ouro não é ouro comum, e nossa prata não é prata comum? A isso replico que eles chamam a água de seu ouro, que se eleva às alturas por meio da força do fogo; e esse ouro não é verdadeiramente ouro comum. Pois o homem comum não acreditaria que ela possa elevar-se por causa de sua constância.

Mas, que os *Philosophi* também chamavam sua terra de ouro é; da mesma maneira, atestado por *Rosarius*, que diz: Nota que o minério é o ouro do Filósofo. Esta terra se transforma em minério, e é chamada de *Fermento* e *Tinctura*. Por isso diz o autor que escre-

veu *Clangor Buccinae*, no capítulo sobre a *Solução* (como também *Hermes* afirma): Semeia teu ouro na terra branca e levedada, que é feita ferosa, sutil e arejada através da *Calcinação*, *i.e.*, Semeia ouro, que é a alma e o poder de tingimento, na terra branca, tornada branca e pura através da devida preparação, e na qual não há sujeira.

Disso se conclui que o ouro da Natureza não é a *Materia fermenti*, mas o Fermento tingidor é o ouro dos *Filósofos*. E assim está escrito na *Scala Philosophorum*, *gradu 7*: Sua terra na qual o ouro é semeado é branca, e sua alma é ouro, e o próprio *Corpus* é o lugar da sabedoria, que ele reúne, e é a morada da *Tinctura*.

E mais adiante, diz o autor: Por esta razão, *Hércules* diz: Despeja-o novamente, *i.e.*, dissolve o corpo do Magnésio, que se tornou branco e semelhante às folhas da framboesa. Pois esse corpo procura refúgio no melhor, e o ouro extraído dele é chamado ouro dos Filósofos, e é uma *Tinctura*, sendo, portanto, uma alma. Pois com a água o espírito se eleva nos ares, e a este branco *Corpus*, quando o ouro se tornou branco, eles chamaram nosso ouro após nossa negrura. Por isso *Senior* diz: Mistura ouro com ouro, *i.e.*, água com cinzas. E *Hermes*: Semeia o ouro na terra levedada. Por isso os *Philosophi* declaram que nosso ouro não é ouro comum.

A esta opinião alguém poderia replicar e perguntar: Por que os filósofos de quando em quando dão a seu ouro a denominação de água, e outras vezes, de terra? Não parece uma contradição, como se não estivessem de acordo sobre este assunto? Por que confundem essas coisas? Ou querem eles, por acaso, desnortear seus seguidores? A resposta a isso é que todos os filósofos, onde semearam a verdade, procuraram abrigá-la em ditos ocultos, por isso, não se contradizem, como poderíamos pensar, mas concordam maravilhosamente uns com os outros, como se falassem por uma só boca. Eles não criam nenhuma confusão, e não procuram desnortear o seguidor que tenha mérito, mas eles lhe põem diante dos olhos, verdadeira e claramente, em linguagem figurativa, todos os segredos, mas os ocultam e obscurecem perante o indigno e o ateu, e isso num grau tanto maior quanto o dá mercê que o Altíssimo lhes fez, para que nobres pérolas não sejam atiradas aos porcos, que somente seguem os desejos de seus corpos; e assim o Sagrado Santuário não será profanado. Portanto, a respeito da presente questão, a Obra se prova por si mesma.

Pois o seguidor de nossa arte, de forte e bom coração é muitas vezes suficientemente instruído, não apenas sobre onde a nossa *Materia* pode ser obtida, mas também sobre o fato de uma única *Materia*, através da habilidade do artista, dissolver-se em duas coisas, a saber, em água e terra, ou *Mercurium* e *Sulphur*. Ora, se os *Philosophi* chamam a água de "ouro", ou a terra de "ouro", não erram, pois a opção por um ou outro termo depende de sua livre e espontânea vontade, desde que também chamam sua pedra de ouro, um perfeitíssimo ouro, um ouro regenerado, e muitos outros nomes desse tipo. Mas nem todos podem entender seus significados, o que deve ser atribuído antes à ignorância do que à má-vontade dos Filósofos, em seus escritos.

E agora o seguidor que busca a arte está suficiente e completamente informado dos excelentes segredos da *Materia* de nossa grande pedra, e de que ela não pode ser retirada de nenhuma espécie de vegetal ou de animal, de nenhuma espécie de mineral, e de nenhum metal imperfeito, mas deve ser extraída do ouro e da prata, e que nosso ouro e nossa prata não são ouro e prata comuns, mortais, porém aqueles dos Filósofos, que são ouro e prata vivos.

Agora, tudo o que resta ser feito é ser instruído sobre a *Solução*, o maior segredo de toda a Obra.

Ora, quanto à *Solução*, ela ocorre imediatamente se alguém transformar algo seco em úmido, tornar macio algo que seja duro, e revelar algo oculto, *i.e.*, quando se transforma uma coisa dura em água, mas não em água comum, como *Parmenides* e *Agadmoe*, os Filósofos, ensinam na *Turba Philosophorum*, onde dizem: Há aqueles que, quando ouvem sobre a dissolução dos corpos, acreditam que seja uma água das nuvens. Mas se tivessem lido e entendido nossos livros, saberiam que nossa água é permanente, especialmente na água dos Filósofos, isto é, na primeira *Materia*, como diz *Arnoldus* no *Rosarium* 1, capítulo 9. O trabalho dos Filósofos consiste em que dissolvam sua pedra no *Mercurium*, isto é, que o levem novamente à sua primeira *Materia*.

E *Avicenna* diz: Se trabalhares, então será necessário que primeiramente inicies com a dissolução e a *Sublimação* das duas luzes, especialmente porque este é o primeiro passo do trabalho, e o Mercúrio é disso proveniente. Por isso *Arnoldus*, *lib. 2*, capítulos 1 e 2, escreveu: A *Solução* é uma separação de corpos, e uma preparação da *Materia*, ou natureza.

E *Richardus Anglicus*: O início de nosso trabalho é dissolver a pedra em sua primeira *Materia* e a fusão do corpo e espírito, para que surja uma água mercurial. Mas, como a *Solução* é a primeira e mais necessária parte de nosso trabalho, é também a parte mais difícil dele. *Eubaldus Vogelius* não o testemunha mal quando diz: Somente os que trabalham nele sabem como é difícil o trabalho do preparo da *Solução*.

E *Bernhardus, Conde de Trevisan*, consigna em sua carta à *Thomas de Bononiae*: Quem conhece a arte e a ciência da dissolução alcançou o segredo da arte, que é misturar as formas e extrair as naturezas das naturezas, que estão efetivamente ocultas nelas. E novamente esta *Solução* não deve ocorrer com águas cáusticas, pois todas as águas cáusticas perturbam e destroem o *Corpus* que ele deve dissolver e aperfeiçoar. E além disso, como já tem sido dito, nenhuma dissolução na água que molha as mãos é requerida, mas, ao contrário, uma água seca, *i.e.*, a primeira *Materia*, que não é somente chamada de *Mercurius*, mas também *Sulphur*.

Em relação a isso, *Zeumon* também fala, na *Turba*: Trabalhas em vão, a não ser que moas os *Corpora*, os quebre, os dissolva e os governe industriosamente, até que extraias sua gordura e faças dela um incompreensível espírito.

E assim replicou *Richardus Anglicus* ao conselho de *Avicenna*: Os *Philosophi* estudaram percucientemente a forma pela qual deveriam extrair o Enxofre dos corpos perfeitos, e como poderiam eles melhor purificar suas qualidades através de sua arte, para que algo possa ser produzido com a ajuda da Natureza, algo que ninguém viu até agora neles, e dizem que isso não pode ser feito sem a dissolução dos corpos, e seu retorno à *Materia* original jamais poderia ocorrer, o que nada mais é do que o Mercúrio, do qual foram feitos, e é somente este Mercúrio, sem mistura nem adição de qualquer substância estranha. Pois nossos *Corpora* não são dissolvidos por quaisquer águas, exceto pela de seu próprio tipo, que pode ser engrossada pelos corpos, como diz *Bernhardus* em sua epístola a *Thomas de Bononiae*. E um pouco antes, na mesma epístola, diz ele: a dissolução requer uma permanência conjunta, ou seja, do dissolvente e do dissolvido, para que de ambas as sementes do macho e da fêmea possam surgir sob uma nova forma. Eu te afirmo que na verdade nenhuma água dissolve a forma metálica por meio da *Redução* natural, exceto esta que permanece com ela na *Materia* e na *Forma*, e que pode novamente coagular os metais dissolvidos.

E *Morfoleus* diz, na *Turba*: Todo *Corpus* será dissolvido pelo espírito que com ele é misturado, e se tornará, sem dúvida, espiritualmente unido a ele, e cada espírito será modificado e os corpos lhe darão cor, com cujo espírito uma cor tingente e firme ao fogo é misturada.

Ora, se isso tudo é verdade, então o *Discipulus*, investigando a arte, tem apenas que refletir diligentemente sobre que tipo de água se trata, já que ele tem que se empenhar no conhecimento do *Menstruum*, cujas coisas são um todo, e sem o qual nada pode ser alcançado na maestria dessa arte, como diz *Raymundus* no *Compendio animae*. Pois não há nada no mundo a não ser nosso *Menstruum*, diz ele em seu *Codicillo*, que possa juntar a dissolução dos metais; pois trata-se de uma água tal que os metais, mantendo sua forma, podem ser dissolvidos com ela.

Mas, sendo este o grande segredo que os *Philosophi* mantiveram oculto ao máximo em seus escritos, e também proibiram que o mesmo fosse revelado, eu os devo orientar (na medida que me for permitido assim agir) no caminho certo, com dois *dicta* filosóficos. O primeiro é encontrado no livro *Rosarii abbreviati*, nas seguintes palavras: a primeira preparação e o *Fundamento* da arte é a dissolução, isto é, a restauração do corpo na água, *i.e.*, Mercúrio. E chamaram a isso de dissolução quando disseram: O ouro, que está oculto no corpo do *Magnésio*, está sendo dissolvido, para que possa ser reconduzido a sua primeira *Materia*, a fim de que se torne nela Enxofre e Mercúrio, e não seja novamente transformado em água, pois nossa *Solução* não é outra senão o corpo novamente umidificado e novamente dissolvido na natureza do Mercúrio. E o conteúdo salino de seu Enxofre é reduzido, do qual o santo Enxofre é extraído de dois Enxofres quando o espírito encontra o corpo.

O outro *dictum* pode ser encontrado no prefácio de *Ripley* ao seu livro *Os Doze Portais*: Eu os instruirei, em verdade, para que possam entender que há três *Mercurii*, que são as chaves do conhecimento, e que *Raymundus* chamou de *Menstruum*, e sem o qual nada pode ser feito acertadamente. Mas dois deles de novo diferem, e não são a própria natureza dos corpos. Porém o terceiro é o essencial *Mercurius* do *Sol* e de *Luna*, a qualidade do qual eu lhes devo explicar. Pois o *Mercurius*, essencial nos outros metais, é a principal *Materia* de nossa pedra. No *Sol* e na *Luna* estão nossos *Menstrua*, que apenas seus efeitos podem ser vistos por nossos olhos.

Esta é nossa pedra, quando alguém acertadamente entende nossos escritos. Ela é a alma e a radiante substância do *Sol* e da *Luna*, e as sutilíssimas *Influentia* pela qual a terra recebe sua luz. Pois o que mais são o ouro e a prata, diz *Avicenna*, do que a terra alva e vermelha? Tira a luz mencionada de sobre eles e se transformarão em terra de muito pequeno valor. Quando tudo é conjuntamente composto, nós a chamamos chumbo. A própria existência da qualidade da luz é originada do *Sol* e da *Luna*: e estes são a *Summa* de nossa *Menstrua*.

Nós calcinamos os perfeitos *Corpora* com o primeiro, de acordo com a Natureza: mas nenhum *Corpus* impuro será adicionado a eles, exceto aquele comumente chamado pelos Filósofos de "Leão Verde", que é o meio pelo qual se juntam as *Tincturae* entre o *Sol* e a *Luna*, com perfeição.

Com o outro, que é uma unidade *vegetal*, que traz vida ao que antes estava morto, tanto os elementos materiais como os formais devem ser dissolvidos, pois de outra maneira serão de pouco valor.

Com o terceiro, a árvore *Hermetis* deve ser reduzida a cinzas com uma umidade certamente duradoura, incombustível e gordurosa em sua natureza. Este é o nosso mais seguro fogo, nosso *Mercurius*, Enxofre, nossa pura *Tinctura*, nossa alma, nossa pedra, elevada pelo vento, nascida na terra. Guarda isto bem em teu coração.

Isso eu te posso dizer: Que essa pedra é um vapor potencial do Enxofre, mas debes ser cuidadoso sobre como obtê-lo. Pois este *Menstruum* é de fato invisível, embora possa ainda tomar a forma e a aparência de água límpida, pela ajuda da outra água filosófica, quando os elementos estão separados.

E por meio de trabalho muito árduo e persistente com esse *Menstruum*, a *Sulphur Naturae* pode ser feita, quando tiver sido intensificada de modo natural e tiver sido calcinada em puro espírito. Então poderás dissolver com ela tua Base, ou Massa.

Estas são as palavras dos Filósofos, nas quais todo o segredo da *Solução* é revelado. Agora, se te quiseres agarrar às potencialidades da Natureza, e sobre elas ponderar, para que possas executar todas as obras que a Natureza executa, então debes lembrar-te e desenvolver como a uma bola de cordão o que haverás de encontrar nela de verdade, de modo que fique clara e profundamente exposta. Mas se falhares em notar nela onde estão as portas fechadas, então não conhecerás nem a *Materia* nem o poder da Natureza, e para isso não necessitarás de nenhum óculo nem de um imaginário *putabam*, mas de uma oração muito fervorosa; e estudo assíduo, somado à contemplação das possibilidades da Natureza, deverá levar-te adiante.

Eu tenho conseguido conhecimento somente pela revelação do Alto e Grande Deus, do estudo assíduo e da repetida leitura de bons livros; não digo explicitamente ter aprendido sobre a *Materia* pela leitura dos livros, a qual somente poderia conhecer através da divina revelação; mas o que aprendi dos livros confirmou e estava de acordo com o que me foi revelado, e também sobre a *Solução*, a qual, entre todos os Filósofos, é apenas uma, e sem a qual nem os velhos nem os novos Filósofos podem alcançar qualquer coisa. Por isso ela também é chamada de *Secretum artis* e *Arcanum Philosophorum, quod nemo nisi Deus revelare debet*, incluindo todo o trabalho, e por isso eu agradeço ao Criador de todas as coisas, dando a Ele louvor, honra e glória, agora e sempre. Amem.

[59]



Mas a ti, caro leitor, não devo dar motivo para reclamares de mim, e por isso te revelarei, através do amor de Deus, ainda outro segredo. E tu debes saber que esta *Solução*, apesar de uma só, é dividida em um *secundum prius et posterius*, como dizem nas escolas.

O primeiro é a dissolução da qual *Arnoldus* fala, ou a decomposição em sua primeira *Materia*, mas a outra é a completa dissolução do corpo e do espírito ao mesmo tempo, pois o dissolvente e o dissolvido sempre permanecem juntos, e juntamente com esta dissolução do corpo ocorre a *Coagulatio* do Espírito. Aqui poderás ver bem clara e plenamente, com teus próprios olhos, tudo o que desejas ver e saber: e é fácil como o trabalho da mulher e o jogo da criança, pois se encontra tão pouca dificuldade nisso, que não há,

assim, necessidade de nos estendermos mais; pois quem conhece o início também sabe como, com a bênção de Deus, chegar ao fim, o qual, por assim dizer, configura toda a glória, toda a eterna glória de Deus, que contemplamos em nossos corpos transfigurados. Por isso, dispensamos todos os prazeres mundanos e nos empenhamos apenas nas delícias eternas, infinitas e inefáveis, as quais, tão lindas, deveremos ver com nossos próprios olhos.

Com isso devo agora terminar este breve *tratado*, e colocar claramente perante teus olhos, na parábola que se segue, o que te é ainda necessário conhecer, sem falta ou erro. E nesta parábola tu encontrarás a inteira *Practica*, e se a seguirees diligentemente, chegarás ao destino final e ao verdadeiro conhecimento. Para esta finalidade tu e todos nós esperamos ser auxiliados e preservados do mau desejo, pelo Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, a quem seja o maior louvor para todo o sempre. Amém.

AQUI SEGUE A PARÁBOLA NA QUAL TODA A ARTE ESTÁ CONTIDA

Há uma coisa, uma em número e em essência,
Que a Natureza, pela arte, ajuda a transformar-se
Em dois, em três, quatro, cinco, à medida que o lemos.
Mercúrio e Enxofre a alimentam,
Espírito, Alma e Corpo, e quatro Elementos.
A Pedra Filosofal é a quinta, que eles produzem.
Sem fraude deverás contar a tua *Materia*,
Uma dupla substância *mercurial*,
Livre do Enxofre estranho, deverás escolher o puro
E dissolvê-lo a partir da base, integralmente.
Compô-los novamente em seus verdadeiros pesos,
E eles te guiarão à verdade.
De acordo com a *Solução*, tu deves logo *sublimar*,
Calcinar e diligentemente *destilar*,
Coagular, e então colocar o mesmo, seguramente,
Em um vaso, e iniciar o tingimento,
E então terás feito uma medicina
Que cura homens e metais — como quiseres.

Certa vez, passeava eu num bosque lindo, muito verde, e, meditando sobre as dificuldades desta vida, deplorei a queda de nossos primeiros pais, causa, em última análise, de tantas misérias e vilezas tantas de que está cheio o mundo em que vivemos. Assim pensando, deixei a vereda comum e cheguei, não sei como, a uma estreita senda, muito áspera, pouco usada, e dura de pisar, na qual cresciam muitas moitas e árvores, e foi fácil reconhecer que este caminho era desconhecido dos viandantes. Então, atemorizado, desejei retornar, mas isso não estava em meu poder, especialmente por que forte vento soprava poderosamente atrás de mim, e assim tive que dar dez passos adiante para cada passo de retorno.

Por isso, tive que continuar no caminho, a despeito de sua aspereza.

Após ter andado por algum tempo, cheguei a um lindo prado, cercado de belas árvores frutíferas, em forma de círculo. Este prado era chamado por seus habitantes de *Bratum felicitatis*. Lá encontrei um grupo de velhos de barbas brancas como a neve, e um homem mais jovem, de barba negra, em ponta; mais adiante vi um outro, cujo nome eu conhecia, que era ainda mais jovem, porém não podia reconhecer seu rosto. Estavam numa grande disputa sobre todos os tipos de coisas, especialmente sobre um grande segredo que estava escondido na Natureza e que Deus mantinha oculto do grande mundo, revelando-o apenas àqueles poucos que O amavam.

Escutei-os por muito tempo, e apreciava seus discursos, mas alguns deles pareciam divagar absurdamente, não necessariamente sobre a *Materia* ou a obra em questão, mas sobre as *Parabolas*, *Similitudes*, e outros *Parergons*. Nisso eles seguiam *Aristóteles*, *Plínio* e outros *Figmenta*, cada qual deles tendo copiado do outro. Então não pude mais me conter, e coloquei minha própria palavra na discussão, refutando muitas coisas fúteis por meio de meus Experimentos. Muitos me deram ouvidos, examinando-me em sua *Faculdade*, propondo-me alguns testes realmente difíceis. Porém meus fundamentos eram tão bons que os atravessei com todas as honras. Eles se espantaram muito com isso, e unanimemente me receberam em seu *Collegium*, fato que me encheu de felicidade o coração.

Mas eles disseram que eu não poderia ser um verdadeiro *Collega* enquanto não conhecesse intimamente o leão que possuíam e soubesse o que ele poderia fazer tanto interna como externamente.

Por isso, deveria dedicar-me diligentemente a torná-lo submisso a mim. Estava eu bastante seguro de mim, e prometi a eles que faria o melhor que pudesse, pois a companhia me era tão agradável, que não me separaria deles por dinheiro nenhum.

Eles me levaram ao leão, fazendo dele cuidadosa descrição. Mas o que eu deveria fazer com a fera no início ninguém me dizia. Alguns fizeram insinuações a respeito, mas tão confusamente que não havia quem os pudesse entender, e após ter eu amarrado o leão e me assegurado de que suas afiadas garras e aguçados dentes não me poderiam ferir, eles nada mais me ocultaram. O leão era velho, mas grande e feroz, e sua juba amarela espalhava-se-lhe sobre a nuca, e parecia incontestável; eu estava aterrorizado, e prazerosamente teria retornado, não fosse o acordo que com eles fizera. Os velhos estavam todos à minha volta, para ver como eu iniciaria, o que também me fez ficar. Confiantemente, aproximei-me do leão, em sua caverna, e comecei a adúlá-lo, mas ele me fitou tão intensamente com seus olhos fulgurantes que, de medo, quase urinei. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que, a caminho da caverna do leão, um velho declarou que muitas pessoas haviam tentado conquistar o leão, mas muito poucas o conseguiram. Eu não queria que uma desgraça me sucedesse, e me lembrei de muitos recursos que aprendi com muita diligência nos jogos físicos, e além disso eu era versado em *Magia* natural. Assim é que, deixando de lado a bajulação, ataquei o leão tão rápida, hábil e subitamente que espremi o sangue de seu corpo, até mesmo de seu coração; era intensamente vermelho, mas muito colérico, e isto fiz mesmo antes que o leão pudesse percebê-lo. E examinei mais a sua anatomia, constatando muitas coisas que me espantaram, especialmente seus ossos, que eram brancos como a neve, e havia mais ossos do que sangue.

Quando meus queridos velhos, de pé em torno da caverna e observando-me, perceberam o que havia feito, começaram a disputar veementemente uns com os outros, mas eu não podia ouvir o que diziam, pois ainda estava muito no fundo da caverna, conseguindo apenas perceber-lhes os gestos. Mas quando começaram a murmurar duras palavras uns contra os outros, ouvi um que dizia: Ele deve reviver o leão novamente, ou não poderá ser nosso *Collega*. Eu não tinha a menor intenção de criar dificuldades. Assim, retirei-me da caverna, atravessei uma grande clareira e cheguei, não sei como, a um grande muro, a altura do qual era de mais de 100 braças, mas não tinha de largura mais de quatro dedos, se tanto. Na parte superior dessa parede corria, de uma ponta a outra, um balaústre de ferro de largura não muito grande, bem preso por muitos suportes. Eu caminhava no topo desse muro e parecia que alguém estava andando alguns passos adiante de mim, ambos no lado direito do balaústre.

Após haver seguido esta pessoa por algum tempo, notei que alguém me acompanhava pelo lado esquerdo do balaústre, não sei se homem ou mulher, e esta pessoa me aconselhava a passar para o lado que ela utilizava, por muito melhor para mim. Aceitei de pronto o conselho, pois o balaústre tornava muito estreito o lado que eu utilizava, e era difícil andar em tal altura. Vi então várias pessoas atrás de mim, todas desejando utilizar esse caminho. Continuei, pelo outro lado, até chegar finalmente a um lugar onde era perigoso descer. Então, arrependi-me de não ter permanecido no lado onde antes me encontrava, pois já não me era mais possível voltar a trilhá-lo. Por isso, tentei ir adiante, dei fé aos meus bons pés, segurei firmemente, e desci sem ferir-me. E quando prossegui, esqueci de todo o perigo e também não sabia mais o que acontecera ao muro e ao parapeito.

Mas, após haver descido, vi uma linda roseira, na qual cresciam bonitas rosas brancas e vermelhas, porém mais rosas vermelhas do que brancas, algumas das quais tomei e as coloquei em meu chapéu. Então verifiquei que havia um muro circundando um grande jardim, e no jardim estavam jovens, onde as raparigas gostariam de estar, mas elas não queriam fazer o esforço de contorná-lo para chegar à sua porta. Eu tive pena delas e voltei pelo caminho de onde havia vindo, o qual, desta vez, era mais suave, e andei tão rapidamente que logo cheguei a várias casas, onde pensei encontrar a casa do jardineiro. Lá deparei muitas pessoas, cada qual tendo seu próprio quarto, e duas estavam trabalhando juntas, lenta e diligentemente. Mas cada qual tinha seu próprio trabalho. Admiti que eu mesmo já havia feito o trabalho que ambas estavam fazendo, e pensei: Vejam, se tantas pessoas fazem esse sujo trabalho somente por sua aparência e de acordo com sua própria noção, sem nenhum *Fundamento* na Natureza, então tu serás perdoado. Por isso não quis permanecer por mais tempo, porque sabia que tal arte desapareceria em fumaça, e retomei o caminho pretendido.

Como agora andava em direção à entrada do jardim, algumas pessoas me fitavam amargamente, estando por isso atemorizado de que me impedissem em meu *Propósito*. Mas outros diziam: Vejam, ele quer entrar no jardim, e nós que por tanto tempo fizemos serviços para o jardim, nunca nele entramos. Vamos zombar dele, se ele falhar. Mas eu não lhes dei atenção, pois conhecia melhor do que eles a situação do jardim, apesar de nunca haver estado nele antes, e me dirigi a uma porta fortemente trancada, na qual ninguém poderia

encontrar sequer um buraco de chave do lado de fora. Porém, notei um pequeno orifício nesta porta, que não se podia ver com olhos do corpo, e logo senti que através dele poderia abrir a porta. Tomei de minha chave-mestra, preparada para esta ocasião, abri a porta e entrei. Após haver entrado, encontrei mais algumas portas trancadas, mas a todas abri sem maiores dificuldades. Mas isso era apenas uma passagem, como se estivesse numa casa bem construída, com cerca de seis pés de largura e vinte de comprimento. Porém, antes mesmo de abrir as demais portas, já via através delas boa parte do jardim.

Em nome de Deus, continuei minha caminhada no jardim e encontrei no meio dele uma pequena área, de formato retangular, medindo seis varas o seu lado mais extenso, coberta de roseiras silvestres, e as rosas nela floresciam lindamente. E tendo chovido um pouco e o Sol então brilhava, havia um belo arco-íris. Quando deixei o pequeno jardim e cheguei ao lugar onde devia assistir às raparigas, notei que em vez de muros havia uma cerca baixa, e uma jovem muito linda, vestida de cetim branco, com um jovem esplêndido, passou pelo jardim de rosas, um levando o outro pelo braço e com as mãos cheias de rosas fragrantíssimas. Falei a eles e lhes perguntei: Como conseguiram ultrapassar a cerca? Ela disse: Meu querido noivo ajudou-me a passá-la, e estamos agora saindo deste lindo jardim para nosso quarto, para desfrutarmos nossa amizade. Eu disse: Alegro-me em saber que poderás satisfazer teus desejos sem nenhum outro esforço de minha parte. Mas vede, como percorri tão longo caminho em tempo tão curto, apenas para servi-los. Após isso, cheguei a um grande moinho, construído entre pedras. Nele não havia caixas para farinha nem as demais coisas necessárias à moagem, nem mesmo as rodas d'água se movendo. Perguntei como tudo isso podia acontecer, e o velho moleiro respondeu-me que toda a maquinaria estava trancada no outro lado do moinho. Ao ver o servo do moleiro entrar por uma passagem coberta, segui-o. Mas quando eu percorria a passagem e contemplei, à esquerda, as rodas d'água, parei surpreso, maravilhando-me enormemente diante do que via. Pois agora as rodas estavam acima da passagem, a água ganhara uma cor escura como carvão, e as gotas dela eram brancas, e a passagem não tinha mais que três dedos de largura. Apesar disso, arrisquei-me a retornar, segurando-me nas vigas que estavam sobre a passagem, e atravessei a água sem me molhar. Então, perguntei ao velho moleiro quantas rodas d'água ele tinha. Dez, respondeu-me. Eu não podia esquecer esta aventura e gostaria de saber seu significado. Quando vi que o moleiro não me queria revelar nada, parti; e havia na frente do moinho uma alta colina pavimentada, e em seu topo estavam alguns dos velhos que já mencionei, andando ao calor do sol, e seguravam uma carta em suas mãos, escrita por toda a *Faculdade* e endereçada a eles, sobre a qual estavam se aconselhando. Percebi logo o que ela podia conter e que me poderia dizer respeito, por isso cheguei-me a eles e disse: Senhores, a carta fala sobre mim? Sim, responderam. Terás que manter a esposa com quem casaste há pouco tempo, ou teremos que dar disso notícia ao Príncipe. Eu respondi: Isso será muito fácil, pois fui, por assim dizer, quase nascido com ela e criado junto a ela desde minha infância, e por tê-la uma vez tomado, devo para sempre mantê-la, e mesmo a própria morte não nos separará jamais, pois eu a amo de todo o coração. Eles replicaram: O que então temos nós a reclamar? A noiva também está feliz, e sabemos o que ela quer: deveis vos unir. Terei satisfação nisso, respondi. Bem, disse um deles, então o leão também voltará à vida e será mais forte e mais poderoso que antes.

Lembrei-me então do esforço e trabalho que havia feito e, por alguma estranha razão, pensei que tudo isso não me dissesse respeito, mas a alguém que eu bem conhecia. Assim pensando, vi o noivo com sua noiva, vestidos como acima mencionei, afastando-se, prontos e preparados para serem unidos, o que muito me agradou. Pois estive em grande temor de que estas coisas me pudessem dizer respeito.

Quando, como dito, o noivo, em suas roupas de brilhante escarlata, foi à presença dos velhos com sua amada noiva, cujo alvo vestido de cetim rebrilhava luminosamente, foram logo unidos, e me surpreendi muito que esta jovem, que podia mesmo ser a mãe do noivo, fosse ao mesmo tempo tão jovem que parecia haver nascido recentemente.

Porém, não sei em que estes dois haviam pecado; admiti que eles, sendo irmão e irmã, e unidos de tal modo que não mais podiam ser separados, tivessem sido acusados de incesto. Em vez de um leito nupcial e de verdadeiro casamento, eles foram condenados e trancados em forte e perpétuo cárcere, para se arrependerem e pagarem por seus mal-feitos com terrores eternos. Mas, por causa de sua nobre origem e classe, e para que nada mais pudessem fazer secretamente, e para que sempre estivessem à vista do carcereiro a quem foi ordenado tomasse conta deles, sua prisão era transparente, cristalina, e formada por uma cúpula celeste. Mas, antes disso, todas as roupas e ornamentos lhes foram retirados, para que vivessem nus em sua habitação. E ninguém foi designado para servi-los. Mas a comida e bebida que eram tiradas da água que acima mencionei, que lhes eram necessárias, foram colocadas na prisão. A porta de seu quarto estava bem trancada, selada com o selo da *Faculdade*, e a mim foi ordenado que o guardasse. Como o inverno não tardaria a chegar, a medida tinha também o objetivo de aquecer a cela em que foram colocados, para que não sentissem frio. Mas, se algum dano ocorresse sob o dito *Mandatum*, a mim, certamente, seria apli-

cada severa punição. Eu não me sentia bem com isso e meu temor e receio me puseram tonto. Pus-me a pensar na enormidade da tarefa que me ordenaram executar, mas eu sabia que o *Collegium sapientiae* não era dado a mentiras e sempre fazia o que dizia, e certamente preparava suas tarefas com cuidado. Entretanto, eu não podia alterar a tarefa, e, além disso, o quarto trancado ficava no centro de uma forte torre, circundada por altos muros e gigantescas fortificações, e já que se podia aquecer o quarto com um fogo constante e moderado, empreendi o meu trabalho e em Nome de Deus comecei a aquecer o quarto para proteger do frio o casal aprisionado. Mas, o que aconteceu? Tão logo notaram o mais leve calor, eles se abraçaram tão ardorosamente como jamais se verá novamente. E permaneceram em tal ardor que o coração do jovem noivo desapareceu em fervente amor, e seu corpo inteiro se derreteu nos braços de sua amada. Então, ela, que o amava não menos do que ele a amara, diante do que aconteceu, derramou muitas lágrimas por ele e o enterrou, por assim dizer, com elas, embora não se pudesse ver, por causa das lágrimas, o que havia sucedido a ele. Mas suas lágrimas e seu clamor perduraram apenas por pouco tempo, e por sua dor ser tanta, ela não mais queria viver, e foi voluntariamente ao encontro da morte. Ah! desgraça sobre mim! Eu estava em temor, angústia e sofrimento, porque os dois a quem estive incumbido de guardar estavam aparentemente dissolvidos por completo em água, e eu os vi deitados perante mim como mortos. A certeza do fracasso me confrontou, e o que parecia o pior, o que mais receava, era o escárnio e o ridículo, tanto quanto os riscos que eu haveria de encontrar.

Permaneci alguns dias em cuidadoso pensamento, considerando como poderia melhorar minha situação, quando me lembrei como *Medéia* trouxe o corpo de *Aeson* novamente à vida. E pensei para mim mesmo: Se *Medéia* conseguiu, por que não seria eu, também, capaz de fazê-lo? Comecei a pensar sobre como proceder, mas não encontrei nenhum modo melhor do que manter um calor apropriado até que a água se recolhesse e eu pudesse ver os corpos sem vida dos dois amantes. Alimentando forte esperança de escapar ao perigo com ganho e louvor, continuei por quarenta dias o calor que iniciara, e reparei que quanto mais tempo eu o fazia, mais a água desaparecia. E eu já podia ver os corpos, negros como carvão. Isso teria acontecido antes, se o quarto não estivesse trancado e selado tão rigorosamente; mas eu não tinha permissão para nele entrar de modo algum. Então notei que a água se elevava muito contra o vapor, juntava-se no teto do quarto, e caía novamente ao chão como se fosse chuva; e nada podia escapar, já que nosso noivo e sua amada estavam deitados perante meus olhos, mortos e decompostos, com mau-cheiro insuportável. Entretanto, reparei no quarto um arco-íris nas mais lindas cores, causado pelo sol no ar úmido, o que bastante me alegrou em meus desgostos, e fiquei feliz ao ver os dois amantes deitados novamente diante de mim. Mas nenhuma alegria é tão grande que não haja nela tristeza; e por isso havia aflição em minha alegria, pois estava vendo aqueles que devia guardar deitados, junto a mim, sem que se pudesse perceber neles nenhuma vida. Mas como o seu quarto era feito de tal *Materia* pura e firme e fechado tão fortemente, eu sabia que a alma e o espírito não podiam dele escapar, e ainda estavam enclausurados.

Mantive constante o calor dia e noite, executando a tarefa que me fora ordenada, imaginando que o espírito e a alma não retornariam aos corpos pelo tempo que a umidade se mantivesse. Pois eles gostam de habitar na natureza úmida. E, de fato, percebi que isso era verdadeiro. Pois verifiquei em muitas observações dolorosas que os vapores se elevam da terra perto do crepúsculo, por meio da força do sol, e se elevam tão alto que parece que o sol atraí a água. Mas durante a noite eles se transformam em orvalho suave e fértil, descendo pela manhã, lavando os corpos mortos, que se tornaram mais brancos e aprazíveis por efeito de tais banhos e lavagens. Mas quanto mais brancos e lindos se tornavam, mais perdiam umidade, até que finalmente o ar se tornou claro e limpo, enquanto todo o clima nublado e úmido se dissipou, e o espírito e a alma da noiva não podiam mais permanecer no ar límpido e voltaram ao corpo transfigurado e glorificado da rainha, e tão logo o corpo os sentiu, tornou-se instantaneamente vivo. Com isso rejubilei-me muito, como podereis muito bem imaginar, especialmente quando a vi elevar-se, em um vestido precioso, dos que são vistos por muito poucas pessoas aqui na Terra, e ela estava com magnífica coroa adornada com diamantes sem jaça, e eu a podia ver levantar-se e dizer: Ouvi, filhos dos homens, e observai, vós que nascestes de mulheres, que o Altíssimo tem o poder de colocar reis no trono e de destroná-los novamente. Ele faz os ricos e os pobres, de acordo com Seu desejo. Ele abate e ressuscita novamente.

Contemplai tudo isso em mim como vivo e verdadeiro exemplo: fui grande e me tornei pequena; mas agora, após me ter tornado humilde, fui elevada a rainha para reinar sobre muitos domínios. Fui abatida e revivi novamente. As grandes riquezas dos Filósofos e dos poderosos foram confiadas a mim e dadas a mim, uma pobre.

Por isso me foi dado o poder de fazer ricos os pobres, levar misericórdia aos humildes e saúde aos doentes. Mas ainda não sou como meu amado irmão, o grande e poderoso rei, que ainda será convocado dos mortos. Quando ele vier, provará serem meus ditos verdade.

E enquanto ela assim falava, o sol brilhava intensamente e os dias se tornaram mais quentes. A canícula estava por vir. E muito antes das núpcias de nossa nova rainha haviam-se preparado muitas vestes custosas, feitas de veludo negro, damasco cinzento, seda cinzenta, tafetá cor de prata, cetim branco como a neve, sim, uma peça em prata de extraordinária beleza, incrustada de preciosas pérolas e coberta de diamantes de refulgente pureza. E da mesma maneira foram preparadas vestimentas para o jovem rei, feitas de tecidos preciosos, com tonalidades amarelas da aureolina, e um traje de veludo rubro, bordado, adornado, e onde repontavam rubis de alto valor e carbúnculos em grande quantidade. Mas os alfaiates que fizeram estas vestimentas não estavam visíveis, e eu me surpreendia muito quando via uma peça após outra, e uma veste após outra sendo terminadas, pois sabia que ninguém mais, além do noivo e da noiva, havia entrado na câmara. Mas o que mais me surpreendeu foi que tão logo uma veste ou um traje ficava pronto, os anteriores desapareciam perante meus olhos, e eu não sabia para onde sumiam nem quem os escondia.

E após esta custosa veste ter sido terminada, apareceu o grande e poderoso rei, em todo o seu esplendor e glória, e não havia nada que se lhe assemelhasse. E quando ele se viu trançado, pediu-me amistosamente, com palavras suaves, que lhe abrisse a porta, para que fosse capaz de sair, e disse que isto seria para minha vantagem. E, apesar de me ser estritamente proibido abrir o quarto, eu estava tão impressionado com tão imponente apresentação e com o doce poder de persuasão do rei, que lhe abri a porta de boa vontade. E quando saiu, mostrou-se bastante amigável e gentil, e mesmo humilde, de modo que se podia verdadeiramente ver que nada adorna tanto as pessoas de nobre origem quanto estas virtudes.

E como ele passou os dias caniculares sob grande calor, estava sedento, fraco e cansado, e me pediu que lhe trouxesse um pouco da água corrente de sob as rodas d'água do moinho. Isto eu fiz, e após ter bebido avidamente grande parte dela, retornou ao seu quarto e me ordenou que trancasse a porta firmemente, para que ninguém lhe perturbasse o sono a que se ia entregar.

Lá, descansou por vários dias, e então me chamou para lhe abrir a porta novamente. Mas observei que se havia tornado ainda mais formoso, mais vigoroso e vistoso, e ele também o notou. E percebendo que isso fosse devido à água maravilhosa e salutar, pediu-me mais dela e dela bebeu muito mais do que na primeira vez. E eu resolvi ampliar a construção do quarto. Após o rei ter bebido desta bebida deliciosa, que os ignorantes não apreciam em nada, até satisfazer o seu coração, ele tornou-se tão belo e resplandecente que em toda minha vida nunca contemplei alguém mais magnífico ou mais nobre em comportamento e caráter. Então ele me levou para seu reino e mostrou-me todos os tesouros e riquezas do mundo, pelo que tenho que admitir que não apenas a rainha havia dito a verdade, mas que ele também dera uma grande parte desses bens àqueles que conhecem o tesouro e sabem descrevê-lo. Havia enorme abundância de ouro e carbúnculos preciosos, e rejuvenescimento e restauração das forças naturais, assim como a recuperação da saúde perdida e a eliminação de todas as doenças, eram coisas comuns naquele lugar. Porém o mais agradável nesse reino era que os habitantes conheciam, temiam e louvavam a seu Criador, obtendo d'Ele sabedoria e conhecimento, e finalmente, após a alegria terrena, ganhavam a glória eterna. Para esse fim, que nos ajudem Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

AMEN.

A Celestial e Terrena Eva, Mãe de todas as criaturas no Céu como na Terra.

Deus é um espírito eterno, incriado, infinito, sobrenatural, auto-sustentado, celestial e existente, que no curso da natureza e do tempo tornou-se um homem visível, corpóreo, mortal.

A Estrela dos Reis vindos do Oriente.

A Natureza é um espírito criado, natural, oportuno, definido, espiritual, existente e corpóreo, uma imagem, semelhança e sombra, formada segundo o espírito eterno incriado, oculto e entretanto visível.

OCULUS DIVINUS
per quem Deus vidit & creavit omnia.

Tudo tem seu fim! E anuncia seu princípio!

LUMEN GRATIAE, ERGON
sunt duo

Eva Celestial
O Novo Nascimento

O homem! O homem! Vê como Deus, o Verbo, tornou-se homem.

Inocente eu recebi. Danado será aquele que não crê.

TINCTURA COELESTIS.
S. S. Sacramenta.

ROSA CRUCIS VENITE.

VIDETE. VIDETE. VIDETE.

Quem tiver olhos para ver, poderá ver, e verá corretamente.

Busca a amizade de Archaeo, o confiante porteiro, pois ele jurou



OCULUS NATURAE
sive Coeli, per quem Natura visitat, & regit terrena omnia.

Vivo, mortal, efetivo, perecível e a renascer novamente.

LUMEN NATURAE, PARERGON FRATRES.

Eva Terrestre
O Antigo Nascimento

O homem, ó homem, reflete como a Natureza é um grande mundo e tornou-se Homem.

Inocente eu devolvo. Não o desprezes para que não te envergonhes.

TINCTURA PHYSICA.

Leite da Virgem e suor do Sol, é mãe de seis crianças e uma pura virgem.

PHILOSOPHORUM VENITE.

ARRIGITE, ARRIGITE, aures.

Quem tiver ouvidos, que ouça, pois a chamada não será em altos brados.

fidelidade à Natureza, e da Natureza é o servidor secreto.

VIDEAMI NI COLLEGIUM AD

SPIRITUM SANCTUM

Eu a conheço, e sobre ela ponho-me de pé!

Multi sunt vocati

Ó Harpócrates, só esta vez e nunca mais!

Oh, não muito, estou perplexo e muito assustado.

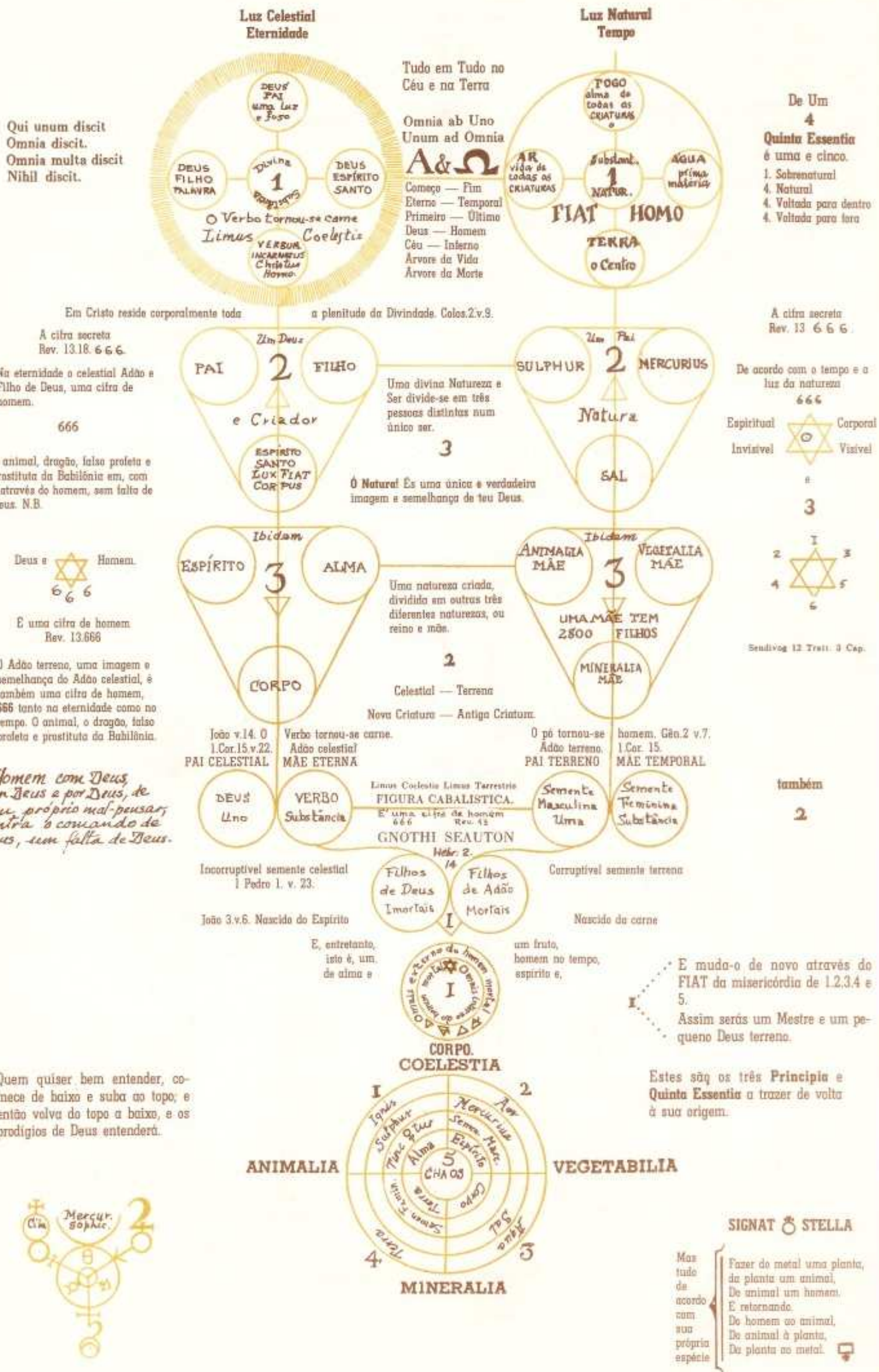
pauci vero electi.

O maravilhoso pássaro Fênix com seus três ovos, o primeiro cheio de ar, o segundo com duas gemas, no terceiro bica um galinha.

Dominus providebit

Exitus acta probabit.

Sobre Deus e a Natureza



[64]

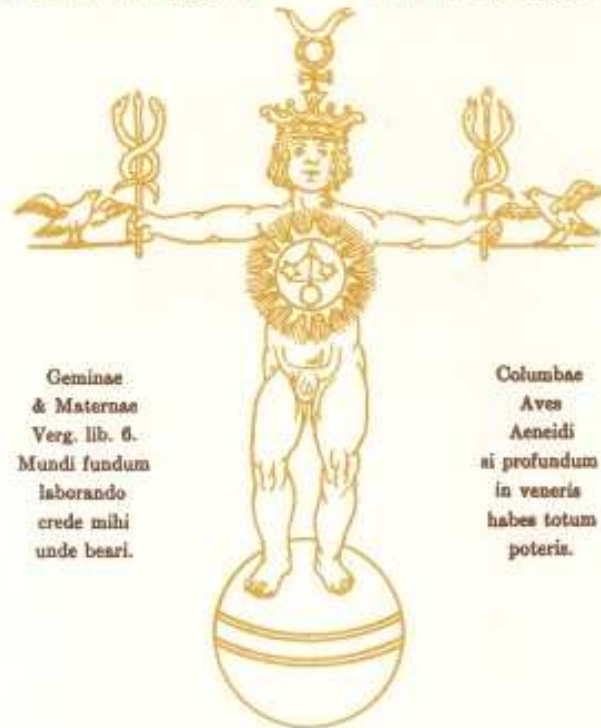
Per Sal, Sulphur, Mercurium
Fit Lapis Philosophorum.

DE
MERCURIUS **MERCURIO**

Através de ☉ ☿ ☿ está o princípio de nossa vida e o de todas as coisas, NB. Mesmo o fim de todo o mal, e após a sua putrefação, um novo nascimento melhor que o anterior.



Tu és o princípio e o fim da vida.
Tu és esperança após a morte.
Saturnus, o renascer,
Sol, Luna, seu corpo.



Geminae
& Maternae
Verg. lib. 6.
Mundi fundum
laborando
crede mihi
unde beari.

Columbae
Aves
Aeneidi
si profundum
in veneris
habes totum
poteris.



Ó único amor de Deus na Trindade,
Tem Misericórdia de mim na eternidade.

O orvalho do Céu e a gordura da Terra são nosso Art Subjectum, ou **Materia**. Em consequência, não é mineral nem metal; o Pitagórico indica-nos que existem duas substâncias mercuriais de uma só raiz:

Fogo e água, Isch-schamaim, a saber, ☿, extraído de **Minera**, em que se situam todos os metais e minerais.

É um orvalho do Céu ☉, mas um orvalho mineral e metálico do Céu, no qual se encontram todas as cores do mundo, que pode ser coagulado por meio de operações artificiais, num sal doce, chamado **Maná**, num remédio; **Sol Pater**, **Luna Mater**, de ambos recebe sua luz, vida e esplendor, sua ignea essência luminosa do Sol, da **Luna** sua aquosa essência luminosa. Acharmos esse rocío coagulado e dissolvido. Ele cai do alto até as profundezas da terra e seu corpo é composto das partes mais sutis da terra. De cima este orvalho recebe sua alma e espírito; fogo e luz entram na composição de seu corpo salino, recebendo os poderes das coisas de cima e de baixo (**nempe Virtutes Substantiales**).

A nossos olhos, este orvalho-mineral aparece em branco, amarelo, verde, vermelho e negro, estas sendo as únicas cores visíveis a nossos olhos exteriores. Pois ele aparece corporalmente aos olhos externos,

sendo às vezes visto pelos mineiros nas montanhas, sendo sua aparência aos olhos exteriores pesada, aquosa, gotejante. Nem os mineiros nem os artistas sabem que uso dele fazer, pois não sabem para que finalidade a Natureza ali o colocou, nem de que sexo é e nem se é mineral ou metal; tudo isso é incompreensível e irreconhecível. O melhor orvalho é aquele cuja cor parece a do electrum coagulado ou âmbar transparente.

O uso que o mundo dele faz eu não sei, mas ele tem todo o seu poder em todas as coisas. O orvalho em si mesmo é sempre rejeitado e desprezado; ele separa-se em dois ramos, branco e vermelho, de uma única raiz, e sobre essa única raiz ele fica, crescendo como uma alvirubra Rosa de Jericó e floresce como um lírio do vale de Josafá: muitas vezes é arrancado fora da época pelos mineiros e é torturado por operários ignorantes. O verdadeiro artista conhece sua influência, e o colhe em plena florescência, com botão, semente, raiz, haste e ramos, a saber: em plena florescência, pela fé dos olhos internos abertos. É bastante dizer o que se segue sobre sua forma corpórea: Não é metal nem mineral, mas, não obstante, é a primeira madre e matéria de todos os metais e minerais.

Nada é além de um Leão com seu sangue coagulado, e glúten da Água branca.

Quem o buscar, que sofra,
Quem o achar, que silencie,
Quem o tiver, que o esconda,
Quem o usar, faça-o em segredo,
Quem for um verdadeiro **Philosophus**, permaneça anônimo,
Não confies em ninguém a não ser em Deus,

Pois só Ele mantém Sua palavra,
Busca amigos em tua mente,
Sê amável para com todos,
Mas em ninguém confies,
Ninguém senão em Deus,
Se não queres ser enganado,
Experto crede Ruberto.

Pois a lealdade escapou da Terra em direção ao Céu e deixou a todos os homens cuja mente está fixa na matéria terrena:



LIBER VITAE CHRISTVÆ

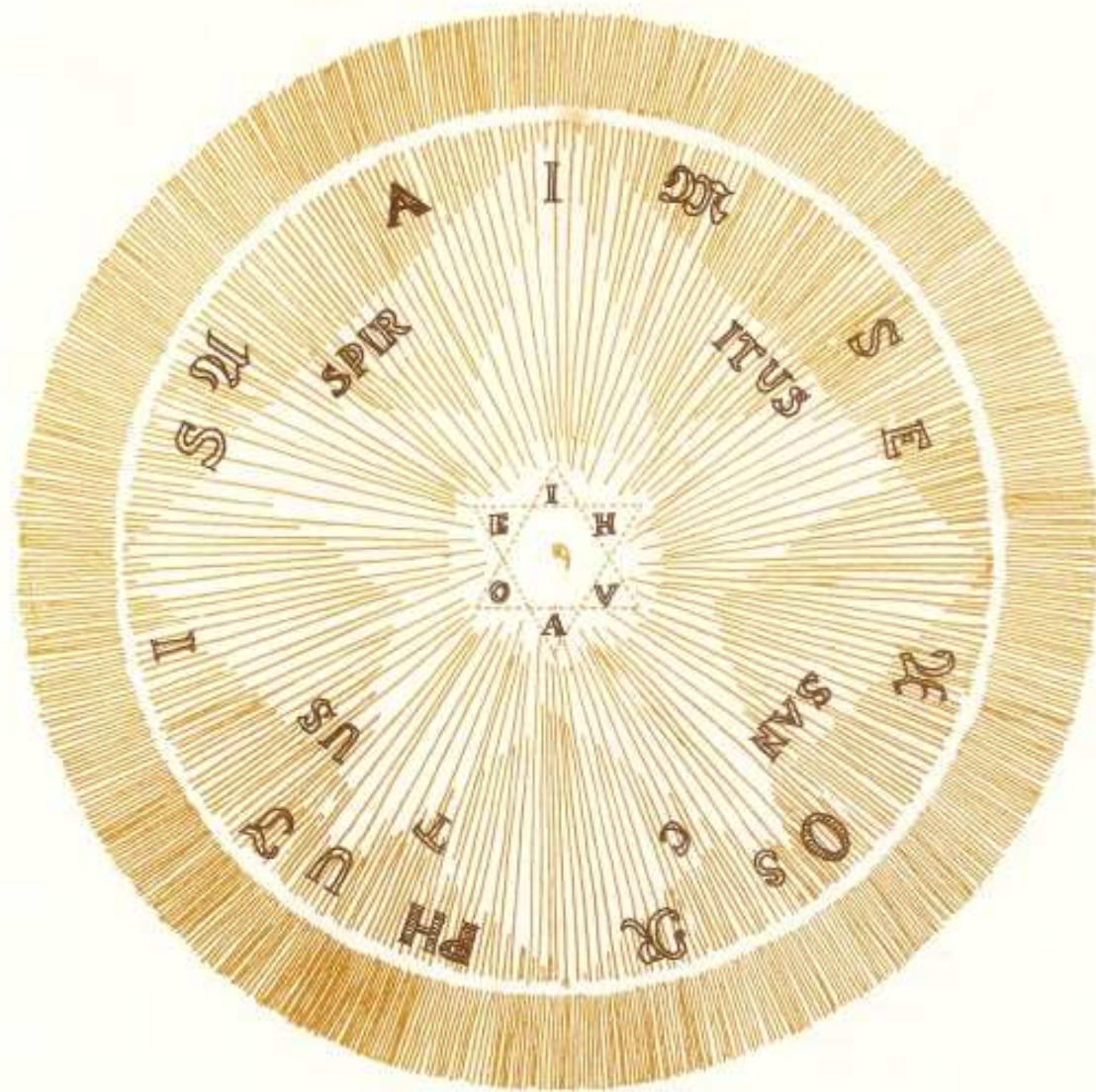
ou

A maneira certa de chegar-se à única e boa compreensão de Deus e da natureza e conseguir a verdadeira perfeição.

ENIGMA.

A morada dos que, como nós, são os verdadeiros crentes é um plúmbeo e sinistro castelo, enfeitado, cercado por espessíssima nuvem, de modo que ninguém dele pode acercar-se. Diante de tal castelo e em seu torno, está um belo e verde relvado, e sobre este uma grande rocha que oculta o castelo; sobre a rocha está um pilar de quatro cantos, feito de alabastro, no qual assenta um cetro de ouro encrustado de muitas gemas preciosas. Da rocha leva uma escadaria de onze degraus de branco mármore; circunda todo o edifício profunda e larga água. À praia está ancorado um barco, grande aos olhos e recoberto de veludo azul. Seu mestre e os barqueiros vestem-se de mantos de rubro carmim. Não longe brota uma fresca e clara fonte, e perto estão uma pirâmide e obelisco, sobre os quais se inscrevem os costumes dessa estranha ilha em 72 línguas. Quem quiser alcançar o principesco

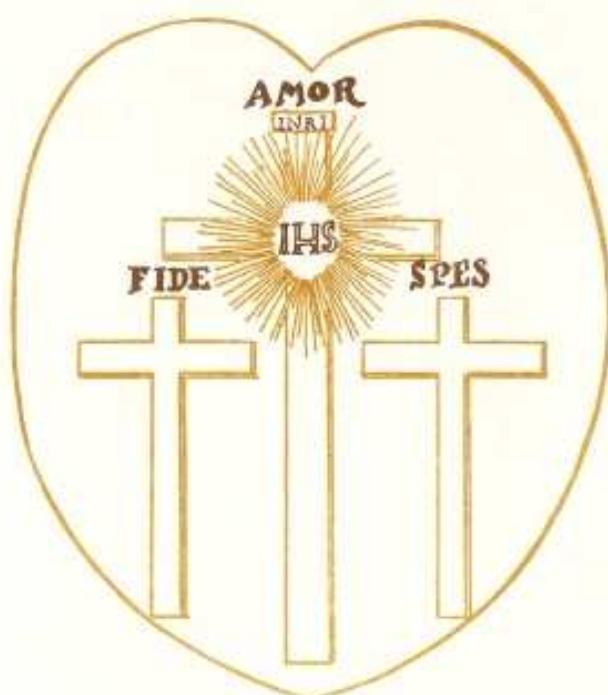
castelo e descobri-lo, deve passar primeiro por uma torre arruinada, chamada a Passagem Incerta; dali, podem-se ver e estimar os locais do sinistro, e entretanto invisível castelo; chega-se então a outra torre, chamada a Perigosa, que deve ser atravessada a pé, quando então se atinge a rocha, contra a qual bate a água, e se o cetro sobre ela for tocado com o dedo médio, e forem conquistados o lobo e uma cabra, que subitamente aparecerão, então surgirá uma bellissima virgem que dará ao vencedor uma grinalda em sinal de sua bravura e virtude. E as nuvens se abrirão, logo o castelo será visto, e o senhor do castelo, em longa túnica de seda gualda e gorro de escura cor de castanha, receberá novo hóspede e o conduzirá a todas as felicidades terrenas e celestiais.



Senhor, de Tuas mãos flui todo o bem. Todas as bênçãos e graças nos chegam de Ti. Com Teus dedos escreveste a letra da Natureza que ninguém pode ler a menos que seja ensinado na Tua escola.

Portanto, deixa-nos erguer nossos olhos a Ti, ó Senhor, da forma como os servos olham para as mãos de seu senhor e as servas para as de sua senhora, para que Tu possas nos ajudar. Ó Senhor nosso Deus, quem não Te louvaria, quem não Te glorificaria, a Ti, o Rei da Glória! Pois tudo vem de Ti e tudo Te obedece, e a Ti deve voltar novamente, sendo recebido no Teu amor ou em Tua ira. Nada pode Te escapar, tudo deve servir Tua honra e glória. Só Tu, e ninguém mais, és o Senhor. Fazes o que queres com Teu braço poderoso, nada pode Te escapar. Só Tu ajudas o humilde, o brando, o pobre, os que a Ti são devotados com todo o seu coração, em sua hora de necessidade, os que se humilham no pó perante Ti, para esses és dadivoso. Quem não deve a Ti louvar, a Ti, Rei de toda a Glória? Ninguém há como Tu, cuja morada está no céu e num santo, virtuoso e aflito coração. Ó Grande Deus; Tu és tudo em tudo! Ó Natureza! Tu que és tudo do nada, que mais posso dizer? Nada sou, por mim só, mas sou tudo em Ti, e em Teu tudo, eu vivo do nada: então vive Tu em mim, e assim, traz-me ao tudo, em Ti. AMEN.

SOBRE A REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO



Queridos irmãos em Cristo: Como Jesus Cristo, o Filho de Deus, será revelado pelo Espírito Santo através de Seu Pai, e o Pai foi revelado através de Seu Filho, assim sucederá que aqueles que aparentemente são Cristãos tornar-se-ão Cristãos e todas as pessoas aceitarão a crença cristã e se tornarão Cristãos. Mas, até onde se pode facilmente ver, Jesus Cristo e o Cristianismo jamais foram revelados, pois até agora o amor ao próximo e a Deus foi inteiramente encerrado e extinto, e em seu lugar governa a carne: isto é, idolatria, fornicação, bebedice, gula, inveja, ódio, contenda, desacordo, assassinio, roubo, injustiça, luxo e ambição, tudo contrário à Revelação de Jesus Cristo e de Seu renascimento corpóreo. Ai de nós, desgraçada humanidade, que tanto nos opomos uns aos outros! Por que lutamos entre nós com garras e dentes? Extinguiu-se e morreu o amor derramado pelo Espírito Santo? Ninguém mais respeita seu semelhante? Somos, então, como as bestas, que se dilaceram, que se entredevoram e se destroem? Foram o Céu e a Terra feitos para um só homem? Não, isto não pode ser.

Ó Nobres, Condes e Cavaleiros! Teremos, porventura, que orar a Deus, nosso Criador, pela revelação e conhecimento de Jesus Cristo, Seu Filho, que é desprezado, ridicularizado e que, entretanto, é o maior no Céu como na Terra?

Ó Teólogos, Pregadores, incluídos todos os que ensinam: Deveis ser ensinados por Deus e deveis proclamar a Jesus Cristo de Nazaré, o Crucificado, a todos, com conhecimento e ensinamento verdadeiros, e isto deveis fazer de puro amor, e não por dinheiro ou por lucro. É também necessário que peçais ao Todo-poderoso Deus a revelação e o

correto conhecimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus e da Virgem. Para que assim possais ir avante, como as verdadeiras luzes deste mundo, perante os homens, já que assim tereis recebido vossa iluminação de Deus. Aprendei a conhecer a Jesus Cristo, que nos fez para a sabedoria, para a justiça, para a santidade, para a salvação, e por isso está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor. I Cor. I v. 31. Assim, logo cessarão as lutas, as querelas, a danação e a heresia, e haverá apenas amor fraternal e unidade entre vós, com a amizade de uma mente, uma vontade, um conhecimento, uma crença, uma beatitude e um perfeito amor para com o próximo e para com Deus.

Ó vós, povos desta terra, ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e velhos, grandes e pequenos, oremos a Deus pela revelação e pelo verdadeiro conhecimento de Seu Filho, Jesus Cristo, para que possamos viver em união, paz, amizade, paciência, bondade e humildade de coração, para que todos, em todo este mundo, possam viver como se de um só coração, um só amor, uma só comunhão, uma só igreja, uma só fé e em uma só mente em Jesus Cristo, em quem nós e todos os homens seremos abençoados.

De outro modo, não conheceremos a Jesus Cristo, que por nós morreu na cruz, e ninguém O glorificará apenas com sua boca, pois Ele vê nossos corações, e onde há amor, a injustiça cessará em todas as coisas que são feitas no mundo.

Ó vós, que amais com intensidade, amar de todos os amores, quão leve é o fardo e como é suave teu jugo! Assim falou a Sabedoria celestial e eterna, e o próprio Amor. Mat. II. João 3.



Comei e bebei, amigos;
ó amados.

Experimenta e vê quão amistoso
pois o Meu Corpo é o alimento certo,

Quem quer que coma de Meu Corpo
Em Mim morará,

É assim que
o que é imperecível, mas ali

Pois o Espírito vivifica,
estas palavras minhas

Taulerus.

A verdadeira ceia é a essencial, possante e todapoderosa presença de Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo.

Deus é luz e n'Ele não há qualquer treva. Mas se companheiros e o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho.

Par nossos pecados foi Ele ferido e

EGREDERE.
per Viam **CRUCIS.**

Ao que prevalecer, darei de comer o maná oculto, e lhe darei uma pedra branca, e na pedra um novo nome inscrito, só conhecido daquele que o receber. Rev. 2. v. 17.

Cristo é o tronco e a árvore da vida, através da qual a amarga água de Mara foi adoçada, e que somos nós senão Seus ramos através dos quais Ele frutifica em nós pelo Seu poder. Todos os que encaneceram no amargor desta vida limitada pelo tempo, renascemos através d'Ele, na doçura da vida eterna.

Sua alma é o que há de essencial na minha alma, e pela Sua alma Deus tornou-se homem para que pudéssemos ser à semelhança de Deus, n'Ele e através d'Ele, no amor e na vida de Jesus Cristo. Para que possamos renascer e sermos revelados na imagem eterna e celestial, numa vida divina. O Homem: É um grande e insondável segredo, quando começamos a considerá-lo, e lembra-te que em Cristo somos membros de um só corpo e todos nós estamos n'Ele, exceto Um. Que todos nós recebemos e nos beneficiamos do Único Cristo, e que somos e permanecemos no mesmo Cristo um corpo unificado, que é Ele próprio. E nós somos o corpo e os membros. Sim, estamos atadas juntas com Ele e n'Ele, num Único Homem, e esse Homem é cada um, separadamente, em Cristo. Através do pão e do vinho, todos comemos e bebemos do corpo e sangue de Cristo com o desejo Essencial e a boca desejosa, crente, o amor de fogo e a boca da vida de nossas almas. O homem real mais íntimo, uma criatura de paraíso e de eternidade, uma imagem de Deus, oculta-se sob a grosseira forma animal e deseja uma nutrição espiritual ou Tintura, e portanto come da carne e do sangue espirituais de Cristo, pois Ele é um ser espiritual.

A fome da alma pela verdadeira crença é a boca espiritual divina, comendo e bebendo, nos mais íntimas profundezas da alma, o Corpo e o Sangue de Cristo. Aquilo que vem do Espírito e que consiste no Espírito é que é o maior e mais alto nutriente das almas. O fogo espiritual e faminto da alma busca alcançar, atinge, come e bebe com sua boca espiritual aberta, crente, o ser santo e inconcebível, a Carne e Sangue de Cristo. Ela toma este poder sobrenatural, santo, essencial, através do meio do pão e do vinho, e através de tal meio o eterno invisível torna-se uno com o visível, espiritual, imortal, eterno ser humano. Compreende: A Fé torna-se, através dessa transformação, um ser, carne e sangue espirituais. Pois uma Fé pode apreender a outra. A Fé séria dos vivos apreende a Fé do eterno: e é tão forte e poderosa, que pode derrubar montanhas e transportá-las. A verdadeira e essencial fé do homem é o próprio Cristo, que está nele, e nele reside, e é sua vida e luz. Vede, esta é a maneira pela qual estamos sendo

bebei fartamente,
Cant. 5 v. 1.

é o Senhor, e pensa em Mim,
e Meu Sangue a bebida certa.

e beba de Meu Sangue,
e Eu nele morarei.

o alimento afeita
permanece em vida eterna.

e a carne de nada serve;
são espírito e vida.

Taulerus.

Quando Deus nos quer dar o doce sabor de Seu amor e bondade, Ele próprio torna-se alimento e refrigério de nossas almas.

andarmos na luz, como Ele está na luz, seremos nos limpará de todo o pecado. 1 João 1. v. 7.

por Suas chagas fomos curados.

INGREDERE.
per Viam **LUCIS.**

purificados através da Fé e iluminados e inspirados através do Espírito Santo. O animal grosseiro, que é só o envoltório externo, recebe apenas um ser elementar ou alimento terreno e come do perecível ser-mundo, do qual ele mesmo consiste. Mas a Alma é de Deus e de Suas palavras. Marcos: Assim como é a boca, assim também é o alimento: Cada **Principium** come e bebe de sua semelhança: Cada espírito come e bebe daquilo de onde proveio, e em cujas profundezas ou **Centrum** ele se situa: Pois o que tem de comum a Luz com a treva? Uma não pode abarcar a outra.

O corpo natural, mortal e perecível recebe seu alimento da terra; e o corpo sideral, volátil e perecível recebe seu alimento do firmamento; mas o espírito do Senhor é a vida de almas e a vida da vida imortal mais interior.

O homem mais interno, como o puro corpo-energia Adâmica, com sua bela, eleita, graciosa, celestial noiva, recebe em grande amor e desejo em sua crente espiritual boca o ser espiritual invisível, e sobrenatural carne celestial de Cristo, uma tintura da vida, um perpetrante amor ígneo e ser-energia, pois a fé é a pedra angular, aquilo que inicia e que termina, eletuando o mais íntimo, eterno Sabá nas profundezas mais interiores de nossas almas, eletuando também o poder de Deus através do amor de Jesus em quieta tranquilidade e pacífica beatitude.

Cristo não deu a seus Discípulos o ser criatural, a natureza humana de carne, compreensível, exterior. Não: quem não consegue discernir o corpo do Senhor e come e bebe do pão e do vinho, recebe-O mas será condenado. Ele lhes deu a natureza humana espiritual, o poder do Seu corpo e sangue, uma vida e uma condição adorável de corpo celestial e santificado, um ser espiritual que é também um corpo espiritual. Isto Ele trouxe dos Céus, e nisto entende-se a energia humana divina e eterna: Isto Ele introduziu em nosso corpo, alvejado pela luz, de modo que Ele nos faz reviver através de Sua celestial existência em nossos corpos.

Nenhuma criatura mortal pode olhar um ser espiritual, e muito menos podemos agarrá-lo, manipulá-lo e gozá-lo com nossa boca mortal e terrena. Mas isto é concebível e compreensível para o espírito das almas que ficam no divino **Centrum**, pois Ele, Cristo, é o corpo do Espírito e o espírito do Corpo, no corpo de nossa alma que Ele nos deu para comermos em Fé. Nenhum homem mortal e indigno poderá alcançar e receber o celestial, indescritível e inalterável pão da eternidade, e muito menos poderá dele provar.



ADVERSIDADE e MORTE	NATUREZA	LEI	EVANGELHO	MISERICÓRDIA	PAZ e JUBILO BÊNÇÃO e VIDA
	ADÃO			CRISTO	
	CARNE			ESPÍRITO	

Esta é a Revelação, o testemunho, o verdadeiro conhecimento de I.C., Deus e Homem, o vivo Livro da Vida, toda a sabedoria celestial e terrena no Céu e na Terra, o livro selado de acordo com o tempo e a eternidade. E eu vi a mão direita d'Ele, que sentado estava no trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E vi um forte anjo proclamando em alta voz: Quem é capaz de abrir este livro e desatar seus selos? E muito chorei, pois ninguém no Céu ou na Terra, nem mesmo sob a Terra, foi capaz de abrir o livro e nem mesmo para nele olhar. Rev. 5. E ele assim me falou: essas palavras são fiéis e

verdadeiras, o Senhor enviou Seu anjo para que mostrasse a seus servos as coisas que em breve deverão suceder. Não selas as palavras de profecia deste livro; pois os tempos são chegados. Rev. 22. v.6.10. Abençoado é aquele cujo nome está escrito no Livro da Vida. E eu não apagarei o seu nome do livro vivo do Cordeiro. Filipe 4.v.3 Rev. 3.v.5 Rev. 21.v.27. E aquele que não estivesse inscrito no Livro da Vida era arremessado no lago de fogo. Rev. 20.v.15. Vede, eu chego logo; Abençoado o que obedece às palavras de profecia deste Livro. Rev. 22.v.7.

O Livro Selado.

Rev. 5.



As quatro bandas atadas umas às outras, isto é, Alfa e Ômega, Eternidade e Tempo. E a roda para se ver, semelhante a quatro rodas, e todas as quatro se pareciam, como se fossem uma roda dentro de outra. Assim são os quatro seres. Ezequiel 1 e os quatro seres. Rev. 4.6 e Rev. 19 e a cidade quadrangular de Deus, feita de acordo com as medidas de um homem. Rev. 21.

E vede: no meio do trono estava um cordeiro, assim como havia sido morto, que tinha sete chifres e sete olhos; estes são os sete espíritos de Deus, enviados a todos os países, isto é:

Os Sete Selos

E eu vi surgir da terra uma besta, que tinha dois chifres, como de um cordeiro, mas falava como dragão; ela exercia toda a autoridade da primeira besta; a todos faz que lhes seja dada uma marca em suas mãos direitas, ou sobre suas fronteiras, para que ninguém possa comprar ou vender senão aquele que tiver a marca ou o nome da besta, ou o número do seu nome, isto é, 666.

Aqui está a Sabedoria, pois é Número de Homem

Rev. 13.



Toda { 1. Sabedoria em um livro }
 { 2. Poder em uma pedra }
 { 3. Beleza em uma flor }
 { 4. Riqueza em um tesouro }
 { 5. Beatitude em um estado } } é, e é chamada

IESUS CHRISTUS

a † ω

Crucifixus & Resuscitatus.

Isto é:

O poço, a árvore, a luz e o verdadeiro Livro da Vida e do Cordeiro; quem isso tiver, entenderá todas as coisas no Céu, na Terra; e sob a Terra, e delas virá; e todas as outras Livros testemunham só isso.

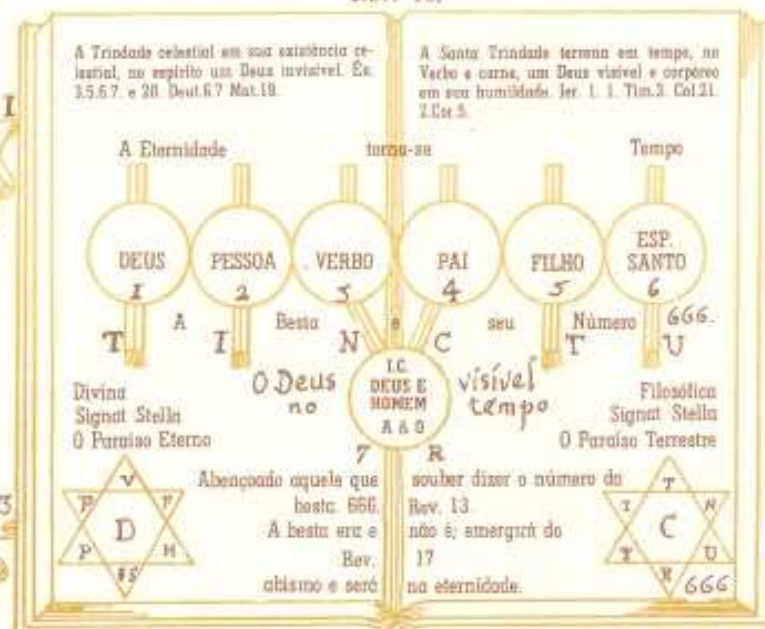
Esta é a revelação e testemunho e o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, Deus e Homem, o Livro vivo da Vida, toda a sabedoria Celestial e Terrena, no Céu e na Terra, o Livro aberto segundo o Verbo e sua sagrada existência mortal no mundo e no tempo, que Deus deu aos seus servos. E vi outro anjo forte, que descia do Céu, vestido de uma nuvem. E tinha na sua mão um livrinho aberto; e ouvi uma voz do Céu que disse a mim: Vai e toma o livrinho aberto da mão do anjo, e a voz tornou a dizer: toma-o e come-o; e havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo. E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos e nações e línguas e reis. Rev. 10. E outro livro se abriu, que é o da vida. Rev. 20. E um dos anciãos disse-me: Não chores: Eis aqui o Leão de Judá, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus Sete Selos. E veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono e, havendo tomado o livro, os quatro animais e vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro e disseram: Digna és de tomar o livro, e de abrir os seus Selos. Rev. 5. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Rev. 2 e 3. Se alguém tem ouvidos, ouça, aqui há Sabedoria. Rev. 13.

O livro aberto com seus sete selos

Rev. 10.

A Primeira Banda.
O Cordeiro com ambos os seus chifres, isto é, o reino celestial e o terreno, de acordo com o Padre-nosso, e Rev. 13.

A Terceira Banda
O antigo nascimento, o Antigo Testamento, a abrasante, zelosa lei. Êxodo. 20.



A Segunda Banda.
Ambas as naturezas unidas, a Divindade e a Humanidade na pessoa única de I.C.

A Quarta Banda
O novo nascimento, o Novo Testamento, o dadivoso Evangelho.

Fecha novamente o livro com seus Sete Selos abertos para que ele se torne novamente o primeiro livro selado, celestial no Deus invisível. E o Espírito moveu-se em Deus, e a Pessoa no Filho e o Pai no Verbo, e assim é selada a Santíssima Trindade das três pessoas celestiais, espirituais, invisíveis, eternas, unidas na Trindade Terrena, temporal, visível, corporal, da Pessoa Única e Humanidade, Jesus Cristo, D. e H. E Seu Ser Mortal é um Trono, Sede, Céu, Casa e Morada, a Trindade Eterna Indivisa, inteiramente no Céu e na Terra e que é o Livro Selado, a Revelação, o verdadeiro conhecimento e testemunho de Jesus Cristo, D. e H. Pois n'Ele reside a plenitude da Divindade, corporalmente, como diz a Santa Sabedoria. João 9.10.12.14.17. e Coloss. 2



i. e.
Signat Stella



Rev. 1.2.3.4.5.

JESUS CHRISTUS

a fundação e viva pedra angular em Sião, para que se veja desde a profundidade do espírito e da verdade, significa

VIDA ETERNA

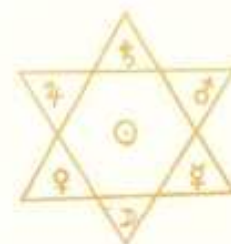
e

AMAR DO CORAÇÃO

a

JESUS

é melhor, muitíssimo melhor do que saber todas as coisas.



Summa Summarum: Esta é a conclusão final: Oculto nestes dois provérbios está tudo o que se encontra dentro do âmbito da luz celestial e terrena, e aquele que corretamente entender estes provérbios na eternidade e no tempo é um verdadeiro e esmerado Teosophus, Cabalisticus, Magus e Philosophus; e aquele que souber interpretar estes dois provérbios de acordo com o Alfa e o Ômega é pessoa que merece todo o crédito e confiança. E também podes pôr à prova qualquer um que isto possa fazer, e pesá-lo na balança da R.C.

Põe toda a tua atenção nisto!

1.

Em Cristo, o visível, perceptível Deus e Homem, reside toda a natureza divina, invisível, celestial da Santíssima Trindade, isto é: Deus Pai, Filho e Espírito Santo,

2.

No visível, perceptível, belo Ouro reside a natureza aperfeiçoada, terrena, invisível, criada, a Trindade natural terrena, isto é: Sulphur, Mercurius e Sal.

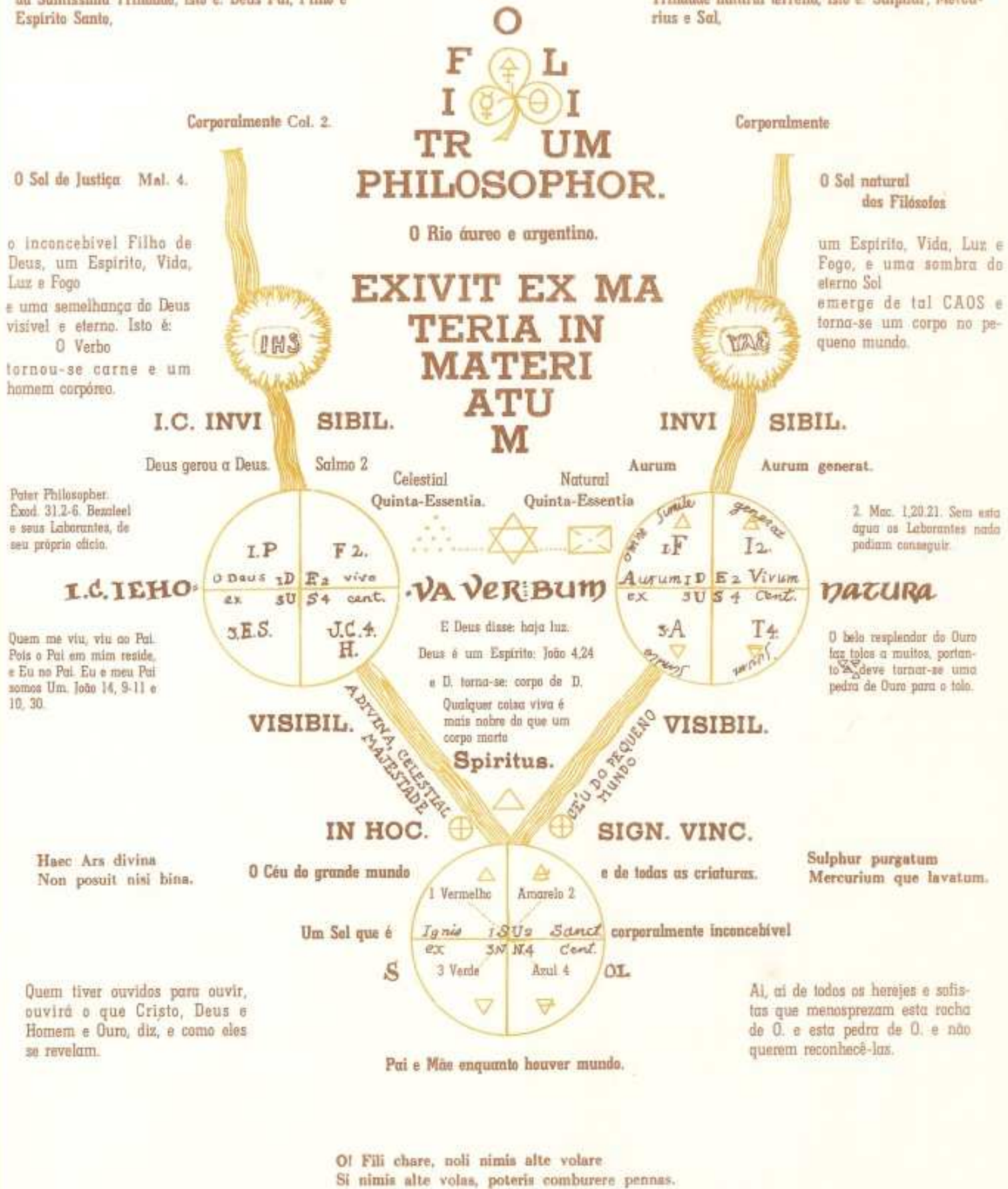


FIGURA CABALISTICA

do Número Maravilhoso

1. 2. 3. 4.

Fogo e luz foram o princípio Gên. 1.v.3
Fogo será o fim. 2 Pedro 3.v.10.12
Sou o palácio e a chauspana da Natureza.
Desafia o que contra mim falar.

O Sol Celestial
com seu arco-íris e 4 cores.

NATURA.



1. a cor vermelha
2. a cor amarela
3. a cor verde
4. a cor púrpura

o e d
devem ser
esfurecidos
e tornados negros

Mortificatio.

1. Fogo natural reto
2. Fogo sobrenatural
3. Fogo contra a natureza
4. Fogo não natural

A Natureza deve obrar
e através de si

Irás pela senda certa,
natural e

Fogo e luz foram. 2 Cor. 4.v.6
Fogo e luz serão. 1 Tim. 6.v.16 1 João 1. v.8.7.
O Sol do Filósofo, para quem contempla.
Meu poder está dentro e acima da terra.

O Sol Terreno
com seu arco-íris e 4 cores.

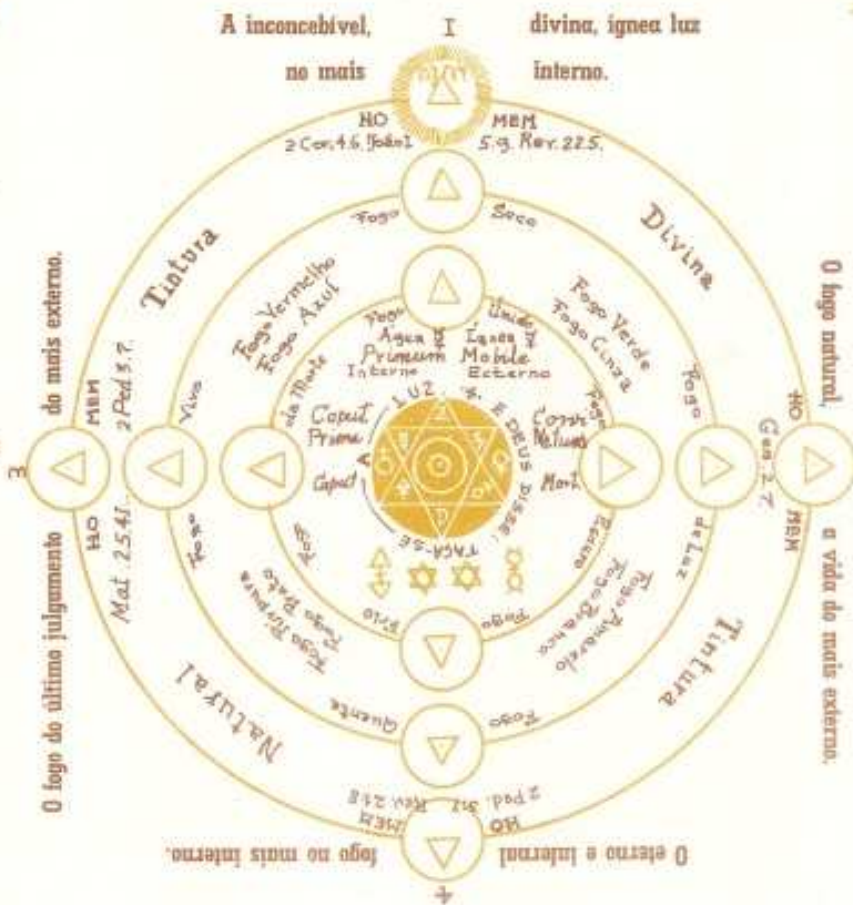
TINCTURA.



- cor negra 1.
- cor verde 2.
- cor branca 3.
- cor vermelha 4.

Sobre o fogo natural
e sobrenatural.

O fogo invisível e visível
dos 4 elementos.



Rom. 11.v.36 Porque d'Ele, por Ele e
para Ele são todas as coisas. Atos 17.v.28
Porque n'Ele vivemos, e nos movemos e
existimos.

1 Cor. 12.v.28
no Céu como

De que servem Sol, Lua, Fogo e Luz quando a
senda certa e deixa que um simples

O Deus, como é profunda a treva
O mundo está em todos os lugares!
Como é profundo o mundo em tolices
E como é afligido o mundo pela cegueira,
A senda certa é também pobre.

Deus, que está acima de tudo, e através de tudo,
e em todas vós. Eies. 4.v.8.

Na eternidade e tempo,
no inferno.

homem não os quer ver, enquanto trilha pela
fogo-fétus a desvia de sua meta.

Não sei como se podem desviar,
Como deixam de achar razão na Natureza.
Já que tão consumidas são as suas obras,
Tudo isso é feito só pela graça de Deus.
Sem ela, tudo é vão.
e devem ser escurecidas e tornarem-se negras.

Porque o Senhor acende minha lâmpada. O Senhor meu Deus iluminará minhas trevas.

Salmos 18.v.28

